UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

MARIA ELISABETE RABELLO

**Comunicação cotidiana em comunidades rurais:
o mundo de Bocaina, no Brasil, e de Calca, no Peru**

São Paulo
2011

MARIA ELISABETE RABELLO

Comunicação cotidiana em comunidades rurais:
o mundo de Bocaina, no Brasil, e de Calca, no Peru

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Integração da
América Latina, da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Mestre
em Integração da América Latina

Área de Concentração: Integração da
América Latina

Orientador: Prof. Dr. Renato Braz Oliveira
de Seixas

São Paulo
2011

RABELLO, Maria Elisabete. **Comunicação cotidiana em comunidades rurais:** o mundo de Bocaina, no Brasil, e de Calca, no Peru. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Integração da América Latina.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

À minha irmã Nilza, com saudade.

Agradecimentos

Ao meu esposo Denílson, pelo incentivo, apoio, carinho, companheirismo e boas ideias, e com quem compartilho esta conquista.

À minha mãe, Maria, por sua compreensão, presença, ensinamentos e, principalmente, pelo amor infinito.

A toda minha família, irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas, em especial o Ivan e a Adriana, que me acompanharam e incentivaram nesta caminhada.

Ao meu orientador, Prof. Renato Seixas, que com sua sabedoria, sensibilidade e dedicação me mostrou os caminhos para a construção desta dissertação, ajudando-me a superar qualquer limite.

À Direção do UNISAL, pelo apoio; a todos os colegas de trabalho e, especialmente, à equipe da Biblioteca, pela colaboração inestimável, e a tantos outros amigos e amigas que me encorajaram ao longo do mestrado.

Ao PROLAM, pela oportunidade de realização deste curso, e aos professores, pela riqueza dos ensinamentos e da convivência.

RESUMO

Esta dissertação identifica e analisa as redes pessoais de comunicação de habitantes de pequenas vilas rurais, em lugares específicos dessas vilas, tais como a praça, as igrejas, os armazéns, o posto de saúde, entre outros locais onde as pessoas se encontram. Verifica que meios de comunicação social estão presentes nas comunidades estudadas e como os habitantes se relacionam com esses meios. O estudo está focado também nos processos de afirmação da cultura local, hibridização cultural e rejeição de elementos culturais exógenos que transitam pelas redes pessoais de comunicação. A pesquisa de campo foi desenvolvida no Bairro da Bocaina, no município de Cunha, SP, Brasil, e no Anexo de Calca, Província de Tarma, no Peru, com a utilização das técnicas da pesquisa exploratória e qualitativa, com observação participante. Foram entrevistadas mulheres e algumas lideranças, no total de doze pessoas em Bocaina e onze em Calca. Em função da estrutura e características de pequenas comunidades agrícolas, que valorizam seu passado, suas tradições e seus costumes, as transformações culturais, a partir da comunicação, ocorrem de forma mais lenta do que nas sociedades urbanas, nas quais as mudanças tendem a ser constantes e aceleradas. As redes pessoais de comunicação foram estudadas com base nos conceitos dos estudos da recepção.

Palavras-chave: comunicação, cultura, cotidiano, comunidade rural.

RESUMEN

Esta tesis identifica y analiza las redes personales de comunicación de los habitantes de pequeños pueblos rurales, en lugares específicos, como la plaza, iglesias, tiendas, puesto de salud, entre otros lugares donde la gente se encuentra. Verifica que medios de comunicación están presentes en las comunidades estudiadas y cómo la gente se relaciona con esos medios. El estudio también se centra en los procesos de afirmación de la cultura local, la hibridación cultural y el rechazo de elementos culturales externos que circulan a través de las redes personales de comunicación. La investigación si desarrolló en el Barrio de Bocaina, en el Municipio de Cunha, Brasil, y en el Anexo de Calca, Provincia de Tarma, Perú, utilizando las técnicas de investigación exploratoria y cualitativa, con observación participante. Las mujeres fueron entrevistadas y algunos dirigentes, en el total de doce personas en Bocaina y once en Calca. En función de la estructura y características de las pequeñas comunidades agrícolas, que valoran su pasado, sus tradiciones y costumbres, las transformaciones culturales, a través de la comunicación, se producen más lentamente que en las sociedades urbanas, donde los cambios tienden a ser constantes y acelerados. Las redes personales de comunicación se han estudiado a partir de conceptos de estudios de la recepción.

Palabras-claves: comunicación, cultura, vida cotidiana, comunidades rurales.

ABSTRACT

This work identifies and analyses the personal communication nets of inhabitants of short rural villages, in specific places of these villages, such as the square, the churches, the warehouses, the health station and other places where people meet themselves. The work verifies that social means of communication are present in the analyzed communities and how people establish relations with these means. The study is also focused in the affirmation process of the local culture, cultural hybridization and rejection of exogenous cultural elements that pass through personal communication nets. The field research was carried out in Bocaina quarter, Cunha city, SP, Brazil and in Calca, Tarma Province, Peru, with the use of techniques of exploratory and qualitative research, with participant observation. Women and some leaders were interviewed, twelve in Bocaina and eleven in Calca. Because of the structure and characteristics of short agricultural communities, that value their past, traditions and customs, the cultural transformations, from the communicational manner, occur in a slower way than in the urban societies, where changes tend to be continuous and fast. The personal communication nets were studied based in the concepts of reception studies.

Key words: communication, culture, everyday life, rural community.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Justificativas e referencial teórico da pesquisa	15
Objeto da pesquisa	18
Objetivos	19
Comunidades pesquisadas	21
Bairro da Bocaina – Brasil	21
Anexo de Calca – Peru	22
Problematização	23
Hipóteses	23
Metodologia	25
 CAPÍTULO 1	 30
COMUNICAÇÃO E CULTURA: CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES	30
1.1 – Para compreender a comunicação	30
1.2 – As várias formas de comunicar	33
1.3 – Os meios de comunicação	35
1.4 – O olhar para o receptor	37
1.5 – Estudos da Recepção na América Latina	42
Aspectos culturais na comunicação	46
 CAPÍTULO 2	 52
A VIDA NA ROÇA	52
2.1 – A escolha de Bocaina e de Calca	52
2.2 – Um retrato das duas comunidades e de seus moradores	53
2.3 – Bocaina	58
2.4 – Calca	61
2.5 – A realidade do povo rural	66
 CAPÍTULO 3	 69
A COMUNICAÇÃO COTIDIANA DO POVO DE BOCAINA E DE CALCA	69

3.1 – As redes pessoais de comunicação	70
3.2 – A presença e o uso dos meios de comunicação	91
3.3 – Tradição e inovação	98
 CAPÍTULO 4	 105
RELATOS DE VIDA. AS CONVERSAS COM MULHERES DE CALCA E DE BOCAINA	105
4.1 – As conversas em Calca	107
4.2 – As conversas em Bocaina	127
4.3 – Tentativa de interpretação das conversas	157
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 160
 REFERÊNCIAS	 163
 ANEXO A	 169
ANEXO B	175

INTRODUÇÃO

O termo comunicação tem sido amplamente discutido e pesquisado. É assunto de milhares de livros, artigos, notícias, que indicam a importância da comunicação para a sociedade. Empresas e governos investem milhões na comunicação com o objetivo de se aproximar do público e convencê-lo de suas boas ações.

A cada dia surgem novas tecnologias para facilitar e dinamizar a comunicação entre pessoas próximas e distantes, tecnologias consumidas avidamente por um público ansioso por novidades, em busca do mais novo e revolucionário modelo de celular, de computador e de outros produtos desse setor da economia. Tudo isso para estar conectado o tempo todo, receber informações ininterruptamente e trocar mensagens a cada momento. É assim que vive e age uma parcela da população dos grandes centros urbanos.

Acostumados a essa realidade, corremos o risco de achar que esse é o modelo ideal de vida, de comunicação, de satisfação das necessidades humanas. Isso é moderno, alardeia a grande mídia, enquanto tudo que é diferente e se mostra tradicional tende a ser considerado atrasado e descartado. É a cultura que estaria prevalecendo nas metrópoles e se espalhando por muitos países pelas asas da globalização.

Nesse contexto, os meios de comunicação, impulsionados pela revolução tecnológica, ocupam um lugar de destaque na sociedade e são até confundidos com a própria comunicação. Depois do rádio e da TV, agora é a internet que vai alcançando cada vez mais espaço, chegando às regiões mais distantes do planeta.

Essa transformação tecnológica não repercute só na técnica, mas também na comunicação dos habitantes das cidades que utilizam, cada vez mais, os aparelhos nas relações sociais. E o fazem por vários motivos, como a falta de tempo, as distâncias, o trânsito, entre outros.

O que chama a atenção nisso tudo é que não muito distante dessa agitação dos centros urbanos existem vilas, pequenas comunidades rurais, onde as novas tecnologias ainda nem chegaram ou, se já estão lá, ainda não afetaram significativamente as formas de comunicação dos habitantes.

Essa percepção das discrepâncias entre os modos de vida e, conseqüentemente, da comunicação da cidade grande e do interior, em especial das comunidades rurais, despertou em mim algumas antigas inquietações sobre a comunicação.

Decidi, então, colocar em prática o interesse em conhecer e estudar a comunicação, no sentido original do verbo *communicare*, do latim, de “tornar comum” (BARROS, 2008), no sentido de troca, e também a relação que cada indivíduo estabelece com a mídia, e desenvolvi o presente estudo sobre a comunicação cotidiana em comunidades rurais para o Mestrado no PROLAM.

Optei por estudar comunidades rurais por acreditar que nesses locais predomina a comunicação pessoal, a comunicação real, como diz Marcondes Filho (2004), “a presentificação [...] que dá sentido à comunicação social”, como afirma Medina (2008, p. 57).

Mas o meu interesse pela comunicação surgiu muito antes dessas indagações sobre a vida e a comunicação nas cidades e no campo. Foi esse interesse que me levou à faculdade de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e se fortaleceu quando atuei como editora e âncora do Jornal Regional da Rádio Aparecida, em Aparecida-SP, minha cidade natal.

Acredito que, apesar da mediação da técnica, no caso o rádio, a minha relação com o ouvinte, e vice-versa, era próxima e significativa. Era uma relação de amizade, de confiança e de respeito, como demonstrava a grande participação dos moradores no programa, por meio de cartas, telefonemas e visitas à emissora.

Falávamos a mesma “língua” e os assuntos eram de interesse comum, ou seja, havia comunicação. Afinal, graças aos estudos, às oficinas de rádio¹ e à prática do dia a dia, conhecia bem as características do rádio como meio de comunicação que pede um estilo coloquial, uma linguagem afetiva, clareza e relação de confiança entre comunicador e ouvinte. O rádio é um veículo democrático, pois fala ao mesmo tempo para indivíduos de todas as classes sociais e permite a participação dos ouvintes, é imediato nas informações e leva o ouvinte a visualizar o que ouve. “Ao contrário da televisão, em que as

---

¹ Entre 1998 e 2002, participei de vários cursos de Rádio para Capacitadores da Pastoral da Criança, oferecidos por essa Pastoral aos membros da Rede de Comunicadores Solidários à Criança, do qual fazia parte, e conduzi oficinas de rádio para líderes da pastoral e para jornalistas.

imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser (MCLEISH, 2001, p. 15).”

Diariamente, incentivava a participação dos moradores no programa, e todos podiam manifestar-se. A comunicação, na maior parte do tempo, fluía tranquilamente, com espaço para críticas, elogios, reivindicações, reclamações, explicações, notícias e serviços de utilidade pública.

Em alguns momentos, parecia que a mensagem não chegava ao outro da maneira como eu acreditava que chegaria e da maneira como eu entendia essa mesma mensagem. E me perguntava por que algumas pessoas entendiam outra coisa e não o que eu havia falado.

Foi quando comecei a perceber que a comunicação não é tão fácil, direta e linear como eu pensava e havia aprendido ao estudar aquelas fórmulas que a resumiam em emissor – canal – mensagem – receptor. O processo de comunicação era explicado assim pelo paradigma funcionalista, que orientou fortemente os estudos de comunicação em nosso país até a década de 1980 e continua dominante (LOPES, 2003).

Ao analisar os paradigmas científicos das pesquisas em Comunicação Social, Lopes (Ibid., p. 57) considera que

[...] o modelo unilinear lasswelliano (referindo-se a Harold Lasswell) foi em grande parte responsável pela ‘especialização’ da pesquisa sobre cada um dos componentes daquele esquema, tais como pesquisa do emissor (ou da produção), do canal (ou dos meios), da mensagem (ou de conteúdo) e do receptor (ou dos efeitos).

Hoje temos os estudos da recepção, apresentados no Capítulo 1 desta dissertação, e que nos ajudam a entender melhor esse processo.

Naquela época, porém, eu ainda não entendia o que estava por trás da dificuldade de alguns ouvintes de compreender o que eu havia falado ou por que interpretavam de forma diferente. A concepção simplista de comunicação já não me satisfazia e vi que precisava voltar aos estudos, sentia necessidade de conhecer as novas teorias que buscavam explicar a comunicação.

Entre outros cursos e leituras, o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP me fez compreender a comunicação e o quanto é complexa. Os professores, as aulas, os livros e os seminários, enfim, todo o curso me possibilitou uma nova

percepção da comunicação como um processo muito mais amplo do que eu imaginava.

Com base nos vários autores lidos e relidos, percebo hoje a comunicação como relação, troca. É por meio dela que nos relacionamos, trocamos experiências, conhecimento e nos desenvolvemos enquanto membros de uma sociedade².

Embora faça parte do nosso dia a dia, a comunicação é altamente complexa, pois envolve questões muito particulares e subjetivas de cada um de nós, como a nossa cultura, anseios e relações, e ainda o meio onde vivemos. O interesse em conhecer esse universo tão complexo é que me levou a pesquisar a comunicação em pequenas comunidades rurais.

Freire, Marcondes Filho, Bakhtin, Medina, entre outros, insistem em que a comunicação não existe sem interação com o outro, sem uma reciprocidade entre os sujeitos, sem compreensão. Em nossa vida, vivemos inúmeras situações que comprovam esse sentido da comunicação. Nem é preciso ir para o rádio, como aconteceu comigo, para comprová-lo, basta estar atento à cotidiana comunicação com o outro em nossas relações com familiares, amigos, no trabalho e com desconhecidos.

Martín-Barbero (2001), Certeau (2007), Santos (2007) são alguns dos autores que nos ensinam sobre o que representam para a comunicação a cultura, as questões do cotidiano, as mediações sociais e o espaço em que vivemos. Morin (2002) acrescenta mais um elemento fundamental para a comunicação ao alertar para a necessidade da compreensão em nossas relações.

A Fenomenologia também nos ajuda a compreender a comunicação ao esmiuçar o papel da percepção, do sentido ou significação que cada um atribui aos objetos e experiências, enfim, à sua relação com o mundo. Chauí (2003, p. 136) explica que a percepção é comunicação com o mundo,

[...] envolve toda a nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo.

---

² Entre os autores dessa linha de pensamento sobre a comunicação estão Mikhail Bakhtin, Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Ciro Marcondes Filho.

É certo que os livros nos ajudam a enxergar mais longe e ampliam nosso universo tão pequeno, dominado pelas rotinas cada vez mais tomadas pelos inúmeros afazeres que nem cabem mais no tempo que dura o dia, a semana, o mês. E ao mesmo tempo em que ampliam nosso universo, provocam mais inquietações que despertam interesses como este de compreender a comunicação, enxergar dentro dela para tentar compreender o ser humano.

Quanto mais busco essa compreensão, mais perguntas surgem e o anseio de encontrar respostas para elas. Como está a comunicação entre as pessoas atualmente? Estamos de fato nos comunicando ou cresce o risco de incomunicação, como alerta Wolton (2006)?

E até que ponto os meios de comunicação interferem nas culturas, nos comportamentos de cada indivíduo e dos grupos? Na cidade, a vida corrida incentiva o uso das tecnologias, como celulares, internet, entre outros aparatos. E no campo, como será? Como se comunicam os moradores da zona rural, de pequenos povoados? Como se relacionam com os meios de comunicação? Quais suas preocupações, seus sonhos, que manifestam na comunicação com o outro? Eles se relacionam com os familiares e vizinhos de forma mais intensa, presente e solidária do que nós, da cidade? E como isso se dá?

As respostas a essas e outras perguntas que apresento adiante busquei nas pesquisas desenvolvidas nas comunidades do Bairro da Bocaina, no município de Cunha, no Estado de São Paulo, Brasil, e no Anexo de Calca, Distrito de Palcamayo, Província de Tarma, Peru.

Essas duas comunidades foram selecionadas por apresentarem algumas características semelhantes, como o distanciamento do centro urbano, o número de habitantes, em torno de 500, a atividade econômica e até mesmo a estrutura física do centro de cada vila, onde estão localizados a praça, a escola, o posto de saúde e várias casas.

A pesquisa de campo revelou também importantes diferenças entre os dois povoados, o modo e as condições de vida dos moradores, sua cultura e organização político-administrativa, como apresentamos a partir do Capítulo 2

Justificativas e referencial teórico da pesquisa

Acredito que conhecer a comunicação cotidiana praticada em comunidades rurais é conhecer os membros dessas comunidades, como vivem, como se relacionam entre si e com os meios de comunicação, quais são suas preocupações e sonhos. O estudo possibilita, portanto, conhecer, a partir da comunicação, o latino-americano que vive em pequenas comunidades rurais. Essa identificação pode colaborar para a integração do continente, processo estudado pelo PROLAM.

Considero que este estudo pode contribuir para um maior conhecimento da comunicação em nosso continente, em especial da comunicação realizada entre moradores de vilas rurais, que, apesar das precárias condições de vida que muitos enfrentam, conseguem manter sua vida social com momentos de encontros para discutir os problemas que os afligem, para rezar, para festejar, para comprar e se divertir.

A pesquisa sobre a presença dos meios de comunicação, em especial a TV, o rádio e a internet, nas duas vilas rurais selecionadas poderá ainda, a partir dos seus resultados, contribuir para os inúmeros estudos latino-americanos sobre os meios de comunicação e a ação do receptor, desenvolvidos a partir dos anos 80 (SOUZA, 2002).

Finalmente, outro aspecto relevante do estudo é que está voltado para um tema que tem adquirido cada vez mais importância em nossa sociedade: a comunicação social e as redes pessoais de comunicação.

Nas sociedades urbanas industrializadas, os habitantes estão expostos à influência dos grandes meios de comunicação social. Todavia, esses mesmos sujeitos criam e desenvolvem redes pessoais de comunicação, tais como os blogs (daí o neologismo “blogsfera”), o twitter, as mensagens SMS etc. São os novos vínculos eletrônicos, como diz Canclini (2005, p. 108), referindo-se ao rádio, à televisão e ao vídeo, e que podemos estender às novas mídias sociais que a cada dia atraem mais usuários.

Governos e organizações priorizam a comunicação em suas ações, investem milhões para levar suas mensagens e produtos aos cidadãos e consumidores, enquanto a indústria dedica-se freneticamente à criação de novos aparelhos para facilitar e dinamizar a comunicação. E nas sociedades

rurais? Quais são e como se desenvolvem as redes pessoais de comunicação? Onde estão e como se conectam os pontos nodais que viabilizam a comunicação? Está aí a essência desta pesquisa.

A rede de comunicação cotidiana nas comunidades de Calca e de Bocaina foi estudada com base nos conceitos dos estudos da recepção, desenvolvidos a partir dos anos 1980 e que identificaram a importância do receptor no processo de comunicação, pois até então as atenções estavam voltadas para o emissor, e o receptor era considerado sujeito passivo, integrante de massa homogênea e manipulável pelos grandes meios de comunicação social, como qualificavam os teóricos da Escola de Frankfurt (LOPES, 2003, p. 59).

Os estudos da recepção sublinharam o papel ativo que o receptor da mensagem desempenha no processo comunicacional, especialmente no que concerne à atividade de mediação simbólica dos conteúdos das mensagens difundidas pelos meios.

Wolton (2006, p. 59) contribui para essa discussão sobre o papel do receptor e afirma que:

A comunicação é um processo muito complexo de negociação entre as ideologias e as representações do receptor, que lhe permitem filtrar o que vem do exterior. Sim, o receptor é sempre ativo, esteja ele lendo, escutando, assistindo ou usando seu computador. Sim, o receptor é o grande enigma da comunicação, um enigma cujo interesse é crescente com a globalização da informação e da comunicação.

Martín-Barbero (2002, p. 54) explica que o estudo da recepção “quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido”.

As leituras e aulas sobre os estudos da recepção e o papel das mediações nesse processo me levaram a observar a conduta de familiares, amigos e colegas de trabalho diante de fatos que tiveram grande repercussão na imprensa, e a presença das mediações na formação de opiniões. Mesmo que a princípio alguns deles aceitassem a versão apresentada pela mídia, as conversas e debates envolvendo outros pontos de vista travados em casa, na roda de amigos ou nos intervalos para o almoço durante o trabalho, levavam a uma reflexão que poderia ou não provocar uma mudança de opinião, mas que agregavam outros elementos e valores despercebidos inicialmente.

Martín-Barbero (Ibid., p. 58) propõe que a recepção é um processo de interação, de negociação de sentido, e alerta que, ao estudar a comunicação,

[...] não podemos cair em extremos. O primeiro extremo é: quem sabe o que se passa na comunicação é o emissor. Há que estudar as intenções do emissor, se são manipulatórias ou ideológicas. Nem podemos ficar no extremo de pensar que o receptor faz o que quer com a mensagem. O que estamos estudando, com base na recepção, é um modo de interagir não só com as mensagens, mas com a sociedade, com outros atores sociais, e não só com os aparatos.

Em suas pesquisas sobre a comunicação na América Latina, Martín-Barbero questiona a teoria norte-americana de influência dos meios de comunicação que não considerava qualquer possibilidade de resistência nem o modo como as pessoas produzem o sentido de sua vida, como se comunicam e usam os meios. Para o autor, entre os meios e o receptor estão as mediações, está a cultura, e é preciso rever todo o processo da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção.

Além de Martín-Barbero, que me fez entender o papel das mediações e da cultura no processo da comunicação, afastando de vez a fórmula emissor – canal – mensagem – receptor, Morin e Medina trouxeram a compreensão para esse processo e a necessidade da abertura para o outro.

Medina (2008) explica essa abertura ao defender a desconstrução da herança racionalista-positivista que domina nosso olhar sobre o outro e sobre o mundo sempre que buscamos a verdade absoluta, racional e objetiva. Para isso, devemos estar abertos à polifonia e à polissemia nas narrativas e à compreensão dos sujeitos da cidadania, como afirma a autora.

Da mesma forma, acredito que compreender o outro no seu mundo, no seu tempo, nas suas necessidades, na cultura e no conhecimento torna-se fundamental na comunicação. Morin (2002, p. 94) ensina que a compreensão humana intersubjetiva significa “apreender em conjunto, abraçar junto”.

É com essa perspectiva, baseada na relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto, que foi desenvolvida a pesquisa nas comunidades de Bocaina e de Calca. O reconhecimento dos entrevistados como sujeitos, protagonistas de sua história, respeitados em seu mundo e modo de vida, permitiu que fosse estabelecida uma relação amistosa e de respeito mútuo durante as conversas e entrevistas realizadas nos dois povoados.

A contribuição dos professores e dos autores estudados durante a fase das disciplinas do Mestrado vai muito além das descobertas de novos conceitos e pontos de vista. Os ensinamentos, as leituras e os questionamentos me possibilitaram construir uma nova visão de mundo, que se faz presente na pesquisa em todas as suas etapas. Fui a campo com a convicção de que para conhecer as formas de comunicação nas comunidades, os assuntos das conversas, as culturas locais, o papel da comunicação na vida cotidiana, é necessário interagir, participar do dia a dia, usando todos os sentidos e buscando compreender os membros do grupo como protagonistas, que constroem sua história diariamente, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam.

Essa interação com o sujeito da pesquisa e o ambiente em que vive é defendida também por Silva (2003, p. 83), que acrescentou novos elementos à minha reflexão, preparação e realização da pesquisa de campo. Para ele, o pesquisador é um narrador que descreve, mostra, ouve, relata, descobre e, entre outras ações, tece os fios de uma realidade imaginária, e “as narrativas do vivido são biografias de atores sociais contemporâneos em movimento”.

Silva (Ibid., p. 84) explica que a situação narrativa, que é sempre dialógica, apresenta três momentos: estranhamento, entranhamento e retorno a si mesmo. Isto é, quando o pesquisador entra no grupo ou na vida do sujeito pesquisado há um estranhamento por ser de fora, por ser estranho. Após esse choque perceptivo, deve acontecer o entranhamento, que seria o mergulho total no outro, e, por fim, o retorno a si mesmo, “deixando as suas marcas no outro e trazendo deste um patrimônio de dados e de percepções”.

Objeto da pesquisa

Partindo da premissa (a ser testada nesta dissertação) de que os meios de comunicação social têm menor inserção e menor impacto em comunidades rurais, o objetivo desta pesquisa é identificar e compreender como se formam e como operam as redes pessoais de comunicação entre os habitantes de cada uma das comunidades rurais selecionadas.

As redes pessoais de comunicação nesse tipo de sociedade parecem não ser essencialmente diferentes das redes pessoais de comunicação que se formam nas sociedades urbanas. Todavia, as sociedades agrícolas pequenas, especificamente de países latino-americanos com diferentes níveis de desenvolvimento, tendem a ser mais coesas, na medida em que os relacionamentos sociais tendem a se basear em aspectos personalíssimos de seus habitantes, muito mais que nos aspectos funcionais que esses habitantes desempenham no corpo social. Por causa disso, aparentemente essas sociedades são mais impermeáveis às influências culturais exógenas e tendem a adotar práticas mais generalizadas de autoafirmação de seus valores.

Em síntese, as sociedades rurais parecem ter maior tendência à preservação da cultura local. Nesse contexto, elas oferecem interessantes possibilidades de estudo dessas práticas de afirmação de sua cultura e de resistência a elementos culturais externos. O objeto da pesquisa, portanto, é estudar essas práticas sociais por meio das redes pessoais de comunicação que se desenvolvem nesse tipo de sociedade.

Martins (2008, p. 149) me ajuda na tentativa de compreender o habitante desse tipo de sociedade ao lembrar as diferentes temporalidades presentes em nossa sociedade, que se desenvolve em ritmos desiguais. A “agricultura caminha mais devagar do que a indústria, o proletariado mais devagar do que a burguesia, os trabalhadores mais devagar do que os intelectuais...”. Para o autor, grande parte da temporalidade dos processos sociais vividos pelo pequeno agricultor familiar é determinada pela produção direta dos meios de vida.

Assim, consciente das diferenças entre os modos de vida dos moradores das comunidades pesquisadas e o modo de vida urbano, a pesquisa foi desenvolvida calcada no compromisso de observar e estudar os dois grupos sem preconceitos e julgamentos, vivenciando o signo da relação, ou seja, uma linguagem dialógica, como propõe Medina (2003, p. 133).

Objetivos

O objetivo geral é identificar, descrever, analisar e compreender como se formam e como operam as redes pessoais de comunicação entre habitantes

de pequenas vilas rurais, em lugares específicos dessas vilas, tais como a praça, as igrejas, os armazéns, o posto de saúde, entre outros locais onde as pessoas se encontram, e como a cultura local permeia os processos de comunicação que aí se desenvolvem, tendo como contraponto as redes de comunicação das sociedades urbanas modernas. Todavia, não é objetivo da pesquisa fazer comparações específicas e casuísticas entre a comunicação em pequenas sociedades rurais e a comunicação em centros urbanos e em sociedades urbanas complexas.

Os objetivos específicos são:

- Identificar os locais de encontro dos habitantes e os assuntos principais das conversas.
- Identificar que temas predominam nas conversas desses habitantes entre si e com os demais membros da coletividade.
- Verificar que meios de comunicação social estão presentes nas comunidades estudadas e como os habitantes se relacionam com esses meios.
- Verificar como o uso dessas redes de comunicação se relaciona com os processos de afirmação de elementos culturais locais, de rejeição de elementos culturais exteriores e de hibridização cultural.

O estudo está focado na formação e operação das redes pessoais de comunicação entre habitantes de cada um dos povoados e, também, nos processos de afirmação da cultura local, hibridização cultural e rejeição de elementos culturais exógenos que transitam pelas referidas redes.

O projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação estabelecia que seriam entrevistados 16 moradores de Bocaina, sendo oito do sexo masculino (dois idosos, dois adultos, dois jovens e duas crianças) e oito mulheres dos mesmos grupos etários, e outros personagens identificados como relevantes durante o período de observação, como o médico, o padre e o pastor. Em Calca, seria entrevistado o mesmo número de pessoas, com as mesmas características.

Em uma revisão do projeto, optou-se por entrevistar mulheres de diferentes faixas etárias e manter as entrevistas com fontes oficiais, como os personagens citados acima. A mulher foi escolhida por desempenhar, tradicionalmente, a função de educar e cuidar dos filhos, conforme explicamos com mais detalhes no Capítulo 4, e tem uma importante responsabilidade na

perpetuação da cultura local. Ela representa também um dos eixos principais da vida do bairro, como afirma Martín-Barbero, que chama a atenção para o que denomina de “maternidade social”. As mulheres “fazem o bairro a partir de uma percepção do cotidiano configurada basicamente na maternidade. Uma maternidade social que em vez de se fechar na família faz do bairro seu espaço de instalação e exercício” (2001, p. 284).

Comunidades pesquisadas

A pesquisa foi aplicada em duas pequenas comunidades rurais: Bocaina, no Brasil, e Calca, no Peru. A população de Bocaina é de 422 pessoas (ZUQUIM, 2007) e a de Calca é de 639 (informação verbal)³. Nas duas localidades, a maioria dos habitantes trabalha em atividades agrícolas, ou seja, na exploração e no cultivo das plantas e dos animais, e é proprietária da terra na qual trabalha.

Bairro da Bocaina – Brasil

A comunidade brasileira pesquisada está localizada no Bairro da Bocaina, Distrito de Campos de Cunha, no município paulista de Cunha. O bairro, distante 47 km do centro da cidade de Cunha, possui uma pequena vila onde estão localizadas a praça, a Escola Estadual e Municipal Bairro da Bocaina, duas igrejas, uma Católica e outra da Assembleia de Deus, uma quadra de futebol, um Posto de Saúde, dois armazéns. A escola oferece os Ciclos Um e Dois (primeira a oitava séries) e Ensino de Jovens e Adultos (antigo supletivo).

Os moradores dos sítios localizados no Bairro vão até a vila para comprar nos armazéns, para participar de reuniões de pais na escola, para ser atendidos no Posto de Saúde, para as celebrações religiosas aos domingos, para bater-papo na praça, e ainda para participar de eventos promovidos pelas

---

³ Informação fornecida pela funcionária do Posto de Saúde de Calca, com base nos cadastros das famílias da comunidade, atualizados em 2010.

igrejas e pela escola, entre outros. Grande parte dos pequenos sitiantes da localidade vive da criação de gado e venda do leite produzido.

A maioria das casas possui energia elétrica. O rádio e a televisão são os principais meios de comunicação social presentes. Em meados de 2009, a internet chegou à vila, mas só é possível acessá-la nos computadores da Escola, onde foi instalada uma antena parabólica que capta o sinal do satélite. Além dos alunos e professores, outros moradores da vila também podem acessar a rede, mas somente nos fins de semana, durante o Programa Escola da Família ⁴.

Anexo de Calca – Peru

No Peru, a pesquisa foi desenvolvida no Anexo de Calca, localizado no Distrito de Palcamayo, Província de Tarma, Departamento de Junín, região central do país, no alto dos Andes. Calca encontra-se a 3.100 metros de altitude, a 9 km de Tarma, capital da Província. No centro do Anexo, estão várias moradias, a escola, o Posto de Saúde, a capela católica, uma casa onde são realizados os cultos evangélicos, um armazém (o outro está localizado às margens da estrada, na parte baixa da vila), o prédio da Municipalidade e uma praça, onde são realizadas as festas.

A economia local está baseada na agricultura, cuja produção é comercializada em Tarma e em Lima. Os camponeses cultivam milho, batata, espinafre, favas, alface, flores, entre outros. Na escola de Calca estudam as crianças de seis a onze anos de idade.

A maioria dos moradores ouve rádio todos os dias e tem um aparelho de televisão em casa, no qual assistem aos programas do canal estatal TV Peru. Em 2010, chegou ao bairro a possibilidade de captação de canais por satélite. A TV Comunitária da Rede de TV Rural Nexo (pertencente à organização não-governamental Centro de Comunicação Audiovisual para o Desenvolvimento

---

⁴ O Programa Escola da Família é realizado em escolas da rede pública estadual de São Paulo e consiste em manter as escolas abertas nos fins de semana com atividades voltadas para a comunidade local. As atividades são nas áreas de esporte, cultura, saúde e trabalho. Informações disponíveis em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/sobre.html>. Acesso em 2 de fev. 2010.

Nexo) produz programas nos bairros rurais da Província e os transmite no canal estatal, o que é possível devido aos convênios que mantêm com os governos locais. Não chegam jornais a Calca, e a internet, instalada no armazém, foi desligada por falta de usuários.

As duas comunidades são apresentadas com detalhes no Capítulo 2.

Problematização

O problema da pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: como se processam as transformações culturais nas sociedades agrícolas pequenas a partir da comunicação e, mais especificamente, por meio das redes de comunicação que se formam entre os habitantes dessas sociedades?

Para esclarecer essa questão, foram estudadas as redes pessoais de comunicação de Calca e de Bocaina buscando descobrir e compreender:

- 1) Como se dão os processos de comunicação entre os habitantes dessas pequenas vilas?
- 2) Como eles se relacionam com os meios de comunicação social, tais como a televisão, o rádio, a internet e outras formas de comunicação digital?
- 3) Como se desenvolvem os processos de mediação simbólica dos valores culturais desse tipo de sociedade, seja para a preservação de elementos culturais locais, seja para a incorporação de novos elementos culturais difundidos pelos meios de comunicação social?
- 4) Em que ritmo e em que profundidade a comunicação cotidiana e os meios alteram a cultura local, ou seja, o modo de ser, de pensar, de viver e de construir sentidos do habitante de sociedades agrícolas pequenas?

Hipóteses

A hipótese principal é que as transformações culturais nas sociedades agrícolas pequenas, a partir da comunicação, tendem a ocorrer de forma mais lenta e gradual que nas sociedades urbanas, em função da própria estrutura e características das sociedades rurais, que valorizam e veneram seu passado,

suas tradições, seus costumes e os símbolos locais. Ao contrário, nas sociedades urbanas modernas as mudanças tendem a ser constantes e aceleradas.

A partir da hipótese principal acima referida, há duas outras hipóteses secundárias, a saber:

1) Os meios de comunicação social têm menor inserção e menor impacto em comunidades rurais em razão de os vínculos pessoais entre seus habitantes proporcionarem outras estratégias de comunicação por meio das quais a cultura local é constantemente afirmada;

2) Essas sociedades tendem a ser mais coesas, na medida em que os relacionamentos sociais se baseiam preponderantemente em aspectos personalíssimos de seus habitantes, muito mais do que nos aspectos funcionais que esses habitantes desempenham no corpo social. Por causa disso, aparentemente, as sociedades agrícolas são mais impermeáveis às influências culturais exógenas e tendem a adotar práticas mais generalizadas de autoafirmação de seus valores.

De modo geral, as hipóteses mencionadas tornam interessante estudar os impactos causados pelos grandes meios de comunicação social nos receptores de pequenas sociedades agrícolas. Os meios de comunicação como o rádio e a televisão, principalmente, estão presentes nas vilas rurais estudadas, e muitos de seus habitantes acompanham parte da programação das diferentes emissoras. É comum ouvirem rádio o dia todo e, à noite, assistirem pela TV aos jornais, telenovelas e outros programas.

As características e os valores próprios dessas comunidades tendem a fazer com que os impactos dos grandes meios de comunicação social sobre seus costumes e tradições sejam menores do que se verifica nas sociedades urbanas modernas.

Haveria uma distância considerável entre os grandes temas da mídia e as questões de real interesse dos habitantes das pequenas vilas rurais, mais preocupados com assuntos locais e com aqueles que os afetam diretamente. Por isso, como constatamos com Seixas, Rabello e Cavalcante (2009), os meios “não têm o mesmo poder de persuasão e de convencimento que costumam ter nas sociedades modernas industrializadas”.

Por fim, pretendeu-se verificar se a formação e a operação de redes pessoais de comunicação dessas pequenas vilas rurais estudadas estão ou não baseadas de modo preponderante nos vínculos personalíssimos que os habitantes formam uns com os outros, e ainda investigar se essas redes formam ou não pontos nodais de comunicação em lugares específicos, tais como a praça, a igreja, o posto de saúde, o armazém, entre outros locais que os habitantes frequentam no dia a dia para conversar, saber das novidades, contar os problemas vividos.

Os habitantes dessas comunidades têm o costume de ir à casa do vizinho, dos parentes e dos amigos para fazer visitas. Essa prática faz com que os processos de comunicação sejam mais espontâneos, naturais e diretos. Diferentemente ocorre nas sociedades urbanas, onde o ritmo de vida acelerado em função das exigências da modernidade, a falta de tempo, as distâncias, as dificuldades do trânsito, incentivam um uso maior das tecnologias, como internet e celular, nas relações sociais. Também nesse tipo de sociedade as pessoas se encontram, conversam, visitam-se, mas a frequência e o tempo destinados aos encontros tendem a ser abreviados.

Metodologia

Como profissional da comunicação, há anos busco entender esse processo e os motivos que levam uma pessoa a compreender ou não uma mensagem. O interesse pelo tema, que considero complexo, levou-me a estudar e a refletir sobre ele e a buscar formas de melhorar a comunicação nas minhas atividades profissionais e na minha vida pessoal.

Já me assustei com o poder dos meios de comunicação e com o jogo de interesses que move essas empresas, transformadas em grandes conglomerados que visam ao lucro como qualquer empreendimento econômico, e me preocupei com a manipulação que fazem ou podem fazer dos receptores⁵.

---

⁵ Sobre o monopólio da comunicação pelas corporações de mídia e entretenimento ler: MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Por outro lado, compreendi melhor a comunicação quando me deparei com os estudos da recepção e o papel das mediações, que me mostraram que o receptor não é um personagem passivo e manipulável pela mídia, mas sim indivíduo que pensa, que compartilha suas experiências, que faz parte de grupos sociais e é capaz de reelaborar e produzir novos significados a respeito das mensagens difundidas pelo meio emissor. Como diz Martín-Barbero, o receptor não faz o que quer com as mensagens, mas também não é uma vítima manipulada pelos meios.

Como cidadãos urbanos, temos uma estreita relação com os meios, embora cada indivíduo tenha sua experiência pessoal, uns aderindo mais e outros menos às novidades nos costumes, na moda, na linguagem, entre outras.

Contudo, e para o morador de uma pequena vila rural afastada da cidade, cercado de vizinhos e familiares, como acontece a comunicação? Se há TV e rádio nesse local, como ele os utiliza? Foram essas e outras perguntas, já apresentadas nesta Introdução, que me levaram a querer pesquisar a comunicação em pequenas comunidades agrícolas.

Desde o início, já me imaginei entre os moradores daquelas vilas, observando como se relacionam nos locais em que se encontram, ouvindo suas conversas, entrevistando, conversando informalmente com alguns deles, sentada no posto de saúde como quem espera para ser atendido pelo médico, ou no bar, como quem espera a hora passar.

E foi dessa forma que desenvolvi esta pesquisa, utilizando as técnicas da pesquisa exploratória e qualitativa, com observação participante, que me permitem mergulhar no cotidiano dos habitantes do Bairro da Bocaina, no Brasil, e do Anexo de Calca, no Peru. E o fiz atenta às orientações de Heloísa Martins (2004, p. 294), quando explica que “esse mergulho na vida de grupos e culturas aos quais o pesquisador não pertence exige uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade, empatia etc”.

É o mesmo caminho apontado por Demo (1989, p. 244), ao ensinar que a avaliação qualitativa exige convivência, não pode ser feita a distância e de modo esporádico. Essa abordagem

[...] reclama relacionamento dialogal entre avaliador e comunidade, a começar pela superação da posição estereotipada de um avaliador formal, superior, distante, de um lado, e de outro a comunidade como

objeto. Diálogo supõe relacionamento de igual, porque os dois lados são desiguais. Quer dizer, para haver diálogo é mister consciência crítica e autocrítica da desigualdade, que não será camuflada, mas tornada transparente.

Na avaliação qualitativa, segundo Demo, a produção de conhecimento se dá por meio do método do diálogo, ou seja, pela participação do pesquisador e pelo autoconhecimento que contém formalização lógica e consciência política da realidade social pesquisada. O conhecimento obtido por diálogo é profundo e precisa ser democrático.

Nessa mesma linha de pensamento, Santos (1989, p. 116) diz que os métodos qualitativos aproximam o sujeito e o objeto e tendem a provocar uma linguagem metafórica, que, em conjunto com a analogia, é importante na criação de um conhecimento prático voltado para a transformação social.

Para atender aos objetivos da pesquisa qualitativa, busquei moradores e também algumas pessoas que não vivem nas vilas, mas têm um profundo conhecimento da sua realidade, e, por isso, poderiam contribuir com suas informações e impressões.

Em Bocaina, onde pude conviver mais intensamente com os moradores, por ter feito várias visitas e permanecido por mais tempo na vila, contei com a mediação de algumas pessoas que me apresentaram e indicaram alguns futuros entrevistados. A maioria das entrevistas foi realizada nas casas e no local de trabalho e poucas na rua e na praça. Graças à gentileza do Sr. João e de Dona Ana, que me hospedaram na casa deles em várias das visitas à Bocaina, foi possível mergulhar na vida daquele povo e partilhar seu cotidiano.

Em Calca, embora a convivência tenha sido menor, as conversas com líderes e mulheres também foram valiosas. Algumas entrevistadas foram indicadas por autoridades locais e outras simplesmente se dispuseram a colaborar, depois que expliquei os motivos que me levaram àquela comunidade peruana. Os locais das conversas e entrevistas foram o armazém, o posto de saúde, a chácara, o gramado às margens de um ribeirão e a casa de uma das moradoras. Durante o período da pesquisa em Calca, viajei todos os dias de Tarma, cidade em que estava hospedada, para o Anexo, onde passava o dia. A viagem era feita nas lotações, carros que transportam os passageiros da região.

Embora a entrevista seja também uma conversa, o que diferenciava uma da outra eram as anotações e a gravação das entrevistas, distinções que nem sempre aconteciam, já que muita conversa também foi gravada e teve detalhes anotados. A conversa era como se fosse o momento de falar de amenidades, coisas sem importância, mas na verdade todas as narrativas eram importantes para a pesquisa. Além do caderno de anotações e do gravador, levava comigo um roteiro para me lembrar de algumas questões que não poderiam ficar de fora. A máquina fotográfica também foi uma companheira e registrou as vilas, as belas paisagens e seus moradores. Algumas fotos estão expostas no Anexo desta dissertação.

O exercício de observação esteve presente em cada momento. Nas caminhadas pelas ruas, nos estabelecimentos públicos, nas visitas às casas procurava estar atenta aos detalhes que me ajudavam a conhecer o modo de ser e de viver de cada povo. A observação precisava ser ainda mais intensa durante as conversas e entrevistas, sempre realizadas com muita informalidade para que se estabelecesse um clima descontraído em que as pessoas se sentissem à vontade e não pressionadas ou obrigadas a contar sobre sua vida e a vida da comunidade. Nesses momentos, ficava atenta não só às palavras, mas à comunicação não-verbal, como os gestos e olhares, o ambiente e as emoções que as lembranças despertavam.

O Capítulo 4 apresenta, na íntegra, onze entrevistas realizadas em Calca e doze entrevistas de Bocaina, embora tenha conversado e entrevistado outras pessoas em cada uma dessas comunidades. Os nomes verdadeiros das entrevistadas foram substituídos por outros fictícios com o objetivo de preservar a identidade de cada uma. Como moradoras de comunidades tão pequenas, nas quais todos se conhecem, poderia ser fácil identificá-las e preferimos proteger sua intimidade.

Os ensinamentos de Medina, nas aulas e nos livros, também foram valiosos nos momentos da elaboração, da realização e da análise da pesquisa. Com ela aprendi que a compreensão dos acontecimentos humanos e do imaginário, a interação entre emoção, razão e ação, o contato interpessoal, a sensibilidade com a luta cotidiana e a percepção do receptor e do pesquisado como sujeitos de uma mesma relação com muitos significados possíveis são elementos importantíssimos para a produção do conhecimento científico.

Como conhecer as formas de comunicação dos moradores das duas comunidades, os assuntos de suas conversas, suas culturas, o papel da comunicação na vida dessas pessoas se não interagindo, participando do dia a dia delas, usando todos os sentidos e buscando compreendê-las como protagonistas, que constroem sua história diariamente, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam?

A pesquisa estaria fadada ao fracasso ou enfrentaria dificuldades muito grandes, se estivesse baseada apenas na busca de explicações objetivas para a comunicação nessas comunidades e se ignorasse todo o contexto de vida de cada morador pesquisado.

Dessa forma, parto do método dialético, numa perspectiva materialista, para não só conhecer e identificar, mas principalmente compreender a cultura e os processos comunicacionais das comunidades pesquisadas, estabelecendo uma relação em que eu, como pesquisadora, procurei me inserir e me tornar também protagonista no contexto do fenômeno pesquisado.

O método é indutivo, pois pesquiso casos particulares para saber se permitem identificar e estabelecer uma regra geral sobre a comunicação em sociedades agrícolas pequenas. A pesquisa é de modalidade exploratória e o método de trabalho é de observação participante, utilizando fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são os moradores, que foram entrevistados e observados, e dados históricos e oficiais sobre as duas localidades. As secundárias são os jornais e as revistas das duas regiões e a pesquisa bibliográfica. O período da pesquisa ficou delimitado aos últimos cinco anos, ou seja, a partir de 2005 até a conclusão da pesquisa de campo.

O Capítulo 1 desta dissertação apresenta a caminhada traçada pelos estudos da comunicação e sua estreita relação com a cultura.

O Capítulo 2 seria um retrato de Bocaina e de Calca, uma viagem à realidade dessas duas comunidades rurais como tentativa de compreender seu jeito de viver e de se comunicar.

As redes pessoais de comunicação que unem os moradores, a presença dos meios de comunicação social e os esforços para a preservação da cultura local estão expostos no Capítulo 3.

No Capítulo 4, é possível conhecer, por meio das entrevistas, algumas moradoras e líderes, no seu jeito de falar, de interpretar o mundo e de viver.

CAPÍTULO 1

COMUNICAÇÃO E CULTURA: CONCEITOS E INTERPRETAÇÕES

1.1 – Para compreender a comunicação

Refletir e buscar explicações para a comunicação é tentar compreender o ser humano. Embora faça parte do nosso cotidiano e pareça simples, a comunicação é um processo complexo e há muito tempo desperta o interesse de estudiosos da filosofia, da psicologia, da sociologia, da economia, entre várias outras áreas do conhecimento, a pesquisar esse campo específico das ciências sociais (MATTELART, 2005, p. 9).

O presente estudo sobre a comunicação cotidiana nas comunidades de Bocaina e de Calca exige um entendimento mais profundo desse processo e do seu papel na vida dos moradores e na vida das duas localidades. Dessa forma, consigo me aproximar e me envolver com os sujeitos da pesquisa, e, a partir de um olhar aberto e compreensivo, identificar e analisar suas práticas de comunicação.

Os pontos de vista que apresento, a seguir, ajudam a compreender esse processo e a sedimentar nosso conhecimento sobre a comunicação.

Comunicação é interação entre as pessoas, é troca, é diálogo, como a definem Freire, Wolton, Medina, Baccega, Marcondes Filho, entre outros estudiosos desse campo.

Ao explicar o que é comunicação, Bordenave (1982, p. 19) diz que ela é uma necessidade básica da pessoa humana, confunde-se com a própria vida, e não existe comunicação sem sociedade nem sociedade sem comunicação.

Comunicação é a busca da relação e do compartilhamento com o outro, é partilhar, comungar e também informar, difundir, como entende Wolton (2006, p. 16), ponderando que, nesse sentido, é preciso estar atento às condições em

que o receptor recebe a mensagem, a “aceita, recusa, remodela, em função de seu horizonte cultural, político e filosófico, e como responde a ela”.

A pequena vila do bairro da Bocaina, na forma como foi sendo construída, parece querer confirmar essa importância da comunicação como relação para a vida da comunidade. As casas estão próximas umas das outras, facilitando o contato com o vizinho; e é como se abraçassem a igreja, o posto de saúde, a quadra e a praça, localizados bem no centro dessa localidade. Em qualquer ponto, é possível ter uma vista geral do centro da vila, encravada na Serra da Bocaina, o que lhe garante uma bela paisagem.

Baccega (2005, p. 47) lembra que a comunicação é “o espaço onde se constroem os sentidos que pautam a nossa vida cotidiana”, seja ratificando as construções simbólicas do grupo, seja transformando valores. E é no cotidiano, permeado de contradições, avanços e recuos, que a vida se mostra, que se formam as identidades, a subjetividade de cada um, e circulam os inúmeros discursos.

[...] O universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo desses discursos, nos quais seu cotidiano está inserido. E é baseado na materialidade discursiva que se constitui a subjetividade. Logo, a subjetividade nada mais é que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega. Essa condição paciente/agente leva-nos a designá-lo indivíduo/sujeito (Idem, 2002, p. 17).

No processo comunicacional, o indivíduo é, ao mesmo tempo, locutor, ouvinte e interlocutor. Como indivíduos, reelaboramos os discursos da sociedade e produzimos outros discursos, tornando-nos sujeitos. Sendo a comunicação um processo relacional e de troca, ela só se efetiva, portanto, quando é apropriada e se torna fonte de outros discursos (Ibid., p. 21).

Freire (1979, p. 67) ensina que a comunicação só existe quando há reciprocidade entre os indivíduos.

[...] indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. Se não há esse acordo em torno dos signos, como expressão do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação.

Medina (2003, p. 47) é dessa mesma linha de pensamento. Ao analisar as relações da ciência com a comunicação e com a sociedade, propõe que o signo da divulgação dê espaço para o signo dialógico, ou seja, para o diálogo e a comunhão entre os sujeitos, como condição para a existência da comunicação.

Marcondes Filho é mais cético ou pessimista diante da presença da comunicação na sociedade global. Ele também entende comunicação como processo relacional, troca, encontro, mas diz que, embora a palavra comunicação esteja na moda, a comunicação real está cada vez mais rara e difícil de acontecer. Para ele, apesar de toda a tecnologia criada para facilitar a comunicação, as pessoas “mal conseguem transmitir ao outro qualquer coisa, mal conseguem entender ou sentir junto com esse outro as coisas que ela ou ele sente” (2004. p. 8).

De fato, a humanidade vive problemas de comunicação, que podem ser identificados na indiferença diante das dificuldades do outro, no individualismo crescente, nas guerras, etc. Porém, discordo de Marcondes Filho quando diz que fazemos de conta que nos comunicamos. Se assim fosse, a realidade seria ainda mais dura, talvez insuportável. Como diz Medina, a narrativa, uma das formas de comunicação, é “uma das respostas humanas diante do caos. Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos” (2003, p. 47).

E a narração é a forma de comunicação mais presente nesta pesquisa em Bocaina e em Calca. É na narrativa que cada morador se revela ao contar sobre sua vida, suas esperanças, dificuldades e alegrias, sobre sua relação com os vizinhos, como se comunica, e o que pensa dos programas a que assiste pela TV e ouve pelo rádio.

Bosi ensina que o narrador vive e conhece o que narra, penetra na história, “tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (1994, p. 85). E ganham os dois, narrador e ouvinte, este pelo que aprendeu, e aquele, por se sentir importante, por ter sido ouvido. Esses ensinamentos de Bosi, presentes nos seus livros e também transmitidos nas aulas da disciplina Cultura e Memória Social: A História Oral, conduzem o pesquisador a valorizar a ‘arte de ouvir’, a permanecer atento não só ao que é contado, mas também às expressões, aos silêncios, ao ambiente e a outros

elementos que compõem a comunicação, além de compreender a maneira de ser dos moradores das duas localidades, que são os sujeitos desta pesquisa,

E a comunicação, quando não existe ou é insuficiente, faz falta, e sua ausência é lembrada mesmo muitos anos depois. Ao comparar a educação de suas filhas com a que recebeu quando criança, Marta lembra que “a mãe era uma pessoa muito quieta, não dialogava com a gente. Acho que a gente tem mais diálogo agora, tem mais como conversar. Porque no meu tempo não era assim. A mãe era rígida, mas não chegava na gente para falar ‘ih minha filha com aquele rapaz que você gosta não vai dá certo’..., ela não falava”. Nesse aspecto, Marta quer ser diferente da mãe e procura conversar sobre todos os assuntos com as filhas.

Ao identificar a compreensão como elemento fundamental nesse processo de aproximação, convivência e estabelecimento de uma relação de amizade com os habitantes de Calca e de Bocaina, afastando todo preconceito sobre qualquer um deles e o modo como vivem, buscamos o apoio de Künsch, que propõe o Signo da Compreensão no lugar do Signo da Explicação nas relações humanas, na comunicação e nas demais áreas do conhecimento (2008, p. 173).

Ele lembra o sentido de compreensão como abraçar, integrar, juntar. E explica que o pensamento compreensivo não é reducionista, aceita a heterogeneidade, faz “conversar o uno e o múltiplo, as partes e o todo, o singular e o plural” (2005, p. 46). Ressalta a existência de uma outra dimensão de compreensão, que é a intersubjetiva, que “reforça os sentidos dialógicos, de não-arrogância e de não-violência ...” (Ibid., p. 47)

1.2– As várias formas de comunicar

A comunicação existe desde que o ser humano passou a viver em sociedade, ou seja, desde sempre, segundo Wolton (2006, p. 25). E utiliza não só a linguagem, mas se expressa também no silêncio, no contato dos corpos, nos olhares, nos ambientes (MARCONDES FILHO, 2004. p. 16), nos gestos, entre outras formas.

Em função dos diferentes formatos da comunicação, Bordenave (1982, p. 59) diz que é impossível não comunicar, pois tudo na vida comunica, e, mesmo quando pensamos que não estamos nos comunicando, podemos estar nos expressando por meio da postura, da expressão do rosto, do olhar.

A linguagem é considerada como o principal instrumento da comunicação, e pode ser verbal e não-verbal. A primeira é realizada por meio das formas oral e escrita, enquanto a linguagem não-verbal se expressa por meio da dança, da pintura, da escultura, da mímica, entre outras formas. Baccega (2003, p. 32) diz que a linguagem verbal é a de maior importância na interação social.

Bakhtin (2004, p. 113) explica que a verdadeira substância da língua é a interação verbal e que toda palavra apresenta duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana e é produto da interação do locutor e do ouvinte.

[...] Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Assim, a palavra nos aproxima do outro e abre caminho para a nossa relação, e sua importância não está restrita ao indivíduo, mas se estende a todo o grupo social como “o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (idem, p. 41).

Ao discordar da ideia de que a linguagem seria o principal instrumento da comunicação, Marcondes Filho (2004, p. 55) critica a linguística por ter-se, como afirma, apropriado do tema comunicação e tentar subordiná-lo à linguagem. Para ele, “as línguas são uma forma de comunicação, e a comunicação é que é o conceito mais amplo e genérico, sendo a língua apenas uma de suas manifestações”. De fato, a comunicação seria o grande campo das relações sociais e a língua um de seus instrumentos, uma de suas formas de se expressar.

A crítica de Marcondes Filho talvez não se aplique a Bakhtin, um dos mais importantes teóricos da linguagem, que admitiu o papel secundário da

linguagem em determinadas situações e o entrelaçamento da comunicação verbal (oral e escrita) com as outras formas de comunicação. Para Bakhtin (2004, p. 124),

[...] a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não-verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.

Em sua simplicidade, autenticidade e hospitalidade, o morador de Bocaina comunica seu jeito de ser. E o faz sem preocupações, sem querer esconder o que é e como vive. A primeira conversa com um dos habitantes da vila, Seu João, iniciada na praça, estendeu-se para a casa dele, onde a esposa, Dona Ana Maria, já preparava o café. Com seu jeito tranquilo e despreocupado, relataram um pouco a sua rotina, o trabalho na roça, a presença frequente das filhas e netos em casa, a ajuda aos vizinhos que haviam sofrido um violento assalto meses atrás, entre outros assuntos. Disseram que todas as noites assistem à TV e não perdem a transmissão da missa, pela TV Aparecida e pela Rede Vida.

Da mesma forma, o habitante de Calca mostra quem é e como vive nas conversas e em outras formas de comunicação. As condições de moradia, a grande área vazia chamada de praça, as roupas, também comunicam ao expor a pobreza em que vive grande parte dos moradores.

1.3 – Os meios de comunicação

Quando o assunto é comunicação, outra questão que gera debates são os meios de comunicação, cada vez mais presentes em nossa sociedade, a ponto de serem confundidos com a própria comunicação. Os meios são instrumentos, que “aos poucos vão transformando a aparência do mundo e a maneira como nele se vive” (COSTA, 2002, p. 55), principalmente depois que

se reuniram em grandes conglomerados monopolizadores da comunicação global.

Martín-Barbero (2001, p. 18) diz que “confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação”. Mas, alerta que os meios são os mediadores da transformação da sociedade em mercado.

Dessa forma, percebe-se que comunicação é muito mais que os meios, é um amplo e complexo campo das relações sociais, onde são construídos os sentidos da vida cotidiana, enquanto os meios, como a imprensa, o rádio, a TV, o cinema, a internet etc., são ferramentas da comunicação, que adquiriram uma importância fenomenal com a instauração da sociedade midiática. Costa (2002, p. 76) lembra que as mídias digitais alteraram mais radicalmente “as formas de comunicação entre os homens e suas relações com o mundo”.

Hall (2002, p. 75) contribui para a compreensão da dimensão dessa força da mídia nos tempos de globalização ao apontar que, ao lado de outros fatores, a mídia provoca alterações até mesmo na identidade dos povos.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente.

As novas tecnologias de comunicação estão presentes hoje em quase todo o mundo, transformando as relações humanas, aproximando as pessoas, criando novas necessidades impostas pelo mercado, criando novos valores. Mesmo em regiões afastadas dos centros urbanos, como nas comunidades rurais de Calca, no Peru, e Bocaina, no Brasil, os meios estão presentes, alterando a paisagem com suas antenas e interferindo nas culturas locais.

Embora a comunicação humana exista desde sempre, a ideia de comunicação é bem mais recente. Martino (2008, p. 13 a 33) esclarece que o termo comunicação nasceu nos mosteiros da Idade Média e estava relacionado ao jantar, ao lugar ou ao momento em que os religiosos conversavam. Os membros do mosteiro, no seu isolamento, estavam ali para rezar e não para conversar, e, por isso, a conversa entre eles não era algo banal como se

considera hoje. Essa prática recebeu o nome de *communicatio*, de onde vem a palavra comunicação.

Martino diz que a Antiguidade interessou-se por linguagem, mas não por comunicação, enquanto na Renascença a comunicação era entendida como meios de transporte e comércio. No século XIX, comunicação era o meio de comunicação, ou seja, a imprensa escrita. A comunicação moderna surge, portanto, no século XIX com a comunicação mediática, “um fenômeno totalmente singular, fruto da cultura de massa, da sociedade complexa” (Ibid., p. 20).

No início do século XX, começa a se esboçar uma ciência da comunicação, a partir de estudos desenvolvidos nos Estados Unidos. Nos anos 1940, a comunicação passa a ser considerada uma ciência e crescem os estudos e as pesquisas sobre os meios de comunicação, sua função e influência sobre a audiência. Daquele período até os anos 1980, várias teorias foram elaboradas para explicar a comunicação, mas, segundo Martino, não estão relacionadas a um saber comunicacional, pois foram desenvolvidas principalmente pela psicologia e pela sociologia.

O presente trabalho busca sintetizar os principais estudos da comunicação voltados para a recepção ou estudos de audiência como também são conhecidos, e destaca a teoria da recepção, aplicada à realidade latino-americana, que estaria diretamente relacionada à pesquisa sobre a comunicação cotidiana nas comunidades de Bocaina e de Calca.

1.4– O olhar para o receptor

Os estudos da comunicação iniciaram-se nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, provocados principalmente pelo fenômeno das comunicações de massa, e seus teóricos estavam preocupados com os efeitos das mensagens. Várias obras traçam esse percurso e fazem amplas análises das teorias da comunicação. Jacks e Escosteguy observam que “as teorias sobre a recepção dos meios podem ser entendidas como um foco mais especializado dentro das teorias gerais da comunicação”, a partir do qual é possível analisar todo o processo (2005, p. 17).

Esta breve apresentação das principais teorias apóia-se nos estudos apresentados por Jacks e Escosteguy no livro *Comunicação e Recepção*, que, por sua vez, baseia-se na proposta de classificação de Jensen e Rosengren⁶ (1990 apud JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 20), que sugerem cinco tradições nas pesquisas sobre a recepção: pesquisa dos efeitos, usos e gratificações, crítica literária, estudos culturais e análise da recepção.

A **pesquisa dos efeitos** está entre as primeiras realizadas na área da comunicação e teve início na década de 1920, nos Estados Unidos. A chamada teoria dos efeitos é resultado da preocupação com as consequências da industrialização da cultura massificada pela mídia e sua repercussão nos indivíduos e na sociedade. A pergunta-chave nesse estudo é “o que os meios fazem com o indivíduo?”

Duas vertentes foram desenvolvidas nessa teoria: a dos efeitos fortes, para a qual os meios tinham grande influência sobre a sociedade e a cultura, e a dos efeitos fracos, que relativizava esse poder. Os estudos dos efeitos foram renovados ao longo dos anos e continuam sendo aplicados até hoje, como um modelo que busca entender a relação mídia-audiência, considerando a mídia como “injetor de valores, ideias e informações, de modo direto e individual, em cada membro da audiência, que seria passiva e atomizada” (Ibid., p. 26).

A chamada teoria hipodérmica integra os estudos dos efeitos fortes. Para a teoria hipodérmica, os indivíduos, enquanto integrantes da sociedade de massa, que é homogênea, são iguais, mas estão isolados e não se conhecem, pois não possuem mais laços comunitários nem culturais. Tornam-se, portanto, uma audiência indefesa e passiva diante das ações manipuladoras dos meios de comunicação, que atingem diretamente cada pessoa (WOLF, 2003, p. 25).

O trabalho de Harold Lasswell sobre as estratégias de propaganda usadas durante a Primeira Guerra Mundial tem sido identificado com a teoria dos efeitos fortes, pois confirmaria a teoria hipodérmica ao definir que os efeitos das mensagens incidem diretamente sobre o receptor. Para Lasswell, a comunicação é um ato e não um processo e deve ser entendida a partir da fórmula: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?. Com essa fórmula, que levou ao surgimento da “análise do controle”, “análise do

---

⁶ JENSEN, Klaus Bruhn; ROSENGREN, Erik. *Five traditions in search of the audience*. European Journal of Communication. V. 5, p. 207-23, 1990.

conteúdo”, “análise das mídias ou dos suportes”, “análise da audiência” e “análise dos efeitos”, Lasswell garantiu à sociologia funcionalista da mídia um quadro conceitual que ainda não possuía (MATTELART, 2005, p. 40).

Jacks e Escosteguy (2005, p. 28) observam que, apesar da sua importância para o estudo da comunicação, esse modelo recebe muitas críticas, entre outros motivos, pela visão que tem do receptor como alvo de influências e persuasão pelos meios de comunicação e por não considerar o retorno do receptor no processo comunicativo, ou seja, a interação da audiência com os meios.

“O que o indivíduo faz com os meios?” Essa é a pergunta-chave dos estudos dos **Usos e gratificações** desenvolvidos a partir da década de 1940. Destacam-se as investigações sobre as gratificações oferecidas pelo rádio conduzidas por Paul Lazarsfeld. Embora as primeiras pesquisas tenham sido realizadas sob a influência dos estudos dos efeitos fortes, essa corrente “ênfatiza as atividades interpretativas dos membros da audiência, as quais processam diferentes necessidades, orientações e características sociais e individuais” (Idem p. 31).

Os teóricos desse modelo partem do pressuposto de que a audiência é ativa e que escolhe os meios de comunicação e os conteúdos motivada por objetivos e satisfações específicos. Consideram que os membros da audiência têm consciência de suas necessidades em relação aos meios, e essas necessidades surgem em circunstâncias sociais e individuais. Além disso, as escolhas levam em consideração mais a utilidade pessoal do que fatores estéticos ou culturais.

As autoras observam que essas pesquisas contribuíram de forma significativa para os estudos da comunicação, mas são criticadas por seu caráter “funcionalista, psicologista e individualista, útil para os propósitos da mídia e insensível às determinações da estrutura social”, pois teriam superestimado a racionalidade e a atividade no comportamento da audiência (Ibid., p. 33). A pesquisa dos usos e gratificações teria dado os primeiros passos no sentido de uma visão mais mediada de comunicação, que foi desenvolvida nos períodos seguintes.

Os **estudos literários** estão voltados para a audiência inscrita no texto, voltadas para o leitor. Um dos papéis da crítica literária é explicar como a

literatura pode desenvolver a experiência estética para que seja possível educar o leitor para a interpretação. Sua preocupação é saber o que a estrutura dos textos literários faz com os leitores e por isso estaria mais próxima da pergunta das teorias dos efeitos (“o que os meios fazem com o indivíduo?”) do que da formulada pelos teóricos dos usos e gratificações (“o que o indivíduo faz com os meios?”) (Idem p. 34).

A estética da recepção, uma das correntes dos estudos literários, considera que a literatura, como caso especial de comunicação, deve ser vista a partir da perspectiva do produtor, do leitor e da interação dos dois. Identifica uma relação dialógica entre o leitor e a obra.

Os **Estudos Culturais** foram desenvolvidos a partir dos anos 1950 por pesquisadores da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, aos quais se incorporou, mais tarde, o teórico Stuart Hall. Para essa corrente, reunida no Centro de Estudos Culturais daquela universidade, a comunicação de massa faria parte das demais práticas do cotidiano, onde são desenvolvidas as atividades que dão sentido à vida social. Assim, a pesquisa de comunicação não deve focalizar apenas os meios de comunicação, mas deve se dar “no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática” (Ibid., p. 39).

Os estudos culturais são responsáveis por uma mudança no trato com a cultura, que passa a ser definida como um processo amplo de produção de sentido, e valorizam a cultura popular como um discurso social importante. O modelo analítico criado por Stuart Hall representa o ponto de partida para o deslocamento do foco do texto para a audiência. Considera quatro momentos distintos no processo de comunicação televisiva: o momento da produção, o da circulação, o da distribuição/consumo e o momento da reprodução. Cada etapa está articulada com a outra e todas são determinadas por relações de poderes institucionais.

A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear (HALL, 2003, p. 354).

A pesquisa sobre a recepção no âmbito dos estudos culturais espalhou-se por muitos países e recebeu influências que enriqueceram sua matriz conceitual, como o surgimento da linha de investigação denominada etnografia da audiência, os debates sobre as representações da mulher, os estudos sobre o mito, sobre o cotidiano, entre outros.

Mattelart chama a atenção para a “originalidade do centro e da problemática” dos Estudos Culturais na época, por

[...] conseguir reunir grupos de trabalho em torno de diferentes áreas de pesquisa (etnografia, *media studies*, teorias da linguagem e subjetividade, literatura e sociedade, por exemplo) e vincular seus trabalhos a questões suscitadas por movimentos sociais, em especial o feminismo (MATTELART, 2005, p. 108).

Apesar de toda a contribuição e os avanços que promoveu na pesquisa de comunicação, os estudos culturais também receberam críticas, segundo Jacks e Escosteguy (2005, p. 41), pois se teriam afastado do conteúdo dos meios, foco dos estudos, para centrar sua análise nas culturas de determinadas comunidades.

A **análise da recepção** tem muitos pontos em comum com os estudos culturais, dentre os quais a concepção sobre a mensagem dos meios, considerada como formas culturais abertas a diferentes interpretações, e sobre a audiência, que é formada por “agentes de produção de sentido” (Ibid, p. 42). Para a análise da recepção, os receptores são indivíduos ativos, que podem usar os meios de diferentes formas, desde um simples consumo até um uso social mais relevante.

Ao se referir ao estudo da recepção, Mattelart observa que o trabalho de Stuart Hall sobre o papel ideológico dos meios de comunicação e a natureza da ideologia teve uma contribuição importante para “a constituição de uma teoria capaz de refutar os postulados da análise funcionalista americana e de fundar uma forma diferente de pesquisa crítica” sobre a mídia (2005, p. 109).

Segundo Mattelart, foram várias as metodologias que se firmaram em reação às teorias estruturais-funcionalistas que dominavam os estudos sociológicos. Essas metodologias trouxeram de volta aos debates o sujeito, o grupo social, as relações intersubjetivas na vida cotidiana, entre outras questões. Entre esses estudos, o autor apresenta as sociologias interpretativas

e a etnografia das audiências, com as correntes já citadas neste capítulo como a pesquisa literária, os estudos culturais e os usos e gratificações (Ibid., p. 133).

Esse panorama dos estudos da comunicação voltados para o receptor reforça a percepção, já manifestada anteriormente, da comunicação como um processo complexo que envolve inúmeros elementos e fatores.

A ideia simplista da comunicação como se fosse formada por etapas desvinculadas uma da outra (emissor – mensagem – canal – receptor) foi sendo superada e dando lugar ao conceito de comunicação como relação, troca e como espaço de construção de sentido.

1.5– Estudos da Recepção na América Latina

As relações entre os veículos de comunicação e o receptor são objeto de pesquisa desde o início do século passado, mas a partir de 1980 é que esses estudos se ampliaram, mudando os modos de ver e analisar o receptor no processo da comunicação. Apesar dos novos enfoques das pesquisas, Souza (2002, p. 14) observa que o termo receptor e o entendimento sobre o espaço que ocupa na comunicação continuam sendo “influenciados predominantemente pelos pressupostos que orientaram os estudos norte-americanos sobre comunicação no início do século”.

Esses estudos apontaram para o predomínio do emissor sobre o receptor, e este agiria com passividade diante do poder dos meios de comunicação. Souza (op. cit.) critica esse enfoque:

[...] Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um polo, o emissor, sobre outro, o receptor; uma relação que subentende um emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos; como se existissem dois polos que necessariamente se opõem, e não eixos de um processo mais amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições.

Os estudos norte-americanos aos quais Souza faz referência e que continuam influenciando a percepção sobre o sujeito estão relacionados à teoria funcionalista, que tem como questão central as funções exercidas pelos

sistemas das comunicações de massa, “as consequências objetivamente averiguáveis da ação” dos meios sobre a sociedade (WOLF, 2003, p. 62). Ou seja, o enfoque está no emissor, e a comunicação reduzida às tecnologias, aos veículos, como o rádio, a imprensa escrita e a televisão, que representam a comunicação de massa (ver WOLF, 2003; e MATTELART, 2005).

Foi esse entendimento de comunicação, produzido nos Estados Unidos, que predominou na América Latina, na Europa e em outros lugares do mundo, até ser questionado e criticado por estudiosos da comunicação e das ciências sociais em geral. Novas correntes de pesquisa surgiram a partir dos anos 60, e as mudanças na compreensão desse processo foram sentidas a partir dos anos 80, influenciadas também pelas transformações geradas pela globalização. As novas pesquisas privilegiam as relações da comunicação com a cultura e a experiência dos sujeitos com os meios de comunicação (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 52).

Essa renovação nos estudos da comunicação foi significativa também na América Latina, que já sentia a necessidade de novas teorias para pensar a comunicação a partir de seu contexto histórico, de sua realidade e suas culturas.

Martín-Barbero (2002, p. 39-68.) afirma que a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação, como sugerem as pesquisas norte-americanas, mas é um lugar novo, não só de chegada da mensagem, mas também de produção de sentido. Esse novo olhar sobre o papel do sujeito na comunicação contribui para ampliar nosso entendimento a respeito desse processo e para reforçar a concepção de comunicação como relação e como espaço de circulação das formas simbólicas.

Nesse sentido, Baccega (2002, p.7 a 15) explica que

Os estudos da recepção estão preocupados com as características socioculturais dos receptores. Desse modo, o foco se desloca para as práticas sociais e culturais mais amplas, nas quais eles estão integrados. É nesse espaço que se estudará a ressignificação que os receptores produzem com relação aos produtos dos meios de comunicação.

Sendo a recepção um lugar de produção de sentido, vemos que seu estudo inclui necessariamente a cultura, a vida cotidiana, as diferentes relações

com o tempo, a subjetividade do sujeito. É na integração desses elementos, entre outros, que nos construímos como receptores e nos relacionamos com o outro e com os meios de comunicação.

Martín-Barbero (2002, p. 39-68.) explica que há quatro “chaves da trama conceitual da investigação da recepção na América Latina”. São elas: os estudos da vida cotidiana (seu sentido atual e reorganização); os estudos sobre o consumo (considerando não só o que consumimos, mas os modos de consumir); os estudos sobre estética e semiótica da leitura (sobre a “construção social dos modos de ler” e a questão da leitura como interação-comunicação); e a quarta chave são os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros (vistos como estratégia de comunicação).

Para Martín-Barbero (2001, p. 29), a reflexão voltada para os meios deve ser deslocada para as mediações, pois a comunicação tornou-se uma questão de cultura. Ele propõe que esse processo seja investigado “a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais” em suas diferentes temporalidades e culturas. Como mais uma pista para essas pesquisas, sugere o estudo de três tipos de mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Mediações seriam, então, o lugar, como diz Martín-Barbero, da produção de sentido, onde são produzidos e reproduzidos os significados sociais surgidos nas interações entre a produção e a recepção. Seguindo a proposta desse autor de deslocar o estudo da comunicação dos meios para as mediações, Barros observa que o meio também é mediação. Para ele, a mídia está entre as “mediações culturais e deve ser vista não apenas como suporte técnico para um diversificado leque de conteúdos; mas como elemento balizador da cultura contemporânea” (2008, p. 130).

Para Barros, a comunicação tornou-se elemento fundamental na composição da cultura, que hoje deve ser pensada no plural, como culturas contemporâneas, em função do tempo que vivemos, “tempo de hibridização tecnológica, midiática e cultural” (Ibid., p. 135).

Na essência da presente pesquisa estava identificar e analisar quais são e como se desenvolvem as redes pessoais de comunicação nessas comunidades e onde estão e como se conectam os pontos nodais que

viabilizam a comunicação. Assim, diante do que nos ensina Martín-Barbero, a atenção para as mediações não poderia faltar neste estudo.

Medina (2003, p. 98) acrescenta mais um elemento a esta reflexão, e que também transporte para todas as fases da pesquisa, ao dizer que as mediações sociais entre sujeitos pedem a linguagem dialógica, para “a criação de narrativas democráticas a serviço da cidadania”.

No início deste capítulo, afirmo que ao tentar explicar a comunicação estamos, na verdade, buscando compreender o ser humano. Muitos dos estudos já realizados acrescentaram novos elementos a essa busca e o mesmo podemos esperar daqueles que estão em fase de elaboração e dos que surgirão. A presente pesquisa representa um minúsculo grão de areia nesse universo de investigações sobre essa necessidade básica da pessoa humana, para repetir Bordenave, que é a comunicação.

Em meio a tantas teorias, esta pesquisa foi desenvolvida com base nos estudos da recepção, os quais têm entre seus teóricos, na América Latina, Jesús Martín-Barbero. Esse autor espanhol, doutor em filosofia, adotou o nosso Continente e, mais precisamente, a Colômbia, como sua terra, e se percebeu imensamente provocado a estudar o povo latino-americano, a sua comunicação e como se relaciona com os meios de comunicação. Deslocou o foco dos estudos da comunicação dos meios para as mediações, com ênfase na cultura e na vida cotidiana.

Ao ler Martín-Barbero e seus questionamentos sobre a comunicação cotidiana, e tudo o que representa na vida das pessoas, senti que eram as mesmas questões sobre as quais refletia e que me motivaram a preparar um projeto para o mestrado no PROLAM.

Ao buscar respostas para as perguntas sobre como as pessoas se comunicam nos locais em que se encontram, quais os assuntos, como se relacionam com os meios de comunicação, o que fazem com o que ouvem no rádio e assistem na TV, encontrei na bibliografia de Martín-Barbero, Certeau, Maffesoli e em vários outros pesquisadores o referencial teórico que necessitava para este estudo.

A pesquisa sobre as redes pessoais de comunicação entre os habitantes de Bocaina e de Calca é o estudo dos sujeitos-receptores-produtores, das suas culturas, da busca de significações e de produção de sentido na vida cotidiana

(que inclui a importante presença dos meios de comunicação), e ainda das relações sociais alimentadas no dia a dia, nos encontros e na solidariedade. Todas essas questões são pertinentes aos estudos da recepção, ampliados, aprofundados e diversificados com novos pontos de vista pelos diversos autores presentes nesta dissertação.

Partindo desse referencial, a pesquisa buscou o sujeito e suas práticas cotidianas para identificar e compreender a rede de comunicação que alimenta as relações com o outro e a vida da comunidade.

Aspectos culturais na comunicação

Cultura é a forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo. Esse entendimento de cultura, aparentemente simples e ao mesmo tempo completo, é-nos apresentado por Santos (2007, p. 81) e colabora para a tese de que não é possível separar a cultura da comunicação e a comunicação da cultura.

A comunicação é a transmissora da cultura e se alimenta dela, enquanto a cultura necessita da comunicação para existir, manter-se, expandir-se, atualizar-se e transformar-se.

Completando o pensamento de Santos, cultura é uma herança e também “um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento” (Idem, p. 81).

A cultura é viva, é reproduzida e interpretada pelos sujeitos da história. Como ensina Bosi (1987, p. 35), cultura não é um conjunto de coisas. Ela se produz no interior das relações sociais e existe para promover a Humanidade em nós.

Assim como Santos e Bosi, muitos outros estudiosos tentam compreender e explicar o significado e o papel da cultura na vida humana. Eagleton (2005, p. 54) a resume como um complexo de valores, de costumes, de crenças e de práticas que formam o modo de vida de uma sociedade.

Geertz (1989, p. 56) vai além e propõe duas ideias ao conceito de cultura: trata-se de um conjunto de mecanismos de controle, sendo o homem dependente desses mecanismos. Para esse autor, a cultura é mais bem vista não como

[...] complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) – para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.

Os padrões culturais, que são os sistemas organizados de símbolos significantes, acrescenta Geertz, é que dirigem o comportamento do homem. E se assim não fosse, o comportamento humano será ingovernável, “um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais”. Por isso, completa, “a cultura, que é a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade” (Idem, p. 58).

Os símbolos significantes impõem significado às experiências humanas. São as palavras, os gestos, desenhos, sons musicais, objetos, “qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada (..) para fazer uma construção dos acontecimentos por meio dos quais ele vive, para auto-orientar-se no mundo (Idem, p. 57).

Quando compreendemos a ligação da cultura com o cotidiano, com o campo de manifestações simbólicas e seu papel de promotora da humanidade, torna-se ainda mais clara sua estreita relação com a comunicação. Os símbolos são usados pelo homem em sua tentativa de compreender o mundo e são transmitidos e partilhados nas relações sociais por meio da comunicação.

Como insistem Martín-Barbero e outros autores, não é mais possível pensar a comunicação fora do mundo da cultura, assim como é fundamental compreender “a natureza comunicativa” da cultura (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 299).

Ao observar a rede de comunicação e a cultura de habitantes de Bocaina e de Calca, percebe-se o quanto guardam de resistência, conflito,

resignações, anseios. Bosi diz que a cultura é feita pelo povo “no seu cotidiano e nas condições que ele a pode fazer” (1987, p. 44).

A resistência ao apelo do urbano e da vida moderna mostrada pela TV; o conflito entre as gerações em que os mais jovens revelam-se ansiosos para conhecer um mundo diferente daquele pacato e restrito em que vivem; a resignação com as dificuldades financeiras e falta de perspectiva e os anseios de uma vida melhor compõem a cultura cotidiana dos protagonistas anônimos da nossa história.

A resistência ao sofrimento se manifesta no sonho de uma vida mais digna, como demonstra Carmem, camponesa de Calca, que se esforça para controlar a dor pela perda do marido ao olhar com ternura para os filhos ainda tão pequenos.

“Aqui se sofre bastante. No Peru existe bastante pobreza, dificuldades para as crianças... Agora que não está meu esposo, vou tentar sair, trabalhar como operária para que as crianças cresçam e possam trabalhar. [...] Gostaria de ir para Lima.”

Ao manter costumes e valores de seus antepassados, como as técnicas rústicas de produção agrícola, as danças nas festas comunitárias, a solidariedade na busca de solução para os problemas comuns, o respeito aos compromissos exigidos pela vida em comunidade, o morador de Calca revela sua cultura, buscando compreender e se ajustar à própria realidade.

Também a resignação com a pobreza faz parte da cultura, como manifesta Dona Geralda. “Meu sonho? Ah, tenho vontade de fazer muita coisa, mas não posso, pois não tenho condições. É tanta coisa que gostaria que nem me lembro. Queria aumentar a casa, dar mais conforto para as crianças, mas não tenho como”. Com problemas de saúde que a impedem de trabalhar, Dona Geralda conta com a ajuda da comunidade para que não falte comida em casa.

A cultura resiste e se recria no turbilhão das profundas transformações vividas pela sociedade, e, ao se encontrar e se combinar com culturas diferentes, dá origem à hibridação, ou seja, a processos socioculturais que geram “novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. XIX).

A hibridação, explica o autor, resulta de “processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional”, mas também surge da criatividade de cada sujeito e do grupo social, como formas de adaptação a

novas realidades. Tais processos não são fruto apenas da fusão e da coesão, mas sim da confrontação e do diálogo.

A hibridação cultural pode ser uma característica antiga da história da humanidade, que se intensificou na modernidade e engloba conceitos como contradição, mestiçagem, sincretismos, transculturação e criouliização (Idem, p. XXIV). Como alerta Canclini, a hibridação enfrenta resistências e rejeições, mesmo com a globalização, que, entre suas características, acentua a interculturalidade e a fluidez das comunicações, ou seja, transporta elementos culturais diferentes e aproxima as pessoas.

As novas tecnologias de comunicação estão presentes hoje em todo tipo de sociedade ou, onde não existem, podem ser conhecidas por alguns de seus grupos que compartilham as novidades com os demais. Dificilmente algum grupo social está totalmente alheio às transformações.

A teoria da hibridação nos ajuda na tentativa de compreender o latino-americano, que, ao longo de sua história, vive momentos de construção e reconstrução de suas culturas, mas talvez não de destruição, pois há inúmeros exemplos de resistência a culturas impostas, seja nos violentos processos de colonização, seja nas demais situações de “invasão” de outras culturas.

Bocaina e Calca dão inúmeros exemplos de hibridação ao aliarem novas tecnologias, como televisão e celular, com os antigos fogões à lenha, com as técnicas rústicas mantidas na produção agrícola, com a educação tradicional dos filhos.

Canclini explica que se verifica atualmente uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. Diz que a industrialização dos bens simbólicos não elimina o culto tradicional, como demonstra a crescente publicação de livros.

Do lado popular, é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma. Nunca houve tantos artesãos, nem músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, porque seus produtos mantêm funções tradicionais (dar trabalho aos indígenas e camponeses) e desenvolvem outras modernas: atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem (Idem, 2008, p. 22).

É possível encontrar posições contrárias a essas transformações e também preocupadas com o que temem ser o fim de determinadas culturas. Porém, como impedir que essas mudanças, fusões e hibridação aconteçam? Se considerarmos as contradições, resistências e os conflitos que cada cultura carrega, podemos encarar as transformações como inerentes ao processo de desenvolvimento humano.

As duas comunidades rurais pesquisadas, mesmo mantendo suas características rurais, não estão alheias a essa realidade, mas resistem, cada uma a seu modo, aos apelos da modernidade e buscam preservar em sua cultura os elementos com os quais mais se identificam, como os valores, as relações pessoais, a vivência comunitária, entre outras.

Apesar disso, as comunidades rurais acompanham o seu próprio encolhimento, com a redução no número de habitantes e das oportunidades de trabalho, fatores que também interferem na cultura local.

Jovens moradores de Bocaina e de Calca não escondem o desejo de viver na cidade para estudar e trabalhar, mesmo manifestando o amor que sentem pelo bairro onde moram com suas famílias.

Clara tem 15 anos e, embora trabalhe na chácara com os pais e irmãos, estuda e acompanha os acontecimentos globais pela televisão. É do grupo de moradores de Calca que possuem acesso à TV por assinatura e gosta de ver os programas do Discovery e novelas coreanas, que considera muito educativas. Seu sonho é estudar artes plásticas ou moda. Se optar por moda, gostaria de estudar no exterior, e cita Milão, na Itália, como o lugar dos seus sonhos, por ser considerada a capital mundial da moda.

As revelações dessa jovem podem ser indicadores das transformações culturais vividas pelo meio rural latino-americano, transformações provocadas por vários fatores, dentre os quais os meios de comunicação.

Bianca tem 16 anos, é filha única e, com uma voz mansa e olhos atentos, conta com muita tranquilidade os seus sonhos e como é sua vida. Gosta muito de viver em Bocaina e lamenta ter de se mudar para a cidade para continuar os estudos. “Eu penso em sair para estudar, trabalhar. Tenho vontade de fazer faculdade, mas ainda não sei o quê. Gostaria de continuar aqui, pois minha família está aqui, e é um lugar bom, mas só que não tem lugar de estudo, não tem muito futuro, isso é ruim.”

Canclini considera que a expansão urbana está entre as causas do crescimento da hibridação cultural.

O que significa para as culturas latino-americanas que países que no começo do século tinham aproximadamente 10% de sua população nas cidades concentrem agora 60 ou 70% nas aglomerações urbanas? Passamos de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação (Idem, p. 285).

O autor procura deixar claro que há inúmeras evidências de que a sociedade urbana não se opõe de forma taxativa à sociedade rural, e defende que nas cidades não predominam as relações secundárias sobre as primárias, nem a heterogeneidade sobre a homogeneidade.

Concordamos com o autor que não existe essa oposição entre os dois mundos, o urbano e o rural. O que existem, acreditamos, são diferenças culturais importantes e maiores possibilidades de preservação das relações pessoais entre os moradores da comunidade rural, mesmo com a presença dos meios de comunicação.

Esses aspectos serão apresentados e analisados nos capítulos seguintes desta dissertação.

CAPÍTULO 2

A VIDA NA ROÇA

2.1 – A escolha de Bocaina e de Calca

Os primeiros ensaios para a realização deste estudo, após a definição do seu objeto, objetivos e outros componentes metodológicos, esbarraram na escolha dos locais onde seria realizada a pesquisa empírica.

Definiu-se que a coleta de dados seria realizada junto a habitantes de duas comunidades rurais com características semelhantes. Dentre essas características, estariam a existência de uma vila na qual vive parte dos moradores, o número aproximado de habitantes e a atividade econômica.

A opção por comunidades rurais e não urbanas foi determinada pelo interesse em estudar como os habitantes desses pequenos grupos sociais, que vivem em vilas afastadas da cidade, relacionam-se, comunicam-se e utilizam os meios de comunicação social aos quais têm acesso, e como se dá ou não a preservação dos costumes e culturas locais.

Como moradores de centros urbanos, conhecemos nossas formas de comunicação e de utilização, cada vez mais intensa, dos instrumentos colocados à nossa disposição como celular, computadores, televisão e rádio, entre outros. O objetivo não é traçar uma comparação entre o rural e o urbano, e sim identificar, analisar e apresentar um modo de vida diferente do nosso, urbano, e ouvir os sujeitos dessas comunidades sobre as questões pertinentes à pesquisa.

O desafio, nessa fase, foi eleger uma comunidade rural em meio a tantas existentes no Brasil e fazer o mesmo em outro país latino-americano, atendendo à proposta do PROLAM.

Curiosamente, a escolha de Calca, no Peru, ocorreu primeiro. Em 2007, durante o III COMLAC – Congresso Latino-americano e Caribenho de Comunicação –, realizado em Loja, no Equador, o comunicador Ernesto Girbau

Florez apresentou o trabalho que a organização não-governamental Centro de Comunicação Audiovisual para o Desenvolvimento Nexo, da qual é presidente, desenvolve em comunidades rurais da Província de Tarma, no Departamento de Junín, no Peru.

No ano seguinte, ao elaborar o projeto para ingresso no Programa de Mestrado do PROLAM, ocorreu-me pesquisar Calca, uma das comunidades citadas durante o congresso. Em contatos por e-mail, Ernesto se prontificou a fornecer todas as informações e ajuda necessárias.

Depois de inúmeras trocas de mensagens via internet e de telefonemas, a visita a Calca se concretizou em julho de 2010, quando Ernesto nos acolheu por uma semana na casa-sede da ONG, em Tarma, de onde seguíamos todos os dias para a comunidade.

Durante os contatos com o comunicador peruano, iniciamos a busca pela comunidade brasileira, no município de Cunha, de extensa área rural, uma das maiores do Estado de São Paulo. Por indicação de um professor do município, chegamos ao Bairro da Bocaina, na Serra da Bocaina. Era exatamente o que procurava: uma pequena vila, com uma praça, várias casas, igreja, posto de saúde, escola e armazéns que atendem os moradores do local e dos sítios das redondezas.

Assim, definidas as comunidades, iniciaram-se as viagens a Bocaina e a permanência junto aos moradores para a realização das entrevistas e conversas, para a observação do lugar, dos habitantes, de suas casas e costumes, além de realizar os registros fotográficos. Depois de finalizada a fase de entrevistas em Bocaina, em junho de 2010 chegou o momento de conhecer o Anexo de Calca, encravado nas Cordilheiras dos Andes, na região central do Peru, para onde embarquei em julho do mesmo ano.

2.2 – Um retrato das duas comunidades e de seus moradores

Identificar, descrever, analisar e compreender as redes de comunicação dos habitantes de Bocaina e de Calca, objetivo geral desta pesquisa, exigiram um mergulho na vida de cada um dos entrevistados e de cada comunidade.

Essa aproximação e a relação estabelecida, mais ou menos estreita, dependendo da disposição e interesse de cada sujeito, trouxeram à tona os diferentes níveis de desenvolvimento encontrados nos países latino-americanos, em especial no Brasil e no Peru, onde estão localizadas as comunidades pesquisadas. As condições socioeconômicas estão refletidas na comunicação dos moradores das duas localidades e também evidenciam aspectos do padrão de vida de seu povo.

Não se trata de comunidades isoladas, distantes dos centros urbanos. Ao contrário, estão localizadas relativamente próximas das cidades e unidas por estradas, mas parece que não se beneficiam do seu desenvolvimento ao apresentarem um padrão de vida baixo, apesar do trabalho árduo e intenso na agricultura, realidade observada principalmente em Calca.

Stavenhagen (1972, p. 34) confirma essa percepção ao afirmar que a maioria das comunidades rurais está na “‘periferia’ de um desenvolvimento regionalmente localizado, e tende a um subdesenvolvimento cada vez maior”.

Ao analisar as comunidades rurais nos países subdesenvolvidos, o autor (idem, p. 35) observa que elas

[...] estão ligadas – através de comunicações, mercados, estruturas de poder, e assim por diante – à sociedade mais ampla: a complexos regionais e nacionais, dos quais elas se diferenciam por variáveis econômicas, políticas e culturais. Exceto com relação a um número extremamente pequeno de grupos rurais primitivos e mais ou menos isolados, a maioria da população rural do mundo tem vivido por muitos séculos em algum tipo de interação sistemática não apenas com centros urbanos locais, mas também com sociedades complexas maiores.

Os habitantes de Bocaina e de Calca viajam com certa frequência às cidades próximas. Embora as condições da estrada não sejam as melhores, grande parte dos moradores de Bocaina se desloca ao distrito de Campos de Cunha, a Cunha e a outras cidades das redondezas por diferentes motivos, dentre os quais compras, estudos, visitas a parentes, tratamento médico e até mesmo para rezar, como fazem anualmente, em romaria, ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida-SP. Os deslocamentos também são frequentes entre o povo de Calca, que, em sua maioria, viaja a Tarma e mesmo à capital, Lima, por inúmeras razões, principalmente para negociar a produção de suas plantações.

Com suas carências, as duas vilas não conseguem atender às necessidades do consumidor que, por isso, é obrigado a procurar outros lugares para as práticas de consumo. Mas, como explica Certeau (2008, p. 153), o deslocamento até a cidade também alimenta relações de todo tipo, complementares e contraditórias, e desperta sensações. “A relação com o centro da cidade sempre vem acompanhada de um sentimento secreto de beleza, não tanto ligado à arquitetura como tal, mas à profusão dos belos objetos que nele se acham expostos em vitrines.”

O passeio pelo centro, para o autor, contribui para um esquecimento momentâneo do real e permite sonhar com outra vida. Além disso, representa uma mudança na rotina, criando expectativas e ansiedades com o resultado da viagem, o movimento de pessoas ou outras situações com as quais o morador da comunidade rural poderá deparar-se.

O contraditório nessas relações é que, apesar do prazer e da atração das sensações urbanas, é bom poder voltar para casa, para o bairro, pois é “como se entrasse num espaço que contém as palavras do reconhecimento, conhecido pelo coração, surpreendente como as coisas que amamos...” (Idem, p. 156).

Esse vai e vem da comunidade rural para a cidade e da cidade para a comunidade rural possibilita uma abertura dos horizontes, faz surgir situações diferentes, abastece as redes de comunicação locais e de alguma forma provoca transformações nas pessoas e nas comunidades. Contudo, as mudanças mais profundas, na cultura de cada povo, tendem a ser mais lentas e graduais. Da mesma forma seriam mais lentas as transformações culturais provocadas pelos meios de comunicação, em especial a televisão e o rádio, presentes nas duas comunidades.

Uma possível explicação para isso seria que os indivíduos e pequenos grupos que compõem esse tipo de sociedade teriam “mais tempo para metabolizar elementos culturais exógenos com os elementos culturais locais”. (SEIXAS; RABELLO; CAVALCANTE, 2009, p. 9)

Além do tempo, uma instituição fundamental na preservação da cultura é a família, como transmissora dos valores da sociedade à qual está inserida. A maioria dos entrevistados, tanto em Bocaina quanto em Calca, demonstrou a importância que a família ocupa em seus sonhos e projetos de vida.

Os jovens que planejam deixar a comunidade onde vivem para estudar e trabalhar na cidade sofrem com a ideia de se separar dos pais, irmãos, avós e amigos. Carneiro (1998, p. 3) observa que “nas chamadas ‘sociedades tradicionais’”, referindo-se às sociedades rurais, “a família é o espaço privilegiado de sociabilidade” e de garantia de preservação da cultura de origem.

Bianca e Kátia, em Bocaina, e Clara, em Calca, preparam-se para deixar a casa dos pais dentro de alguns anos e se mudar para a cidade a fim de realizar o sonho de cursar o ensino superior. Porém, vivem a ambiguidade enfrentada por muitos jovens de áreas rurais nessa fase de construção de uma nova identidade. Para Carneiro (idem), esses jovens

[...] Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, veem sua autoimagem refletidas no espelho da cultura "urbana", "moderna", que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambiguidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

A saída dos jovens das comunidades rurais por estudo e/ou trabalho, por vontade própria ou por necessidade, traz à tona o grave problema da intensa migração campo-cidade verificado nos países latino-americanos e também de outros continentes. Em busca de trabalho e melhores condições de vida, o pequeno agricultor e o trabalhador rural migram para as cidades, em geral despreparadas para receber novos habitantes e mão-de-obra. Nas duas comunidades pesquisadas, os jovens são os mais afetados pela falta de perspectivas e acabam sendo forçados a migrar para os centros urbanos.

A vida social envolvendo poucas pessoas e restrita a espaços geográficos menores nas pequenas comunidades rurais, em comparação com as sociedades urbanas, fortalece as redes pessoais de comunicação, que se concretizam nas conversas com os vizinhos, nas visitas, nos encontros no armazém, na praça, na igreja, na escola e no posto de saúde (SEIXAS, RABELLO; CAVALCANTE, 2009, p. 10).

O morador de Bocaina e o de Calca têm noções de tempo e de espaço muito próprias de quem se relaciona diariamente com a natureza e percebe suas manifestações no clima, na temperatura, no dia e na noite.

Embora as duas comunidades pesquisadas estejam localizadas na zona rural e mantenham uma estreita relação com a terra, seus habitantes apresentam características muito distintas em seu modo de vida, em sua cultura e nas formas de sobrevivência. A estrutura física do centro das duas comunidades é semelhante: uma praça e ao redor dela a escola, o posto de saúde, a igreja e várias casas. No entanto, as diferenças superam as semelhanças.

Os habitantes de Calca descendem dos Incas, e a população da região de Cunha tem suas origens nas pequenas povoações fundadas por portugueses no século XVII (SHIRLEY, 1977). Além das diferenças culturais, as socioeconômicas são gritantes. As condições dos habitantes do Anexo peruano são inferiores às das famílias do bairro brasileiro, embora essas também enfrentem diversas carências.

Outra situação que chama a atenção é a permanência de moradores em algumas casas de Bocaina durante o dia todo em qualquer dia da semana. São os aposentados e as aposentadas, que agora podem descansar após muitos anos de trabalho na agricultura. Em Calca, a aposentadoria é um desejo e uma necessidade que ainda não se concretizou. Independentemente da idade, todos precisam trabalhar para sobreviver.

O objetivo deste estudo não é estabelecer uma comparação entre as duas comunidades e suas redes de comunicação, mas, ao identificar e analisar suas formas de comunicação, esse tipo de observação surge quase que espontaneamente. Não se poderia esperar que Bocaina e Calca fossem iguais. Isso seria impossível. Nenhuma comunidade será igual à outra, mesmo que estejam localizadas no mesmo País, no mesmo Estado, no mesmo município. Cada uma possui características, identidade, população, costumes, paisagem, muito próprios, e por isso cada uma tem sua riqueza, sua história e sua importância.

Que dirá então quando o estudo envolve comunidades de países diferentes, como são as nossas protagonistas? Os sujeitos desta pesquisa não são as duas comunidades, mas sim seus habitantes. Porém, como falar do

morador de Bocaina e do morador de Calca, e de sua comunicação, sem apresentar as duas vilas, descrevê-las, narrar um pouco da sua rotina e mostrá-las como parte importante deste estudo?

Chamamos as duas localidades de comunidade por se tratar de um agrupamento populacional, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, embora Bauman (2003, p. 9) considere que “‘comunidade’ é um tipo de mundo que não está, lamentavelmente, ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir”.

Para o autor, comunidade é um lugar confortável, aconchegante, onde todos se sentem seguros, todos se sentem bem, se conhecem, se ajudam, são amigos e um confia no outro. Ele lamenta que, por vivermos em tempos de competição, de desprezo pelos mais fracos, de falta de solidariedade, entre outras realidades “não comunitárias”, comunidade representa outro nome do paraíso perdido, ao qual esperamos ansiosamente retornar.

Pode ser que Bocaina e Calca se aproximem desse conceito de comunidade de Bauman, por serem pequenas e pacatas, facilitando as relações de amizade entre os moradores. Quanto a serem um paraíso, depende do ponto de vista do morador. Para os mais velhos, que têm ali suas raízes e história e é onde querem morrer, como disse Dona Lourdes, 83 anos, moradora de Bocaina, a vila está próxima de ser um paraíso. Por outro lado, os jovens, mesmo gostando do lugar, vislumbram uma vida diferente na cidade.

2.3 – Bocaina

O Bairro da Bocaina pertence ao Distrito de Campos de Cunha, no município paulista de Cunha. Localizado no Alto Paraíba, Cunha está entre as serras do Quebra-Cangalha, da Bocaina e do Mar. Limita-se com Ubatuba, São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Guaratinguetá, Lorena, Silveiras, Areias e São José do Barreiro, no Estado de São Paulo, e com Paraty, no Estado do Rio de Janeiro. A altitude média é de 1.100 metros.

A população atual de Cunha é de 21.874 habitantes (IBGE, 2011), dos quais 50% residem na zona rural. Suas principais atividades econômicas são a pecuária leiteira e de corte e as culturas de milho, feijão e batata. Os últimos

anos registraram um crescimento do turismo e da culinária, que despontam como novas atividades do município⁷. Na verdade, o potencial turístico de Cunha já havia sido observado em 1964 pelo antropólogo norte-americano Robert Shirley em suas pesquisas que resultaram no livro “O Fim da Tradição. Cultura e Desenvolvimento no Município de Cunha”. O livro foi traduzido para o português por João José de Oliveira Veloso e publicado no Brasil em 1977.

A estrada que liga a cidade de Cunha ao Distrito de Campos de Cunha é asfaltada, e a do Distrito até o Bairro da Bocaina é de terra, com trechos estreitos ladeados por ribanceiras que exigem cautela do motorista. Nas subidas mais íngremes, foram assentados blocos de cimento para que os veículos possam transitar durante os períodos chuvosos. Antes da realização desse serviço, era comum a estrada permanecer interditada na época das chuvas, o que gerava muitos problemas para os moradores das vilas localizadas na serra. Quando a administração local deixa de fazer a manutenção da estrada, ela volta a ficar intransitável e os mais prejudicados são os estudantes que viajam todos os dias para Campos de Cunha para cursar o ensino médio.

Seguindo por essa estrada, cerca de 30 minutos depois de Campos de Cunha, e logo após uma descida, surge a colorida Bocaina, no meio de uma área rodeada pelas montanhas. As casas, a igreja imponente, a escola, a praça dão as boas-vindas a quem chega, assim como alguns de seus moradores que saem às janelas e às portas para ver se o visitante é gente conhecida ou estranha.

O Bairro fica a 47 km da zona urbana de Cunha. No centro da vila estão a praça, a quadra de futebol, a igreja católica e o posto de saúde. Ao redor, as casas, a escola, os dois armazéns e um bar. A igreja evangélica está localizada em uma rua próxima. Na praça, além da quadra de futebol, há bancos e brinquedos para as crianças, como escorregador, balanço e gangorra. No fim da tarde, jovens e crianças se divertem no local, observados pelos adultos que ficam por ali batendo papo.

O Posto de Saúde também recebe muitos moradores, de todas as idades, da vila e dos sítios. O médico atende às sextas-feiras, das 8 às 12

---

⁷ Disponível em: <http://www.cunhatur.com.br/pasta002/index.php>. Acesso: 3 fev. 2010.

horas, com consultas agendadas. Nos outros dias, o atendimento é feito pela enfermeira. Os pacientes recebem, gratuitamente, os medicamentos básicos, e os casos mais complexos são encaminhados para cidades da região. Uma agente de saúde, do Programa Saúde da Família, visita as famílias que vivem nos sítios espalhados pela serra (informação verbal)⁸.

O Posto de Saúde possui uma sala de espera, com oito cadeiras e a mesa da atendente, dois arquivos, uma prateleira e um quadro de isopor fixado na parede com fotos de crianças do bairro. Há ainda uma sala onde o médico faz as consultas, outra para vacina, uma terceira que guarda os remédios e um banheiro.

A igreja católica dedicada a São Roque, padroeiro do bairro, está localizada no centro da vila, ao lado do Posto de Saúde. O padre que atende na região mora na paróquia de Campos de Cunha e celebra missa na vila um domingo por mês. Nos outros domingos, a celebração é conduzida pela Ministra Extraordinária da Eucaristia, às 15 horas. Nas terças e quintas-feiras, há Adoração do Santíssimo e reza do Terço.

Em uma rua próxima, está a Igreja Assembleia de Deus. O culto é realizado às terças-feiras, às 14 horas, quartas-feiras, às 19 horas, e aos domingos, às 15 horas, mesmo horário da celebração católica. O Pastor vem de Campos de Cunha para os cultos, mas quando isso não é possível, o presbítero local, como é chamado o responsável pela igreja no Bairro, conduz as orações. A presença de uma igreja evangélica em Bocaina, cuja maioria da população é católica, é recente, tendo sido inaugurada em 2005 (informação verbal)⁹.

A Escola Estadual e Municipal Bairro da Bocaina oferece o ensino fundamental e o EJA (Ensino de Jovens e Adultos), antigo supletivo. As atividades na escola começam às 7 horas e são encerradas às 6 horas da tarde, de segunda a sexta-feira. Nos fins de semana, um professor de educação física vem a Bocaina especialmente para o Programa Escola da Família¹⁰, que recebe moradores de todas as faixas etárias em suas atividades

---

⁸ Informação fornecida por funcionários do Posto de Saúde de Bocaina.

⁹ Informação fornecida pelo presbítero do bairro.

¹⁰ O Programa Escola da Família é realizado em escolas da rede pública estadual de São Paulo e consiste em manter as escolas abertas nos fins de semana com atividades voltadas para a comunidade local. As atividades desenvolvidas são nas áreas de esporte, cultura, saúde

educativas e de recreação. Nesses dias, todos podem utilizar os computadores e acessar a internet. Em geral, apenas os jovens e as crianças participam. Os adultos parecem não demonstrar interesse, embora o programa seja aberto a todos.

Aos sábados e domingos, o movimento é maior na vila e na praça. Além do povo do lugar, circulam também os moradores dos sítios da Bocaina e de outros bairros rurais das proximidades. Eles vêm, principalmente, para comprar nos armazéns, participar da missa ou do culto e aproveitam para visitar parentes e amigos.

A maioria das casas da vila é de construção simples, com dois quartos, cozinha, sala e banheiro. Todas têm um fogão à lenha e também a gás, água encanada e energia elétrica. O rádio está presente na maioria das moradias, assim como a televisão, que exige a instalação de uma antena parabólica para a captação dos canais.

A vida diária começa muito cedo, às 4 horas para quem vai para as roças cuidar do gado e tirar o leite. Quem fica em casa ou faz outro tipo de serviço também acorda cedo para preparar o almoço. Seu João e Dona Ana despertam às 4h30. Ela faz o almoço para ele levar para a roça e, depois, fica lidando com as coisas da casa, como disse. Por volta das 7 da noite, a praça e as ruas começam a ficar vazias. Todos se recolhem cedo para madrugar no dia seguinte.

Não existe cemitério no Bairro. O sepultamento é realizado no cemitério de Campos de Cunha. Os casamentos também são celebrados na igreja do Distrito. Já os batizados ocorrem na própria Bocaina.

2.4 – Calca

O Anexo de Calca está localizado no Distrito de Palcamayo, Província de Tarma, Departamento de Junín, na região central do Peru. Calca encontra-se a 3.100 metros de altitude e a 6 horas da capital, Lima.

Saindo de Tarma com destino a Calca, viaja-se primeiro pela rodovia de asfalto até o Distrito de Acobamba. De lá, segue-se por uma estrada de terra que leva a Palcamayo e a outros vilarejos da região. O transporte dos passageiros é feito por coletivos, carros particulares que circulam o dia todo levando e trazendo moradores e suas compras.

Os carros estão sempre lotados, correndo pela estrada empoeirada, cortando um vale dos Andes, de paisagem exuberante. O belo caminho ajuda a suportar o aperto, o desconforto e a poeira da viagem.

À primeira vista, o vilarejo de Calca parece não ter moradores. As casas permanecem fechadas durante o dia, pois seus habitantes estão trabalhando nas chácaras. Contudo, a escola e o posto de saúde, localizados no centro da vila, revelam a vida do lugar, com a algazarra das crianças e as idas e vindas dos pacientes.

A vila possui uma escola, um posto médico, uma capela, dois armazéns, o prédio da Municipalidade e uma grande área limpa chamada de praça, onde são realizadas as festas. A capela só recebe a visita do padre em algumas festas patronais (dedicadas a santos padroeiros) e quando há um casamento ou batizado. Mais à frente, uma das casas traz escrito na parede que ali é uma “igreja evangélica”. Os cultos são realizados aos domingos, pela manhã e à tarde. As duas igrejas permaneceram fechadas durante o período da pesquisa. Embora a maioria da população seja católica (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA), observa-se que a presença do pastor evangélico é mais frequente do que a do representante da Igreja Católica.

A economia local está baseada na agricultura, cuja produção é comercializada em Tarma e na capital do país, Lima. Os camponeses cultivam milho, batata, alface, espinafre, cenoura, flores, entre outros produtos (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DO PERU, 2011).

Calca possui 639 habitantes (informação verbal)¹¹, e todos trabalham e vivem da terra. Passam todos os dias na chácara, inclusive os domingos. Para a maioria dos moradores, não há um dia de folga na semana, todos os dias são dedicados ao trabalho. Saem cedo de casa e voltam no final da tarde.

---

¹¹ Informação fornecida pela funcionária do Posto de Saúde de Calca.

Diariamente, no final da jornada dos agricultores, os caminhões que transportam a produção até os mercados de Tarma e de Lima recolhem o que cada família colheu naquele dia. Antes de subir para o caminhão, os produtos (batata, espinafre, alface, entre outros), já ensacados, são lavados no ribeirão que corta a região e passa ao lado da estrada de terra. Esse trabalho entra na noite, mas o frio e a água gelada do ribeirão parecem não afetar os camponeses.

Ao encerrar mais um dia de muito trabalho, sob o sol ou sob a chuva, cada família volta para sua casa. São moradias modestas, construídas de taipa, material de construção feito de barro socado e prensado em molde de madeira, o piso é de terra e os móveis são poucos.

Depois de três dias percorrendo, conversando e observando o lugar, finalmente, na manhã de domingo, foi possível entrar em uma casa de Calca. Carmem, a moradora, estava voltando de Tarma com suas três crianças. Uma das meninas vestia uniforme escolar, pois havia participado do desfile cívico pelas comemorações da independência do país, celebrada no dia 28 de julho.

A casa, construída com tijolos de barro queimado e telhas de cerâmica, uma das únicas do povoado em que se utilizou o tijolo, não estava concluída, não tinha reboco. O piso interno era de terra batida. Ela concedeu a entrevista no cômodo que seria a copa, mobiliado com uma mesa e duas cadeiras. Ao lado, na cozinha, havia um fogão e algumas caixas de madeira usadas como armário. Em outro espaço estavam espalhadas espigas de milho para secar.

Carmem vive ali com os três filhos pequenos. O marido faleceu no início de 2010, e, desde então, ela tem de trabalhar muito mais na plantação para o sustento da família. E trabalha sozinha, na maior parte do tempo. Para aumentar um pouco a renda, naqueles dias estava servindo almoço e lanche para os homens que estavam trabalhando na construção do banheiro da escola. Carmem demonstra que sofre muito com a falta do marido e chorou durante a entrevista ao contar sobre sua triste história de vida.

A casa de Carmem está localizada no centro da vila, situado no alto da montanha e rodeado pelas chácaras. Lá embaixo, passa a estrada que leva a Palcamayo e a Acobamba.

A “praça” está vazia, na maior parte do tempo. Às vezes as crianças brincam por ali no horário do intervalo das aulas. Nos fins de semana é igual,

mas sem as crianças, pois não há aulas. O Posto de Saúde atende aos domingos, o que atrai algumas pessoas para o centro de Calca nesses dias.

Nos dias de festa, tudo é diferente. Os moradores, seus parentes de outros lugares, e convidados se concentram na praça para as comemorações, que sempre envolvem músicas, danças, comidas e bebidas, brincadeiras e competições, entre outras atividades, dependendo do que se comemora, se é festa religiosa, como São João e São Pedro, em junho, entre outras, ou as Festas Pátrias, em julho, quando os peruanos celebram a independência do País. Essas duas estão entre as festas mais importantes do vilarejo.

Calca chama a atenção por sua paisagem belíssima. Encravada nos Andes, mescla áreas verdes e de pedra, árvores frondosas, plantação rasteira, e os terrenos dos agricultores, em quadrados ou retângulos mais ou menos regulares que, vistos de longe, parecem uma colcha de retalhos. Os carneiros também fazem parte dessa paisagem, conduzidos pelos pastores, em geral mulheres idosas ou crianças.

A beleza do lugar é um dos orgulhos dos moradores. Vários dos entrevistados disseram que gostam muito de viver ali, pois é muito bonito e tranquilo. Nenhum deles reclamou do trabalho nem do clima, mas todos se queixaram da baixa remuneração da produção.

A vida dos moradores de Calca é muito dura. Trabalham muito e ganham pouco. Os preços das verduras e dos legumes que plantam são baixos, e os agricultores não recebem qualquer tipo de apoio do governo. Trabalham desde crianças, e o mesmo se repete com seus filhos.

A maioria dos moradores de Calca nasceu, cresceu e sempre viveu nesse lugar. Sua profissão é a mesma de seus antepassados agricultores. Seu dia a dia é formado pelas mesmas atividades, tarefas e obrigações. Todos acordam cedo e vão para a chácara, onde passam o dia trabalhando, cuidando da terra, colhendo, semeando, arando. No final da tarde, voltam para a casa cansados. Aqueles que têm um aparelho de televisão em casa assistem a algum programa, jantam com a família e vão dormir, para no outro dia viver essa mesma rotina. Quem não tem TV, se distrai ouvindo rádio, que já foi o seu companheiro durante o dia inteiro no campo.

As noites são diferentes quando há assembleia no escritório da Municipalidade. As assembleias ordinárias são realizadas duas vezes no ano, e

as extraordinárias são convocadas sempre que há necessidade, em geral a cada dois meses. Todos os moradores são convocados para a assembleia, que é presidida pelas autoridades locais, ou seja, pelo Agente Municipal, o Presidente e o Secretário da Municipalidade, que são eleitos pela população local para um mandato de dois anos. Essas autoridades são as responsáveis pela organização da comunidade e a representam na busca de melhorias junto aos governantes.

A participação na assembleia é obrigatória e o morador que não comparece nem justifica a ausência é multado ou penalizado com o corte no fornecimento de água em sua casa ou chácara. Além das autoridades citadas, há também o Presidente da Água Potável, responsável pelo abastecimento e uso adequado da água nas casas e nas plantações.

Todos os moradores de Calca trabalham. Até mesmo as crianças depois que saem da escola. O papel delas é ajudar os pais e irmãos mais velhos na plantação e cuidar das ovelhas, carneiros e galinhas. As famílias precisam trabalhar muito para suprir suas necessidades básicas, e trabalham a vida toda, pois não há aposentadoria para o trabalhador rural.

Um exemplo é Dona Anita, de 61 anos, que trabalha de domingo a domingo na chácara e pastoreando as ovelhas. Não sabe ler nem escrever. Em sua simplicidade, embora estivesse sempre sorrindo, não quis muita conversa durante a entrevista realizada no armazém do Sr. Amâncio. Ela havia ido comprar dois tomates para o almoço de domingo, que pagou com algumas moedas de Novo Sol, a moeda peruana. Enquanto tiver condições físicas, Dona Anita terá de trabalhar.

Nem todos os jovens conseguem estudar. As crianças frequentam a escola pública de Calca, que oferece apenas o ensino básico, da 1ª à 6ª série. Depois disso, para prosseguir nos estudos, devem ir a Palcamayo ou a Tarma, mas nem todos os pais têm condições de pagar o transporte. A diretora da escola comentou que o estudo em uma dessas cidades “depende da economia dos pais. Se têm economia boa, regular, mandam para Tarma, se são de situação mais ou menos, para Palcamayo, se não têm condições, os filhos não estudam”.

O estudo representa a possibilidade de ter um futuro melhor, ir para a cidade, ter uma vida diferente da dos pais. Mas não é uma garantia.

Conversamos com três irmãos que cursaram o ensino superior, saíram de Calca para estudar e para trabalhar, e agora estão de volta, trabalhando na lavoura com os pais. Não conseguem emprego na área em que se formaram.

Algumas famílias, de situação financeira um pouco melhor, reservam o domingo para descansar e, às vezes, passear. É o caso da família de Jairo, que trabalha com os pais e os irmãos na chácara, de segunda a sábado. Também a família de Kandy repousa aos domingos.

Os problemas de saúde mais simples são atendidos no Posto de Saúde, que funciona na comunidade desde 1994. Os casos mais complexos e cirurgias obrigam os moradores a procurar por atendimento em Tarma.

Os moradores de Calca que ocupam os cargos políticos locais vivem e trabalham como todos os outros. São líderes, possuem poderes inerentes aos cargos, mas não desfrutam de regalias e privilégios por isso. O Agente Municipal, o Presidente e o Secretário trabalham o dia todo na lavoura, sob o sol e sob a chuva, na mesma rotina vivida por todos os membros da comunidade.

2.5 – A realidade do povo rural

Bucólico e paradisíaco para alguns, atrasado para outros e visto ainda como sofrido e explorado, o espaço rural tenta ser compreendido e explicado pelas Ciências Sociais e por aqueles que o vivem.

O homem rural já foi identificado como aquele que está em contato direto com a natureza; sobrevive da agricultura, vive em grupos sociais reduzidos, mantêm relações estreitas, face a face, direta e pessoal com os outros membros do grupo, no qual todos se conhecem pelo nome, conhecem a história do outro, dos antepassados e valorizam mais esses aspectos do que qualidades profissionais.

Muitas dessas características ainda predominam no meio rural latino-americano, como foi possível observar nas comunidades de Bocaina e de Calca. Se em suas relações sociais são observadas características positivas, como algumas dessas citadas, no aspecto social e econômico essas

comunidades revelam imensas carências, que são uma marca da realidade do nosso continente com seus diferentes níveis de desenvolvimento.

As sociedades camponesas estão ligadas à sociedade urbana, pelos mercados, pelas comunicações, estruturas de poder, entre outras, mas se encontram na periferia do desenvolvimento regional, não se beneficiando das melhorias conquistadas pelos centros urbanos (STAVENHAGEN, 1972).

Esse subdesenvolvimento é observado em Calca, onde os agricultores não estão fechados em seu mundo e sim incorporados à economia de mercado, pois comercializam seus produtos em Tarma e em Lima. No entanto, não recebem remuneração adequada que resulte em uma melhoria nas condições de produção e, conseqüentemente, nas condições de vida.

Para essa situação pesa também a resistência a certas mudanças em nome da tradição. O comunicador Ernesto Girbau Florez, conhecedor da realidade do povo rural daquela região do Peru, observa que os camponeses de Calca mantêm os costumes na produção e “muitas vezes rejeitam ofertas economicamente mais rentáveis em dinheiro e tempo porque vão contra sua cultura”.

Nas entrevistas, porém, a maioria dos entrevistados de Calca reclamou do baixo valor dos produtos no mercado e da falta de incentivo e de apoio dos órgãos públicos, até mesmo para uma modernização da produção.

Na comunidade brasileira pesquisada, as condições econômicas e sociais do morador são melhores do que as dos camponeses de Calca, mas persistem as carências que afligem grande parte das pequenas vilas rurais do nosso país, como atraso tecnológico na produção, falta de emprego e de oportunidades de estudo.

Em seu estudo sobre o conceito do espaço rural, Marques (2002) defende que a extrema desigualdade social que marca a sociedade brasileira, que podemos estender à sociedade latino-americana, somente poderá ser superada com políticas de valorização do campo. E essas políticas, acrescenta, devem priorizar oportunidades de desenvolvimento social. A autora (idem, p. 110) propõe que

[...] o campo não seja concebido apenas como complementar à cidade e paisagem a ser consumida. Ele pode e deve ser portador de novas experiências que contribuam para a superação de problemas estruturais de nossa sociedade como o *apartheid social*. Um projeto

de desenvolvimento rural que vise à inclusão social a partir da melhoria geral das condições de vida e da realização de novas atividades no campo deve se basear no processo de descentralização política e de valorização de saberes locais. Discutir alternativas para o campo apoiadas sobretudo em demandas da cidade implica forte risco de manutenção da população rural em situação de subordinação.

Em sua prática cotidiana, em sua comunicação, em sua cultura, o habitante de pequenas comunidades rurais latino-americanas resiste à dura realidade vivida e reage, a seu modo, à exclusão social que o distancia de uma vida mais digna. A persistência em manter o seu modo de vida, seu trabalho, seus saberes, pode ser resultado do desalento ou pode ser o seu jeito de responder à opressão.

CAPÍTULO 3

A COMUNICAÇÃO COTIDIANA DO POVO DE BOCAINA E DE CALCA

A pesquisa sobre a comunicação cotidiana desenvolveu-se com tranquilidade e não encontrou qualquer obstáculo no bairro rural de Bocaina. Povo acolhedor e atencioso, abriu-se para as perguntas, contou sobre sua vida, fazendo questão de colaborar para o estudo. Foi só chegar, apresentar-me, explicar os motivos da visita e a necessidade de voltar outras vezes, e as portas já estavam abertas para receber esta pesquisadora.

Calca, ao contrário, exigiu uma articulação política e fortes argumentos para que os líderes da comunidade autorizassem a pesquisa. Para entrar na comunidade e conversar com os moradores, era necessária a autorização do Agente Municipal e do Presidente da Municipalidade.

Com intermediação de Davi, um dos jovens que atuam na ONG Nexo e é parente de um dos líderes locais, foi possível agendar uma reunião para a noite gelada de 8 de julho de 2010. Nessa primeira visita a Calca, ainda não foi possível conhecê-la nem visualizá-la, tão escura estava a noite sem lua e com pouca iluminação nas ruas.

Durante a reunião, realizada no armazém do Seu Amâncio, Agente Municipal de Calca, as autoridades resistiram muito em conceder a autorização, apesar das minhas explicações sobre os objetivos do estudo e da argumentação de Ernesto Girbau Florez em defesa da seriedade da pesquisa. Os líderes de Calca diziam temer a exploração da pobreza e das dificuldades dos camponeses e indagavam sobre os benefícios que teriam em troca.

Depois de muita conversa, convenceram-se de que a investigação não representaria riscos à comunidade e permitiram as entrevistas, desde que fossem realizadas apenas com eles mesmos. Foi outra batalha conseguir fazê-los entender que as mulheres também precisavam ser ouvidas, pois têm um papel muito importante na vida da comunidade. Finalmente concordaram e, ao final, já mais tranquilos, posaram sorridentes para as fotos.

Ao tentar interpretar e compreender a resistência dos líderes de Calca, consideramos que não foi gratuita e sim motivada pela história local que carrega marcas de exploração e injustiças vividas por aquele povo.

Durante a reunião com os líderes, um deles lembrou uma reportagem da TV realizada na comunidade que, conforme disse, distorceu fatos e mostrou uma imagem negativa do lugar. As autoridades repudiaram aquela reportagem e temiam que a presente pesquisa apresentasse o mesmo resultado. Assim, essa experiência negativa vivida pela comunidade também contribuiu para a resistência inicial em autorizar nosso estudo.

Superadas as dificuldades iniciais nessa fase da pesquisa em Calca, foi possível retornar à comunidade peruana nos dias seguintes para conhecer o lugar, observar, conversar e entrevistar alguns de seus habitantes, que se mostraram receptivos e interessados em colaborar.

A recepção, o interesse do morador em participar da pesquisa, a facilidade ou dificuldade de acesso à comunidade comunicam o jeito de ser de cada grupo social, comunicam algo de sua história e de sua cultura. Assim, compreender e respeitar o modo de vida e de se relacionar de cada povo são posturas fundamentais na pesquisa que utiliza a técnica da observação participante e que fizemos questão de aplicar neste estudo.

3.1 – As redes pessoais de comunicação

Os moradores do bairro de Bocaina são receptivos e gostam de uma conversa. Recebem bem os visitantes, abrem suas casas e contam suas histórias. Todos fazem questão de oferecer um cafezinho, feito na hora.

Na primeira visita a Bocaina, realizada com o objetivo de observar se seria o lugar adequado para a pesquisa de campo, fomos recebidos na escola pela diretora Angela Fagundes que prontamente nos forneceu muitas informações sobre o bairro e sobre seus moradores. Emprestou documentos com dados importantes do local e a cópia de uma reportagem sobre um projeto da USP desenvolvido na região e intitulado “Cunha – raízes caipiras”.

Mais tarde, caminhando pela praça e observando as casas ao redor, um dos moradores, Sr. João, aproximou-se para puxar conversa. Nesse momento,

começou a cair uma chuva fina que foi o motivo para ele nos convidar para entrar em sua casa e tomar um café. A esposa, Dona Ana, logo passou um café cheiroso no fogão à lenha e mostrou que também é boa de prosa.

Na casa modesta de dois quartos, cozinha e banheiro, e um fogão à lenha numa pequena área coberta do lado de fora, contaram sobre sua rotina, que começa bem cedo, às 4h30, quando ela prepara o almoço para o marido levar para a roça. No início da noite, gostam de assistir à missa pela TV e ver o jornal. Logo depois, vão dormir para madrugar novamente no dia seguinte.

Durante a caminhada ao redor da praça de Bocaina, algumas pessoas saíram às janelas e portas para ver os visitantes. Seu Amilton, um senhor aposentado de fala mansa e muita educação, aproximou-se para conversar, demonstrando grande interesse em contar algumas passagens da história de Bocaina, do seu trabalho na roça e o gosto em ajudar a resolver problemas no bairro, como quando falta água ou a estrada necessita de melhorias. Aos setenta e dois anos de idade, ainda faz questão de cuidar da vila, podando as plantas que contornam as calçadas perto da igreja.

Nas visitas seguintes, todos já sabiam o motivo da minha presença, mas Seu Alcides, outro morador antigo de Bocaina, conhecido como “jornalista”, queria ter certeza e fez questão de perguntar mais detalhes da pesquisa. Ao se sentir bem informado, tranquilizou-se e respondeu às perguntas com empolgação.

Em Calca, a experiência foi muito diferente da vivida em Bocaina. O modo de vida dos moradores desse Anexo de Palcamayo, identificado a partir da observação e nas conversas, não privilegia as relações sociais, os contatos frequentes entre eles, no dia a dia. A comunicação está mais restrita aos familiares, pois vivem na mesma casa e trabalham juntos na chácara, e com menos intensidade com o círculo social.

Durante a semana, os moradores têm pouco tempo para conversar com vizinhos e amigos. Seus encontros ocorrem mais no trajeto da casa até a chácara e vice-versa, pela manhã ou no fim da tarde. O domingo, para as famílias que dedicam esse dia ao descanso, permite conversas mais longas e descontraídas entre os familiares e com os amigos e conhecidos. É costume se encontrarem nas festinhas de aniversário e, ao longo do ano, nas festas em homenagem a algum santo da Igreja Católica.

Grande parte das famílias trabalha aos domingos, repetindo a mesma rotina de todos os dias, privadas de lazer e de momentos de descontração para uma conversa ou outra atividade que lhes proporcione prazer.

Os grandes acontecimentos que mudam a rotina de Calca são as Festas Patronais, como de São Pedro e São Paulo, dia 29 de junho, e as Festas Pátrias, dias 28 e 29 de julho. Nessas festas, a maioria do povo não trabalha e se entrega à extensa programação, que inclui danças, gincanas, celebrações, discursos, banda, comidas e bebidas, e das quais participam moradores de outros anexos e de cidades vizinhas.

A cultura popular daquele povo está muito presente em suas festas e danças desde os tempos antigos. Muitas delas não existem mais, outras foram sendo adaptadas ao longo dos anos e a maioria é de origem incaica.

Um estudo realizado pelo historiador Ernesto Chagua Blanco (2001), de Tarma, resgata a origem, a coreografia, o vestuário, a música e o canto de 26 danças e ou bailes dos povos daquela Província. Entre essas manifestações estão “La Danza Del Inca”, que interpreta toda a tragédia da captura do inca pelos espanhóis em Cajamarca; “Huancadanza”, que recorda a luta dos índios Tarama contra o império inca ou contra os invasores espanhóis, e é praticada anualmente, em maio, na região de Palcamayo; e “Cortamonte”, baile de agradecimento pelos benefícios dados pela natureza por meio da agricultura.

A maioria dos entrevistados de Calca para esta pesquisa destacou a importância das festas como os principais momentos de lazer, de confraternização e de preservação da cultura local.

Foi por meio das conversas, das entrevistas e da observação que buscamos conhecer as duas comunidades e reunir as informações necessárias para a pesquisa.

Em Bocaina, quase todas as entrevistas foram realizadas nas casas das entrevistadas, sendo duas feitas na praça, uma na escola e uma no armazém. As conversas nas casas foram mais longas, descontraídas e permitiram que se estabelecesse uma relação de amizade entre pesquisadora e sujeito da pesquisa.

Em Calca, ocorreu o contrário. A maioria das entrevistas foi realizada na chácara, ao lado das plantações e nas margens de um ribeirão. Apenas uma foi concedida na casa da entrevistada e algumas poucas no armazém. O tempo

permanecido junto aos entrevistados foi bem maior em Bocaina, assim como as possibilidades de observação das habitações, do jeito de morar e dos costumes.

As duas experiências ensinaram o quanto trazem de verdade as explicações de Heloísa Martins (2004, p. 294) sobre a observação participante como método de trabalho. Quanto mais nos aproximamos do sujeito da pesquisa e conseguimos fazer parte do seu cotidiano, mais ele se abre, se revela e contribui para o estudo. Além disso, ampliam-se as possibilidades de observação. Embora essas condições tenham sido reduzidas em Calca, em comparação com o trabalho desenvolvido em Bocaina, acredito que não trouxeram prejuízos para a investigação.

A maioria dos habitantes das duas comunidades pesquisadas vive há muitos anos no local ou nasceu ali. Sua história de vida está inserida na história do bairro, as relações sociais são alimentadas diariamente por contínuas gerações, as relações de parentesco também são extensas. Todos se conhecem e sabem detalhes da vida privada de cada um, das dificuldades e das necessidades.

É nesse ambiente, formado por familiares, parentes e vizinhos, de intenso trabalho na agricultura e tudo o mais que integra as práticas cotidianas, que cada indivíduo se forma, desenvolve-se, cria sua rede de significações, que é compartilhada com os demais. “Sem significado compartilhado não há interação” afirma Martins (2008, p. 54), ao explicar que os significados não são impostos aos participantes da interação, mas são experimentados reciprocamente pelos sujeitos. Além disso, são reinventados continuamente.

Como explica Chauí (2003, p. 135), o mundo “não é uma coleção ou uma soma de coisas isoladas, mas está organizado em formas e estruturas complexas dotadas de sentido”, ou seja, de significação.

A comunicação é o processo que possibilita essa interação, troca e transformação individual e social. Sendo assim, as redes de comunicação estabelecidas pelos habitantes fazem fluir sua necessidade de estar com o outro e fazer parte do mesmo mundo.

Em função das características muito próprias de uma comunidade rural, já apresentadas anteriormente, as redes de comunicação nesses locais é

prioritariamente pessoal e respondem à necessidade dos atores participantes desse processo de afirmarem sua autoria e sua personalidade no meio social.

Enquanto as sociedades urbanas cedem o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas, ou seja, à mídia, que se transformou na substituta das interações sociais (CANCLINI, 2008, p. 289), observamos que nas pequenas comunidades agrícolas vigoram as interações pessoais, sendo o envolvimento interpessoal integral e direto.

Embora algumas tecnologias estejam presentes nessas comunidades, são dispensáveis nas relações cotidianas, em função da proximidade física, da disponibilidade de tempo de seus moradores para ir à casa do outro e até mesmo das criativas soluções encontradas para resolver seus problemas de comunicação, como ainda apresentaremos neste capítulo.

Canclini ressalta que viver na grande cidade “não implica dissolver-se na massa e no anonimato” (Idem, p. 286), pois seus habitantes buscam formas seletivas de sociabilidade. No entanto, mostra como tendência que

As identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo. A informação sobre as peripécias sociais são recebidas em casa, comentadas em família ou com amigos próximos. Quase toda a sociabilidade e a reflexão sobre ela concentra-se em intercâmbios íntimos. Como a informação sobre os aumentos de preços, o que fez o governante e até sobre os acidentes do dia anterior em nossa própria cidade nos chegam pela mídia, esta se torna a constituinte dominante do sentido ‘público’ da cidade, a que simula integrar um imaginário urbano desagregado (Idem, p. 288).

Como já esclarecemos anteriormente, não pretendemos traçar comparações entre as redes de comunicação cotidianas das pequenas comunidades agrícolas com as redes de comunicação das sociedades urbanas. Entretanto, é importante ressaltar que se nas cidades a comunicação pessoal coexiste com as tecnologias eletrônicas, o mesmo não se verifica nas vilas rurais.

A comunicação oral é a que predomina na vida cotidiana dos moradores de Bocaina e de Calca. Quando se encontram na praça, no posto de saúde, na igreja, no armazém ou outro local, conversam, trocam informações, abastecem a rotina do bairro com suas falas.

A oralidade, lembra Certeau (2008, p. 336), é espaço primordial da comunidade, e sem oralidade não há comunicação, mesmo em uma sociedade que dê grande espaço para a leitura, que não é o caso das duas comunidades pesquisadas. Além disso, afirma, a “oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa no laboratório”.

Enquanto nas cidades a oralidade divide espaço com outras formas de comunicação, dentre as quais a comunicação mediada por computadores, nas pequenas comunidades rurais é ela que predomina.

Em sua rede cotidiana de comunicação, o morador de Bocaina e de Calca não utiliza outros recursos ou instrumentos no seu relacionamento interpessoal que não seja a comunicação oral. É ela que está presente durante o trabalho braçal na lavoura ou no trato do gado, nas tarefas domésticas como cuidar da casa e cozinhar, na compra no armazém, na reza na igreja, na ida à casa do compadre, no encontro com o vizinho, entre tantas outras atividades que preenchem o cotidiano de cada morador e de cada família.

Nessa rotina, o habitante de pequenas comunidades rurais não necessita do apoio de aparatos tecnológicos para se comunicar com o parente ou com o vizinho. Essa forma de comunicação supre suas necessidades de interação e o satisfaz enquanto membro de um grupo social que vive alheio, no que é possível, dos avanços tecnológicos.

A comunicação oral também predominou nos encontros com os sujeitos desta pesquisa, quando narraram seu modo de vida, suas lembranças, seus sonhos.

A entrevista com Dona Lourdes, uma senhora miúda e de grande vitalidade, orgulhosa dos seus 83 anos, a maior parte deles vivida em Bocaina, foi ao lado do fogão à lenha, que ajudava a nos esquentar naquela tarde fria de junho. A conversa foi longa e despertou lembranças que Dona Lourdes guardava desde a adolescência, quando vivia com os pais e irmãos e já trabalhava duro na roça. Sua história de vida renderia um livro, tão intensos foram os dramas vividos, como o casamento, aos 15 anos, com um desconhecido, por ordem do pai.

Meu pai fez eu casar na marra. Eu não queria casar, casei sem gostar, porque ele é que escolhia os noivos pra gente. Era assim naquele tempo. Ele escolhia e tinha que casar, se não casa, morre, pronto. Tinha de casar com medo de morrer (risos). Vê que coisa mais triste da vida é casar com alguém que a gente não gosta. Eu gostava do meu marido assim como um amigo, como um parente, mas não como um esposo. Se eu for contar pra senhora tudo o que passei na minha vida, quatro dias não ia dar para contar tudo. Mas não me arrependi não, sabe? Eu fiz o gosto dos meus pais... não arrependi nada, nada.

Dona Lourdes contou sobre outras passagens importantes de sua vida, momentos de sofrimento, resignação e também de alegrias. Viúva há seis anos, hoje vive tranquila, sozinha, mas com dois filhos vizinhos que estão sempre olhando se está tudo bem. Não perde a novela das 6 horas da tarde da TV Globo. Depois da novela, vai dormir.

A estante da sala e as paredes estão repletas de fotografias dos filhos, netos e de outros parentes, trazendo o passado de volta, alimentando as lembranças da moradora, enquanto o quadro de santo revela a sua religiosidade. A casa arrumada e limpa, o fogão à lenha aceso, as plantas no jardim da frente da casa e o cachorro vigiando a porta mostram uma dona de casa zelosa, confirmando Certeau (Idem, p. 204) quando diz que toda moradia revela a personalidade de seu ocupante. A maneira de organizar os espaços, os móveis, as cores, os objetos compõem, segundo ele, “um relato de vida, mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra”.

As outras casas visitadas em Bocaina, a maioria modestas, também revelaram o cuidado dos moradores em manter a moradia limpa, organizada e, quando possível, bonita e confortável. É nesse ambiente que gostam de receber os parentes e amigos para uma conversa e um café. O sofá na sala ou as cadeiras em volta da mesa, em número maior que o de moradores, ou ainda o banco de madeira na entrada da casa revelam o gosto em receber as visitas, o gosto pela prosa.

Em Calca, apenas uma moradora nos convidou para entrar e conversar no cômodo que seria a copa, onde havia uma mesa e algumas poucas cadeiras. A casa onde moram Carmem e seus três filhos pequenos era extremamente modesta, com poucos móveis e piso de terra. Ela nos recebeu calorosamente, ofereceu suco e relatou seus dramas em meio a lágrimas pela perda do marido e pelo sofrimento que a vida lhe impõe desde criança.

Nasceu em uma família muito pobre que não tinha o que comer. A mãe a entregou a uma mulher com a qual morou por três anos. A senhora era má e batia muito nela por qualquer motivo. Um dia fugiu, escondeu-se no mato e conseguiu voltar para a casa da mãe. “Sou golpeada pela vida”, lamentou Carmem, com um olhar triste pelas dores do passado e do presente. As crianças, uma garota de sete anos, outra de cinco e um menino de um ano, acompanhavam atentos a conversa, distraíndo-se às vezes com o cachorro e o cabritinho que nos rodeavam.

As moradias de Calca, a maioria construções rústicas, antigas, sem pintura, desgastadas pelo tempo, refletem as condições socioeconômicas de seus habitantes, permanentemente excluídos de qualquer projeto de desenvolvimento que permita uma vida digna a essas famílias. O trabalho na chácara de segunda a segunda faz com que as casas permaneçam fechadas o dia todo e mantêm as ruas vazias. Só há vida quando a pastora atravessa a vila com suas ovelhas e carneiros e com a algazarra das crianças quando chegam e saem da escola.

Em sua casa modesta e acolhedora, no centro do bairro de Bocaina, logo cedo Dona Ana abre a janela da cozinha que dá para a praça. O objetivo é deixar o ar fresco entrar na casa, mas é também uma forma de avisar que os moradores estão despertos. Quem quiser chegar, encontra a porta aberta. Foi assim em um domingo, às 7 horas da manhã, quando o sobrinho com suas duas crianças vieram visitar a tia. Como mora em outra cidade, o rapaz aproveita a viagem a Bocaina, onde vivem os pais, para rever os parentes e os amigos e começa as visitas logo cedo para aproveitar bem o dia. O horário aparentemente inusitado para uma visita, 7 horas da manhã, é absolutamente normal para o morador da comunidade, acostumado a acordar muito antes do nascer do sol, mesmo nos fins de semana, e a receber visitantes a qualquer hora do dia.

A conversa entre as vizinhas no portão, a descontração dos jovens sentados na calçada da escola, o encontro com um conhecido no dia de consulta no posto de saúde, entre outros momentos de sociabilidade observados, confirmam que a base da comunicação cotidiana de Bocaina é a oralidade. É ela que permite a relação com o outro, imbui de sentido os

encontros, estreita os laços e a solidariedade, atua na intimidade da família e nos lugares de encontro da vila.

A praça de Bocaina, localizada no centro da vila, é o principal ponto de encontro dos moradores. É um lugar bem cuidado, com seus bancos pintados e alguns brinquedos para as crianças, como gangorra, balanço e escorregador. Faz parte da área uma quadra de futebol, cercada por alambrado, muito utilizada pelos jovens.

Durante a semana, depois do trabalho, os rapazes passam horas na praça conversando. As moças são mais caseiras e, quando saem, preferem se reunir na casa de uma delas. Já nos fins de semana, a praça é movimentada o dia todo, principalmente no domingo à tarde, depois da missa. Crianças, jovens, adultos e idosos se distraem, conversando, brincando, jogando ou simplesmente olhando o movimento. Num sábado à tarde, as adolescentes Elizandra e Rosemeire, amigas inseparáveis, divertiam-se jogando bola na praça, uma das poucas atividades de lazer que encontram no bairro.

No domingo à tarde, Dona Ana e as filhas colocam as cadeiras na calçada para conversar e ver as pessoas que circulam por ali, outro costume local. O hábito de sentar-se na frente da casa para ver o movimento da rua, que era comum em cidades do interior, é mantido em lugarejos como Bocaina. Revela a descontração do lugar, o interesse do morador em saber o que acontece e de reconhecer e ser reconhecido como membro daquele grupo. A calçada torna-se uma extensão da casa, como se fosse a varanda onde se pode tomar o ar fresco numa tarde de verão ou se aquecer no sol, nos dias de inverno.

A grande área aberta chamada praça, em Calca, é utilizada mais como lugar de passagem e menos de encontro, a não ser para conversas curtas entre os que passam por ali e para brincadeiras das crianças quando vão e voltam da escola. Não há bancos, árvores, flores, que poderiam atrair moradores para o lugar. A vila é rústica, sem qualquer adorno, e, por se tratar de uma região produtora de flores, chama atenção a ausência de flores nos espaços públicos. Elas, pois, só são vistas nas chácaras, e toda a sua produção é comercializada.

O movimento, a alegria e os eventos estão presentes na praça somente nas festas da comunidade, em especial nas festas de junho e de julho.

Em Bocaina, as igrejas, o posto de saúde, os armazéns exercem não só o seu papel principal, como espaço de oração, atendimento médico e comércio, respectivamente, mas são também locais de encontro e, por isso, de comunicação. Na área restrita do bairro, com poucas opções de lazer e de mudanças na própria rotina, o morador cria maneiras muito próprias de fazer “de caminhar, ler, produzir, falar, etc.” e de utilizar a ordem imposta do lugar, instaurando sua criatividade (CERTEAU, 2007, p. 93).

A comunicação cotidiana de Calca também se desenvolve na forma oral e em alguns locais de encontro dos habitantes, como o posto de saúde, os armazéns, a escola, o escritório da Municipalidade. No final do dia, enquanto preparam a colheita para o transporte, lavando as hortaliças e legumes no ribeirão, os agricultores aproveitam para conversar e, por algumas horas, afastam o silêncio do lugar.

Uma característica peculiar de Calca e de outras pequenas comunidades rurais peruanas é a prática da assembleia para a discussão e resolução de problemas locais. Essa prática representa um canal de grande importância na comunicação dos moradores.

As assembleias são convocadas pela Municipalidade, ou seja, pelo Presidente da Comunidade e pelo Agente Municipal. As assembleias ordinárias são realizadas duas vezes no ano; já as extraordinárias ocorrem sempre que há necessidade, em geral a cada dois meses.

A participação na assembleia é obrigatória e o morador que não comparece nem justifica a ausência é multado ou penalizado com o corte no fornecimento de água em sua casa ou na chácara. Nesses encontros, os moradores discutem e decidem questões de interesse coletivo, como melhorias para o bairro, problemas no abastecimento de água, organização das festas locais, e são informados sobre a gestão municipal.

“Chamamos a gente para informar tudo o que passa ou vai passar e o que estamos fazendo, buscando”, explica a Secretária da Agência Municipal. Todos os entrevistados citaram as assembleias como importante momento de encontro, de informação e de comunicação.

Percebe-se que a assembleia extrapola sua função principal como instrumento de organização política e atende a outras necessidades do indivíduo, dentre elas a de pertencer ao grupo, perceber-se como “sujeito

coletivo” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 284), identificar-se com os demais, acreditar que não está sozinho em suas dificuldades e alimentar a esperança de uma vida melhor. Esses encontros reforçam os laços, os vínculos de vizinhança e a cultura local e permitem uma interatividade autêntica, sem mediações.

Como é comum em toda coletividade, antes e após a missa ou o culto, os fiéis aproveitam para conversar, para perguntar como o interlocutor está passando, para comentar a fala do padre ou do pastor, entre outros assuntos que surgem. Em pequenas vilas rurais, esses encontros adquirem uma importância social, já que ao longo da semana predominam as relações familiares, durante o trabalho na plantação e na privacidade do lar.

Apenas uma vez por mês o padre reza a missa na capela de São Roque, no bairro da Bocaina. Como pároco da Paróquia de Campos de Cunha, ele deve percorrer as igrejas e capelas de toda aquela extensa região do município e, por isso, consegue visitar cada uma delas apenas uma vez no mês. Nos outros dias, os serviços religiosos são realizados pela Ministra Extraordinária da Eucaristia, como as celebrações dominicais e as orações das terças e quintas-feiras.

Bocaina, assim como todo o município de Cunha, tem uma forte tradição católica. A maioria da população do bairro é católica, de acordo com informação da Ministra da Eucaristia, que conhece todos os habitantes e organiza, mensalmente, a campanha do quilo. Com os mantimentos doados, monta-se uma cesta básica que é sorteada entre as 14 famílias doadoras. Geralmente, o ganhador doa alguns alimentos ou a cesta completa a alguma família mais necessitada. O lema da ministra é: “Ninguém é tão pobre que não possa dar nem tão rico que não precise”.

As famílias evangélicas reúnem-se na igreja da Assembleia de Deus, às terças, quartas-feiras e aos domingos. O presbítero, como é chamado o representante do pastor no povoado, nasceu e sempre viveu no bairro. De família católica, tornou-se evangélico e hoje é responsável pelos cultos no bairro, na ausência do pastor, que mora no Distrito Campos de Cunha.

As igrejas de Calca permaneceram fechadas durante o período da pesquisa de campo. Como revelaram alguns moradores, raramente o Anexo recebe a visita de um padre e os fiéis frequentam pouco a igreja. Há atividades

na igreja com a presença do padre somente em algumas festas patronais e quando é chamado para um casamento ou batizado. O pastor da igreja evangélica visita o Anexo todos os domingos.

O armazém é um dos mais importantes locais de comunicação nas duas comunidades pesquisadas. Em geral, os moradores vão comprar alguma coisa com tempo para uma conversa com o vendedor, que na maior parte das vezes é o proprietário, e com outros fregueses que estão ali no momento. Os assuntos também são relacionados ao próprio produto e ao preço, questões que envolvem a vila, como a estrada, uma ordem do prefeito, um problema com um morador, a falta de alguma mercadoria, notícias que chegam da cidade etc. Questões pessoais também são confidenciais ao comerciante.

O armazém é o local onde as novidades chegam primeiro e depois são espalhadas pela vila. Elas são trazidas pelos vendedores, pelos próprios consumidores locais, pelos sitiantes de passagem por ali e, na comunidade brasileira, também pelos proprietários e empregados de pousadas localizadas na Serra da Bocaina e que recebem turistas nos fins de semana. É no armazém que “o bairro fala”, como diz Mayol (2008, p.128), pois basta ir até lá para saber dos acontecimentos.

Há dois armazéns em Bocaina: a Mercearia José Nilson, nome do proprietário, e da Dona Cleusa, que adquiriu o estabelecimento recentemente. A venda do José Nilson faz parte da vida do bairro há quase vinte anos, e é mais movimentada. Ele e a esposa atendem aos consumidores todos os dias, das 6 da manhã às 6 da tarde. Antes do assalto que sofreram em 2009, fechavam as portas mais tarde, por volta das 9 da noite, mas, depois desse fato, passaram a encerrar o atendimento mais cedo. O armazém está localizado no piso térreo do sobrado da família, e a residência ocupa o primeiro andar.

O assalto, que abalou profundamente a vida da pacata Bocaina, ocorreu na casa do comerciante, à noite. Três ladrões encapuzados invadiram a casa em busca de dinheiro e um deles atirou na esposa do José Nilson. Depois de passar semanas entre a vida e a morte, no hospital de Taubaté, Leide atribui sua recuperação a um milagre de Nossa Senhora Aparecida, tantas foram as orações e promessas à Santa feitas por familiares, amigos e vizinhos.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida manifestada por Leide é muito forte entre os católicos do bairro de Bocaina, que anualmente lotam dois ônibus e vão em romaria ao Santuário Nacional dedicado à Santa, em Aparecida, cidade próxima de Cunha.

A mercearia da Dona Cleusa está localizada do lado oposto da concorrente, perto da igreja. O prédio pertencia ao Sr. Francisco Macedo, que trabalhou ali por muitos anos, e o armazém já passou por outros proprietários.

Os habitantes de Bocaina que têm condições financeiras e transporte próprio fazem a compra do mês no distrito de Campos de Cunha ou em Cunha. A maioria compra os mantimentos, produtos de higiene e de limpeza ali mesmo nos armazéns do bairro. Por isso, o estabelecimento precisa oferecer um grande leque de produtos para atrair e atender as necessidades do consumidor.

Nos dois armazéns há uma grande variedade de mercadorias, mas o do José Nilson é mais sortido e oferece desde pão, trazido da padaria de Campos de Cunha, enlatados, gêneros de primeira necessidade, bebidas, doces, até botas, entre muitos outros.

Essa grande oferta de produtos colabora também para a permanência mais demorada dos consumidores no estabelecimento, favorecendo a intensidade da comunicação. Os produtos são servidos, selecionados e pesados pelo comerciante, e enquanto escolhe o que vai levar e pergunta os preços, consumidor e vendedor travam suas conversas.

Em Calca, também há dois armazéns, um próximo ao Posto de Saúde, que não encontramos aberto, e outro às margens da estrada, junto à casa do proprietário, onde foi possível observar o movimento dos consumidores e ouvir alguns deles. Nenhuma mercearia, ou “tienda”, como chamam, apresenta uma placa com o nome do estabelecimento.

As conversas observadas giraram sobre o trabalho, estado de saúde de algum parente, entre outros assuntos pessoais. Outra característica de Calca é que os armazéns não funcionam durante o dia, pois todos, proprietários e clientes, estão trabalhando na lavoura. Em geral, o atendimento ocorre no fim da tarde e início da noite, com exceção do domingo, quando permanece aberto o dia todo, como constatamos no armazém do Seu Amâncio. A quantidade e variedade de produtos são bem reduzidas, em comparação com o que é

oferecido nos armazéns de Bocaina. Há bebidas, doces, pães, alguns alimentos que compõem a dieta básica, como arroz e batata, entre outros. A pouca oferta de produtos pode ser atribuída à facilidade de deslocamento a cidades próximas, como Palcamayo e Acobamba, e mesmo a capital da Província, Tarma, que reúne uma grande quantidade de mercearias, um supermercado e o mercado regional.

Mayol (Idem, p. 129) observa o elevado valor simbólico das mercearias do bairro, seja rural ou na periferia urbana. Além dos papéis que desempenham, como espaço de consumo e de comunicação, há outro também de grande importância que é o de reconhecimento do habitante local. Para o autor (Idem, p. 130), o relacionamento de consumo é o suporte de um outro discurso que ele chama de confiança, e acredita que a honra pode ajudar a compreender esse processo.

[...] a pura relação de consumo é insuficiente, demasiadamente breve, para exprimir o que secretamente implica no plano das relações. A conveniência substitui o intercâmbio estritamente econômico e cria um espaço para a fala, no qual um reconhecimento mais completo dessas relações se torna pensável, portanto articulável. A obediência a esse pacto continua sendo a condição essencial para um bom relacionamento no bairro, isto é, a possibilidade para qualquer pessoa ocupar o seu lugar no funcionamento da rua.

No centro de Bocaina há ainda dois bares e uma pequena fábrica de queijos cuja produção abastece o consumo local e é vendida em Campos de Cunha.

Durante a semana, a sexta-feira é um dia especial nessa comunidade rural brasileira. Durante toda a manhã, o médico permanece no posto de saúde, atendendo a todos que estão com consulta agendada. O atendimento ocorre somente nesse dia e, por isso, sempre há fila. Quando chove, não há consulta, pois a estrada fica intransitável e o médico não consegue viajar até a vila.

O tempo na fila à espera da consulta é bem empregado com muita conversa. Alguns conversam apenas com aquele que está sentado ao lado, outros falam para todos os presentes na sala de espera. E os assuntos são comuns, como o problema que aflige quem aguarda pelo atendimento,

sugestões de remédios caseiros para todo tipo de doença, o clima, questões domésticas e outros.

São basicamente os mesmos conteúdos das conversas mantidas no Posto de Saúde de Calca, que hoje funciona em um prédio novo, com salas amplas e arejadas. O posto recebe os doentes do Anexo, fornece os medicamentos e atende às crianças acompanhadas pelas mães nos períodos de campanha de vacinação e nas visitas periódicas para verificação do peso e da altura, entre outros serviços.

A auxiliar de enfermagem é quem atende aos casos mais simples e agenda as consultas com o médico. A maioria dos moradores possui o Seguro Integral, que garante gratuidade nas consultas e nos medicamentos.

Cada lugar utilizado pelos moradores para uma sociabilidade maior, como esses citados, representa um lugar comum, carregado de sentido para aqueles que o habitam (AUGÉ, 1994, p. 51). Não podem ser interpretados apenas como áreas de uso público, mas de lugares de integração, de vivência, de prática da coletividade.

Esses lugares de encontro, de comunicação, de interação são o contrário dos não-lugares de Augé (Idem, p. 36-37):

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta. Porque vivemos uma época também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que se reforçam as grandes redes mutirraciais, amplifica-se o clamor dos particularismos: daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem reencontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo dos outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem – a da terra e das raízes.

O autor (Idem, p. 98) considera que, na realidade concreta do mundo atual, os lugares e os não-lugares misturam-se e ao mesmo tempo se opõem, e sempre há a possibilidade de um e do outro, ou seja, do lugar e do não-lugar. Nesse sentido, é difícil identificar o não-lugar em localidades como Bocaina e Calca. O não-lugar está associado a um movimento acelerado de pessoas e bens, à rápida circulação, que dificilmente encontramos nessas pequenas

comunidades rurais, que vivem o oposto no seu dia a dia, ou seja, vivem o tempo da natureza, sem que os símbolos da supermodernidade (como um mundo do provisório, do efêmero, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito) de que fala Augé os afete em sua prática cotidiana.

Os habitantes de pequenas comunidades agrícolas encontram tempo para os encontros, o que é cada vez mais raro na vida corrida dos centros urbanos, falam a mesma linguagem, reconhecem-se e são reconhecidos por aqueles que compartilham a mesma realidade, o mesmo lugar. Sentem-se “em casa” (Idem, p. 99), pois entendem e conseguem se fazer entender pelas pessoas com as quais convivem.

Os assuntos das conversas mantidas na praça, no armazém, depois da celebração religiosa nessas pequenas localidades podem ser os mesmos das conversas entre moradores da cidade. São temas corriqueiros presentes no cotidiano de toda pessoa, mas que apresentam significações diferentes por se tratar de mundos tão diferentes.

Uma das características da organização social dos habitantes de pequenas comunidades agrícolas é o relacionamento pessoal, face a face, o envolvimento interpessoal direto com o outro. Por isso, suas redes de comunicação são fundamentalmente pessoais e valorizam as pessoas e não a função que cada uma ocupa no grupo.

A valorização da tradição, a preservação dos costumes transmitidos por gerações, os fortes laços familiares, o respeito aos mais velhos, a solidariedade, são valores presentes no cotidiano do habitante dessas comunidades. Valores que embasam o senso comum, reconhecido não apenas como “instrumento das repetições e dos processos que imobilizam a vida de cada um e de todos”, mas como “conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social” (MARTINS, 2008, p. 52).

Os habitantes dessas comunidades são pessoas simples, que vivem “às margens da realidade dominante e das ideias dominantes”, como diz Martins (Idem, p. 11), mas, na sua simplicidade, esse homem comum luta para mudar a vida e para fazer História.

Bocaina não possui nenhum veículo de comunicação local, como rádio ou jornal, mas tem o seu “jornalista”, como é conhecido o Sr. Alcides. Ele mesmo conta que é conhecido assim porque pergunta tudo. Quando chega um

desconhecido na vila, quer saber quem é e por que veio. “Se for alguém de bom prestígio vou prosear com ele, se for de mau prestígio nem chego perto”, explicou. Ele gosta de contar aos vizinhos o que fica sabendo do visitante e outras notícias.

Em pequenas comunidades afastadas dos centros urbanos, como Bocaina e Calca, os dias se repetem sem novidades, em profunda calmaria. A chegada de um desconhecido torna-se um acontecimento e desperta a imaginação daqueles mais afoitos por notícias e ansiosos por um pouco de agitação em sua rotina. Imediatamente, para pessoas como o “jornalista” de Bocaina, é necessário saber quem é o visitante, de onde e o que veio fazer. Esse personagem faz o papel da rádio local, que não existe, e abastece também o armazém, como o lugar onde se fica sabendo das coisas que acontecem. Contudo, o “jornalista” de Bocaina não aprecia muito os intermediários em sua comunicação e prefere ele mesmo ir de casa em casa para contar as novidades. Aposentado, com todo o tempo livre, esse personagem tem uma significação social na comunidade, embora nem todos compreendam seu papel e um ou outro morador possa vê-lo como intrometido.

Em Calca, não identificamos a presença desse personagem. É provável que não exista por algumas razões fundamentais como a necessidade que todos têm de trabalhar o dia todo e a inexistência de aposentadoria. Ninguém passa o dia em casa ou na praça, como é tão comum em Bocaina. Assim, ninguém dispõe de tempo para acompanhar o movimento ou a chegada de pessoas estranhas.

Outro personagem importante na rede de comunicação na região de Bocaina é o leiteiro, que atua também como mensageiro. Todos os dias, ele sai de madrugada de Campos de Cunha e vai subindo a serra de caminhão, parando nos pontos de coleta de leite utilizados pelas fazendas próximas. Depois de recolher toda a produção, retorna aos laticínios do Distrito. Além das notícias, leva também encomendas e bilhetes de moradores dos lugares por onde passa.

Durante a pesquisa em Bocaina, foi possível presenciar esse papel de comunicador do leiteiro. Numa manhã de domingo, enquanto conversava com Leide, esposa do proprietário do armazém, no balcão do estabelecimento, o leiteiro entrou e entregou a ela um bilhete de uma senhora que mora numa

roça da região. Ela estava encomendando um xampu de tratamento para queda de cabelo. Leide confirmou esse papel de mensageiro desempenhado pelo leiteiro e sua importância na rede de comunicação dos habitantes. Para aqueles que moram distantes da vila, o leiteiro torna-se um apoio fundamental como portador de recados e mesmo de entrega de encomendas. Outros conhecidos dos moradores que transitam entre a vila e os sítios também levam e trazem recados, mas é algo mais ocasional, enquanto o leiteiro tem presença diária, sua passagem é certa, pois o leite não pode deixar de ser recolhido. Por isso, o morador de um sítio mais distante sabe que pode contar com o leiteiro para levar seu bilhete ou encomenda.

Calca, em sua realidade tão distinta, conta com outro tipo de mensageiro, como o motorista do transporte coletivo, que ao longo do dia percorre inúmeras vezes a estrada empoeirada que corta o Anexo, ligando o distrito de Palcamayo a Acobamba e a Tarma. A conversa durante a viagem ocorre com certa dificuldade, pois o condutor precisa estar atento à estrada, e as paradas são constantes para a entrada e/ou saída de passageiros. Além disso, é preciso falar muito alto para que o outro escute por causa dos ruídos da estrada e do motor do carro.

Outro que pode integrar a rede de comunicação local é o motorista do caminhão que recolhe a produção agrícola e a leva para Tarma ou para Lima. Ele também é portador de notícias, conta o que fica sabendo no mercado e com outros produtores. Embora não seja membro daquela comunidade, é reconhecido pelos moradores como sujeito confiável e atua como o canal que os liga ao comprador da produção, à finalização de um dia árduo de trabalho.

A escola tem um papel muito significativo nas duas comunidades. Além de ser o local de estudo das crianças, jovens e adultos, também recebe os pais para as reuniões de avaliação do aluno; e, em Bocaina, abre suas portas nos fins de semana para o Programa Escola da Família, do qual participam moradores de todas as idades, dependendo da programação; realiza festas juninas e outras com apoio e presença da comunidade; faz almoços comunitários e é lugar também para festas de casamento. Com tantas atividades, a escola é um dos locais de encontro e de comunicação. É interessante observar o respeito demonstrado pelos moradores para com a escola, como um lugar de todos, um tesouro da vila que todos devem

preservar. A escola não enfrenta problemas com pichações e outros atos de vandalismos como ocorrem em áreas urbanas.

Todas as ações desenvolvidas pela direção em benefício da escola de Bocaina e que necessitam de apoio da vila recebem resposta positiva dos moradores.

“Tudo o que você propõe no bairro com relação a qualquer tipo de projeto da escola os moradores aceitam, abraçam e vêm de corpo e alma ajudar. Por exemplo, na festa julina todos doam frango e outros alimentos e vai tudo para o leilão. E tem de ter e ser assim, senão dá problema. Todos querem participar. Além disso, raramente temos problema de disciplina aqui na escola”, afirma a diretora.

Em Calca, a diretora lamentou as condições do prédio da escola, que tem mais de 60 anos, apresenta rachaduras nas paredes e necessita de melhorias. Comemorou a conquista de novos banheiros que estavam sendo construídos no período desta pesquisa. Por causa da pobreza em que vive grande parte dos moradores, a escola é que tem de encontrar maneiras de ajudar as crianças.

“Às vezes, temos de trazer cadernos e lápis para os alunos, porque não têm condições de comprar. Temos de apoiá-los, nós mesmas, com o nosso dinheiro, pois a escola não tem material para doar. Antes era pior, porque tínhamos de pagar até as cópias, agora temos fotocopidora. Antes era pior, era crítico”, declarou a diretora.

Durante o intervalo das aulas, as crianças se divertem no grande pátio da escola aproveitando o tempo que têm para brincar, já que depois das aulas vão para as chácaras ajudar os pais na plantação ou cuidar dos animais.

Visitar em suas casas os parentes, os compadres, a vizinha que adoeceu, a outra que teve bebê, é um costume forte entre os moradores de Bocaina. Na pequena vila, é fácil se deslocar até a casa do outro, caminhando pelas poucas ruas do lugar. As conversas travadas durante as visitas são importantes para os donos da casa e para o visitante e giram em torno de assuntos comuns, do dia a dia, alguma novidade da cidade, algum problema ocorrido com um vizinho, a falta ou excesso de chuva, entre outros.

As visitas fazem parte da rede de comunicação desses moradores, além de sua função de estreitar e fortalecer os laços. Dona Ana sempre gostou de

visitar os parentes e amigos, nem que seja uma passadinha rápida, e quando volta para casa, conta as novidades para o marido.

Ao sair de casa e andar pelas ruas do bairro, dona Ana e os demais habitantes estão efetuando um ato cultural que “inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.)” (CERTEAU, p. 43).

O bairro, como espaço público, é apropriado pelo morador, que se sente reconhecido pela vizinhança, membro daquele grupo e possuidor de uma “identidade que lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente” (Idem, p. 40).

As visitas às casas dos vizinhos e dos parentes não são frequentes entre os moradores adultos de Calca, em função do trabalho e da falta de tempo. Dona Luzia foi uma das entrevistadas que manifestou essa dificuldade. “Vou pouco às casas de amigos e parentes, porque não tenho tempo. Fico na chácara, cuido dos animais, não dá tempo. Nos encontramos mais nas festas”, afirmou.

As mais jovens, como Cecília, Paula e Clara aproveitam os domingos para as visitas e encontros com amigos. Paula contou que aos domingos gosta de descansar, jogar futebol, passear na casa de amigos em Calca ou em Tarma.

O universo social restrito dessas pequenas comunidades, que faz com que todos se conheçam, facilitaria a ‘bisbilhotice’ como um mecanismo de controle social, que poderia ser considerada uma forma de comunicação. No entanto, é uma forma de comunicação criticada pelas moradoras de Bocaina, que consideram haver muita fofoca no bairro.

Marta, que é evangélica e separou-se do marido recentemente, acredita que a principal causa da fofoca está na ausência de Deus.

Quem tem Deus no coração não fica se preocupando com a vida dos outros. O que mais tem na Bocaina é fofoca. Nesse momento que estou vivendo na minha vida, estou aqui por misericórdia de Deus, porque se fosse por conversa e fofoca já não estava aqui mais. Acho que é por falta de Deus, perturbação do “inimigo”.

As adolescentes Kátia, Bianca e Rosângela se incomodam com a bisbilhotice. Kátia acha que o fofoqueiro ou a fofoqueira sente inveja dos

outros; Bianca atribui as fofocas ao fato de viverem num bairro pequeno, enquanto Rosângela, que diz já ter sido alvo de fofoqueiros, lamenta essa prática: “Algumas pessoas gostam de falar dos outros. Às vezes você está conversando com um amigo e já falam que está namorando. Fico chateada com isso e até a mãe perguntou se era verdade, mas não era”.

A bisbilhotice, a fofoca ou os mexericos, como também é chamado o ato de falar de outra pessoa em segredo ou como boato, são comuns no cotidiano urbano e rural, e não poderiam faltar em Bocaina. Todos se conhecem nesse bairro, e a tendência é que um saiba da vida do outro, dos seus costumes e gostos, onde trabalha, como é a vida familiar etc.

Nas sociedades urbanas complexas, muitos não conhecem nem o próprio vizinho no prédio de apartamentos. Cada morador tem sua rotina, seus horários, e quase não se encontra com outros moradores, e, quando isso acontece, mal se cumprimentam. No entanto, cada indivíduo tem seu grupo social e familiar, nos quais também pode haver fofoca.

Rocher (1971, p. 31) observa que

[...] rompendo a monotonia e a rotina da vida quotidiana, a bisbilhotice tem lugar de notícia escrita ou falada. Traz um elemento de novidade e de alegria a uma vida social onde elas por vezes faltam, tanto mais quanto a imaginação lhe está sempre ligada.

O desejo de saber sobre a vida do outro, essa curiosidade que estimula e alimenta comentários, faz parte da prática cotidiana, e está ligada à conveniência, isto é, o sistema de valores e comportamentos ao qual todo morador deve aderir para pertencer àquela coletividade.

Mayol (2008, p. 50) observa que a transgressão não encontra muito espaço no bairro, que, como universo social, valoriza a transparência. O bairro, diz, é como um palco, e cada habitante representa um papel atribuído pela conveniência. Assim, temos a criança, a mãe de família, o jovem, o comerciante, o padre, entre outros personagens, e todos utilizam essas máscaras para poder continuar usufruindo dos benefícios simbólicos que encontram no ambiente.

A conveniência tende sempre a elucidar os bolsões noturnos do bairro, o incansável trabalho de curiosidade que, como um inseto de imensas antenas, explora com paciência todos os cantinhos do

espaço público, sonda os comportamentos, interpreta os acontecimentos e produz sem cessar um rumor questionante incoercível: Quem é quem e faz o quê? De onde vem este novo freguês? Quem é o novo locatário? (Idem, p. 51)

A tagarelice é companheira da curiosidade, segundo o autor. Ambas são motivadoras das relações de vizinhança e tentam eliminar a estranheza presente no bairro. Assim, o fofoqueiro representa uma instituição social, seja na cidade ou no campo. Em pequenas comunidades afastadas dos centros urbanos, nas quais a monotonia e a rotina dominam a vida cotidiana, a fofoca encontra um terreno fértil para sua circulação, como tentativa de romper a mesmice do dia a dia e alimentar a curiosidade natural dos moradores.

Márcia não vê qualquer aspecto positivo na bisbilhotice. Segundo ela, em Bocaina, “as pessoas comentam sobre tudo. Acho que é muita inveja. Para mim, é o único defeito desse lugar. Deveriam gostar da conquista do outro, mas não é assim”, lamenta. Por esse motivo, gostaria de se mudar para a cidade.

Aparentemente, a fofoca não encontra muito espaço entre os habitantes de Calca. A pergunta sobre a presença da fofoca na comunidade não foi incluída na entrevista, mas foi assunto das conversas que iniciavam nossos encontros. Não houve comentários nem reclamações, o que reforçou a impressão de que, se existe, a fofoca tem vida curta e não chama a atenção dos moradores.

3.2 – A presença e o uso dos meios de comunicação

Enquanto as estradas facilitam o contato e o deslocamento dos habitantes de Bocaina e de Calca para os centros urbanos, os meios de comunicação trazem um mundo diferente para a vida dessas pessoas. A rede pessoal de comunicação apresenta uma vida intensa e rica de significações nessas comunidades e se complementa com a mídia, responsável por trazer o novo, os acontecimentos globais, por apresentar o modo de vida de outros grupos e povos e alimentar o imaginário individual e coletivo.

Ouvir rádio e ver televisão faz parte do cotidiano nos centros urbanos e em pequenas comunidades agrícolas. Dificilmente existe hoje algum grupo

social totalmente alheio ao impacto dos meios de comunicação, tão intensa é sua penetração. Diante dessa expansão e configuração adquirida pelos meios, a questão que se apresenta, como sugere Martín-Barbero (2002, p. 55), é o que as pessoas fazem com os meios e como se relacionam com eles. Verificar essa relação está entre os objetivos desta pesquisa.

Em quase todas as casas das duas comunidades há televisão e rádio. Nem todos conhecem internet nem possuem telefone celular. Em nenhuma das duas vilas circulam jornais, e a comunicação pessoal oral é que predomina na disseminação das notícias.

Nas duas vilas, os moradores disseram que ficam sabendo dos acontecimentos, “das coisas”, pelos outros. Um conta para o outro e, assim, a notícia se espalha. Nesse sentido, observa-se a intensidade das relações interpessoais e a força das instituições sociais, como o armazém, a praça, o mensageiro, entre outras, na rede de comunicação local. As notícias do bairro e das localidades próximas circulam por iniciativa dos habitantes, que cobrem assim a falta de um veículo de comunicação local.

Em Bocaina, a maioria das casas possui televisão e a antena parabólica tornou-se parte da paisagem do lugar. Os programas favoritos das mulheres adultas e idosas são as novelas e as missas, enquanto as mais jovens gostam, além das novelas, de programas variados e filmes. Os canais de TV que mais assistem são Globo, Record, Aparecida e Canção Nova.

Nessa comunidade rural brasileira, as famílias de denominação religiosa evangélica não possuem TV em casa por acreditar que a programação das emissoras é nociva aos seus valores e suas crenças. No entanto, nem todos os membros da família seguem essa orientação, adotada, em geral, pelos pais. É comum os mais jovens irem assistir à TV na casa de amigos ou parentes.

É o caso de Raquel que pratica a religião dos pais, mas não deixa de ver TV e faz isso todos os dias na casa da avó. Gosta de assistir a novelas, filmes, telejornal, Fantástico e Malhação, esses dois últimos da Rede Globo.

Marta está separada do marido e vive com duas filhas adolescentes. É evangélica e afirma que sua religião proíbe os fiéis de assistirem à TV. Por causa das meninas, há um aparelho de televisão em casa e procura orientá-las sobre o conteúdo dos programas. Apesar da proibição, ela admite gostar de “dar uma olhadinha na novela” quando tem tempo.

Famílias mais carentes, como de Dona Geralda, não têm TV em casa. A saída é assistir na casa do vizinho, como ela e os cinco filhos menores fazem quase todas as noites.

Kátia gosta bastante de assistir às novenas e a alguns programas, mas não gosta de ver telejornal. Assiste mais a programação da TV Globo e da Record. No período da pesquisa, estava morando com o pai, a mãe e o irmão pequeno em uma casa alugada enquanto a casa da família estava em reforma. Não havia televisão lá e, às vezes, ia à casa da avó assistir a alguns programas.

Em Calca, cerca de 90% dos moradores possuem TV em casa, nos cálculos do Seu Fausto, ex-Agente Municipal e um dos líderes da comunidade. As famílias mais pobres, com muitos filhos, não têm condições de comprar um aparelho.

A maioria das famílias só assiste ao canal estatal TV Perú, que transmite informações do governo, notícias, programas sobre a cultura e história do país e de variedades. Os canais por satélite são uma novidade oferecida pela Claro, empresa de telefonia móvel que anuncia a oferta de 200 canais de TV por cerca de 15 dólares mensais.

A casa de Clara, que se vê de longe na estrada que leva a Palcamayo, é uma das poucas que possuem TV por satélite. “Gosto mais de novelas coreanas, que são educativas, e de programas do Discovery”. Ela também pode assistir aos filmes no aparelho de DVD, outra raridade no Anexo.

O hábito de ver TV incorporou-se ao cotidiano da sociedade contemporânea a partir da segunda metade do século XX, trazendo para dentro dos lares informação, entretenimento e ficção. A televisão se incumbiu da criação de um imaginário comum e apropriou-se do “caráter mágico, sentimental e ético das narrativas ficcionais, em particular o melodrama” (COSTA, 2002, p. 71).

A TV satisfaz a necessidade do ser humano de narrar e ouvir histórias, e ocupou um espaço importante nos processos de produção e circulação de significados e sentidos na vida cotidiana. No campo ou na cidade, o aparelho de televisão ocupa lugar de destaque, em geral na sala, revelando sua incorporação à vida familiar.

Em Calca, a TV só é vista à noite, no período de descanso das famílias, ao contrário do rádio, que acompanha os camponeses o dia todo. Ninguém sai de casa para o trabalho sem levar seu aparelho, o companheiro que conta as notícias do dia, toca músicas e ajuda a passar o tempo e distrair-se.

Na casa de Carmem, na comunidade peruana, não há energia elétrica e, por isso, ela não possui um aparelho de televisão. O rádio é que faz companhia, informa e distrai o tempo todo. Sonia também destaca a força do rádio entre eles: “Aqui o rádio é muito importante, porque saímos para a chácara e não há outra coisa para escutar. Não sei se é um costume, mas todos levam seu rádio para escutar notícias e músicas”.

Nessa comunidade peruana, o rádio é usado também como instrumento de comunicação pelos próprios moradores. Quando parentes e amigos que vivem em outros anexos querem enviar algum recado, usam o rádio para isso, da mesma forma agem os moradores de Calca, em especial nas festas locais, para convidar toda a população da região. As rádios mais ouvidas são Tarma e Sudamericana, de Tarma, e Lima e Luz, de Lima.

Essa forte relação do morador de Calca com o rádio não é percebida em Bocaina. Ele é um companheiro na roça e durante os trabalhos domésticos, mas, aparentemente, não tão indispensável como verificamos em Calca, onde nenhum camponês vai para o trabalho na chácara sem carregar seu aparelho de pilha pendurado ao corpo.

Na maioria das casas do bairro brasileiro, há um aparelho de rádio, mas alguns moradores da vila não têm o hábito de ouvir músicas ou notícias enquanto trabalham. Ele está mais presente na roça.

Entre as entrevistadas que gostam de ouvir rádio, as emissoras mais citadas foram Rádio Aparecida, de Aparecida, Bandeirantes (Band Vale), de São José dos Campos, e Ótima FM, de Pindamonhangaba, todas do Vale do Paraíba. Não há emissora em Bocaina, e a rádio comunitária existente em Cunha não alcança o bairro. Rosângela ouve rádio o dia inteiro por causa das músicas. Luciana ouve músicas e notícias.

O rádio representa um espaço de identificação, espaço de expressão da cultura popular que sempre cativou e cativa os ouvintes, o que contribui para compreender a relação tão estreita dos camponeses de Calca com esse meio de comunicação inserido na cultura local.

As características do rádio contribuem para a sua popularidade, como o apelo à imaginação, o preço acessível do aparelho, por exigir apenas a capacidade de audição, por apresentar uma linguagem simples, pessoal, por seu caráter imediato, pela facilidade de transporte, entre outras, como vimos na Introdução desta dissertação.

No início da pesquisa em Bocaina, não havia internet na vila. A rede chegou à Escola Estadual e Municipal Bairro da Bocaina em meados de 2009, via satélite, aberta aos professores e alunos, durante a semana, e a toda a comunidade nos fins de semana, durante o Programa Escola da Família.

Os jovens que têm o hábito de acessar a internet e bater-papo com amigos aproveitam a Escola da Família nos fins de semana para isso. Os adultos e idosos não conhecem internet e não demonstram interesse em visitar a escola aos sábados e domingos para ver o que é e como funciona a rede mundial de computadores.

Enquanto nos centros urbanos a internet atrai legiões de usuários, principalmente os jovens que a acessam por horas a fio, em Bocaina é diferente.

Raquel conta que não é “muito chegada” à internet. “Minha irmã até briga comigo, mas nem ligo. Não sou dependente como ela que, sempre que pode, gosta de ficar na sala de bate-papo e se comunicar pelo Orkut.”

Rosângela, também de Bocaina, acessa a internet sempre que pode, e isso ocorre na escola. Tem Orkut e conversa bastante com as amigas de Lorena, do Distrito de Campos de Cunha, de Cunha e de Aparecida, que conheceu em festas. Conversam sobre tudo: novidades, estudos, planos, namorados. Diz que durante a aula a internet é só para trabalhos escolares, mas depois acessa para bater-papo.

Em Calca, a internet chegou em setembro de 2008, sendo instalada no armazém. Os principais usuários eram estudantes que pagavam meio dólar a hora de navegação. Mas, em 2010, o Anexo retrocedeu no que diz respeito à tecnologia, pois, por falta de usuários, a internet foi desligada (informação pessoal)¹².

---

¹² Informações fornecidas por Ernesto Girbau por e-mail nexocom@terra.com, em 19 de setembro de 2008 e atualizadas em 2009.

Os mais jovens acessam a rede sempre que vão ao Distrito de Palcamayo ou a outra cidade próxima, mas não reclamaram por não existir mais internet no Anexo. Como trabalham o dia todo na chácara, e alguns estudam, não há tempo para navegar, mas podem fazê-lo nos fins de semana ou sempre que vão a outra localidade.

Clara disse que acessa a internet algumas vezes, mas fez questão de informar seu endereço eletrônico para receber informações do Brasil, em especial da área de moda, na qual sonha ingressar.

Ainda é tímida, limitada e restrita a presença da internet em pequenas comunidades agrícolas, como Bocaina e Calca, mas inevitavelmente essa tecnologia vai se estabelecendo nessas localidades, como está ocorrendo em quase todo o planeta.

Em regiões mais carentes, o ritmo de penetração da rede é lento, porém a tendência é que isso mude com os esforços que governos e organizações realizam nesse sentido. Bocaina é um exemplo da ação governamental em favor da extensão da internet, que foi instalada na Escola pelo governo estadual e é aberta para toda a comunidade.

Como meio de comunicação, a internet representa a base da nova forma de sociedade em que vivemos, a chamada sociedade em rede, defendida por Castells, e assim sua expansão global apresenta-se como um processo inevitável. A Internet não é apenas uma tecnologia, afirma o autor (CASTELLS, 2005, p. 287), e sim

[...] o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Toda essa revolução tecnológica que altera profundamente a nossa sociedade com suas novas formas de comunicação não elimina a necessidade humana do contato pessoal, pois a comunicação mediada pela internet “não capta ambientes, cheiros, cores, gestos, paladares”, como lembra Medina (2008, p. 95), ausências que limitam nossa sensibilidade e afetam nossa relação com o outro. Os sentidos, ensina Maffesolli (1996, p. 74), não são “o

apanágio, para uso privado, desse ou daquele indivíduo, mas o motor essencial da ‘construção social da realidade’”.

O celular é também um importante instrumento de comunicação em Calca. Quase todos possuem um aparelho. Ao perguntar para Paula como as pessoas se informam dos acontecimentos, ela respondeu que é pelo rádio, pela TV e pelo celular, destacando que o celular é o mais importante e mais rápido, a notícia chega rapidamente.

Em Bocaina, não há antena de celular e poucos possuem o aparelho, pois ali não funciona. Aqueles que adquiriram um celular usam-no quando viajam para outra cidade ou, como faz o Sr. João sempre que precisa, sobem em um dos morros do bairro onde o sinal chega para conversar com alguém de outra localidade.

Não há jornais nem bancas de revistas em Bocaina e em Calca, e o hábito da leitura é um pouco raro entre seus moradores. Mesmo entre os jovens que estão estudando, a leitura não está entre as atividades preferidas.

Porém, há quem aprecie a leitura, como Bianca, de Bocaina, que gosta de literatura, história, história de vida, e sempre empresta livros da biblioteca da escola. “Nesta semana li Dom Casmurro”, disse. Rosângela gosta de ler poesias. Assim como essas duas brasileiras, a peruana Clara também gosta de ler, em especial, fábulas, contos, histórias e artigos de livros adotados na escola.

E há quem não lê porque nunca aprendeu. Dona Lourdes jamais entrou numa escola. “Papai não deixava estudar pra gente não escrever bilhete para o namorado. Mas não adiantava porque nossas amigas escreviam para nós”, contou entre risos.

Dona Anita, uma camponesa peruana de 61 anos, não foi alfabetizada. Como muitos peruanos e peruanas de sua geração, não pôde estudar, pois desde criança trabalha na agricultura, cuida dos animais e da casa.

Em Calca, muitos idosos não tiveram oportunidade de aprender a ler e a escrever. Até há alguns anos, era costume, nas famílias, que o rapaz estudasse, mas as moças não precisavam frequentar a escola, pois iriam casar-se e para isso não havia necessidade de estudo. Hoje, a maioria dos jovens estuda, mesmo que seja apenas o primário, como contou a diretora da escola.

3.3 – Tradição x inovação

Como hipótese principal da presente pesquisa, afirmamos que as transformações culturais nas pequenas comunidades rurais, a partir da comunicação, tendem a ocorrer de forma mais lenta e gradual que nos grandes centros urbanos, em função da própria estrutura e características das sociedades agrícolas, que valorizam e veneram seu passado, suas tradições, seus costumes e símbolos locais, enquanto nas sociedades modernas as mudanças seriam constantes e aceleradas.

Um dos objetivos foi verificar como o uso das redes de comunicação em Bocaina e em Calca se relaciona com os processos de afirmação de elementos culturais locais, de rejeição de elementos culturais exteriores e de hibridização.

Todos esses processos (afirmação da cultura, rejeição e hibridização) estão presentes no cotidiano do morador das duas comunidades. A cultura de cada povo ou de cada grupo é um processo, uma ação, “é sempre um resultado que se conquista”, como ensina Bosi (1987, p. 39). Por isso, entendemos que a cultura não é algo fixo, imutável, mas vive processos incessantes em que se mistura a outras culturas, resiste, rejeita, adapta-se, dialoga (CANCLINI, 2008).

O habitante de pequenas comunidades agrícolas vive as contradições e os conflitos presentes na luta pela preservação da cultura local, ao mesmo tempo em que percebe outros modos de vida, outras culturas apresentadas, em especial, pelos meios de comunicação social.

Os jovens, principalmente, sentem-se atraídos pelo mundo trazido pelos meios de comunicação e sonham com uma vida diferente, embora sejam as maiores vítimas desse conflito cultura local x cultura externa, como vimos no capítulo II deste trabalho. Sentem-se chamados pelo novo, ao mesmo tempo em que gostariam de permanecer junto à família e aos amigos na localidade de origem.

A mídia não só apresenta um mundo e valores diferentes daqueles pertencentes ao morador dessas pequenas localidades, como também é produtora de significados. Contudo, não encontra receptores passivos e indefesos. Os discursos dos meios de comunicação são reelaborados pelo receptor, ganham novos sentidos, são recriados, como ensina a teoria da

recepção. A reelaboração dos discursos se articula no cenário das mediações, da qual a própria mídia faz parte.

Martín-Barbero propõe que o estudo da “expressividade cultural” da televisão, um dos mais importantes meios de comunicação, parta das mediações, dentre as quais a família.

Se a televisão na América Latina ainda tem a família como unidade básica de audiência, é porque ela representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento. E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 305).

O autor cita outras mediações, como a cultura e a temporalidade, mas destacamos aqui a mediação da família por sua importância no contexto da vida rural.

Mais do que espaço das relações estreitas e próximas, nas sociedades agrícolas a família é “o espaço privilegiado de sociabilidade” (CARNEIRO, 1998, p. 3) e de garantia de preservação da cultura local.

Em seu estudo sobre o caipira¹³ paulista, Candido (1987, p. 229) assinala que na família caipira, ou seja, nos grupos familiares do lavrador humilde, “encontramos mais persistência dos comportamentos tradicionais do que em famílias abastadas e urbanizadas, nas quais atua com maior vigor a mudança social e cultural”.

E essa persistência ainda é observada, apesar de toda a transformação vivida pelas sociedades rurais ao longo dos anos, como a maior facilidade de acesso aos centros urbanos, a chegada da educação formal com as escolas públicas e o surgimento dos meios de comunicação.

Embora gostem de ver TV, à qual dedicam diariamente parte do seu tempo de descanso, algumas mulheres de Bocaina e de Calca não acreditam que a mídia, em especial a televisão, provoque mudanças em sua cultura. Talvez na maneira de vestir, disseram algumas delas, mas não no modo de vida.

---

¹³ Caipira é como é chamado o camponês no Estado de São Paulo, e suas origens encontram-se nos primeiros povoamentos portugueses (SHIRLEY, 1977).

Vania, umas das entrevistadas de Bocaina, afirma categórica que a TV não muda seu jeito de ser, de pensar: “De jeito nenhum! Se eu assisto novela é por assistir, não tem aquela influência, sei que é mentira, passo para o meu filho também que é mentira, não é realidade. Não influencia nada de mal em mim, não”.

As jovens de Bocaina, como Kátia e Rosângela, admiram as roupas e os cabelos das artistas de TV. Kátia acha as novelas muito interessantes e fica “pensando se aquilo é mesmo o que acontece ou não, se é realidade ou é da cabeça de alguém. Diante da pergunta se já quis fazer ou ter alguma coisa que viu na novela, responde: “Ah, a vontade que eu tive sempre que olho nas novelas é de ir embora, arranjar um serviço. As roupas são bonitas e dá vontade de comprar igual, mas são muito caras e a gente não pode, mas não sofro por causa disso.”

Rosângela, uma morena bonita de longos cabelos cacheados, não tem TV em casa e assiste na casa da vizinha. Gosta de ver *Malhação*, novela da Globo para o público jovem, que “é divertida e faz a gente rir”, diz ela. A novela mostra alguma coisa que você gostaria de ter ou fazer? “Acho que não. O que eu acho bonito são os cabelos, e tinha vontade de alisar os meus, que são enrolados”, confessa.

Bianca acredita que a TV influencia muito na moda, mas diz que isso não a afeta, pois “não sou chegada a roupas”.

Ainda em Bocaina, ao contrário das meninas, as mulheres mais velhas ou que possuem filhos enxergam de outra maneira a programação da TV e estão certas de que provoca sim mudanças no comportamento.

Dona Lourdes, mãe e avó, não tem dúvidas das responsabilidades da TV. “As mudanças nos costumes, na educação, tudo foi a televisão. Esses namoros meio errados, tudo foi a televisão, filhos desobedientes... a TV acabou com a mocidade,” afirma taxativa.

Marta também acredita na influência da televisão no comportamento dos jovens, principalmente, e relata sua preocupação com as filhas: “Eu acho que a televisão traz mudanças. Eu quero que minha filha assista àquilo que eu acho que está certo, mas infelizmente foge do meu controle. Tem muito comercial, muita coisa que influencia nos costumes, no namoro. (A TV) já tá tirando aquilo que a gente achava que tava certo e tá mostrando totalmente o contrário. Tanto

é que na nossa religião (evangélica) é proibido ter televisão. A gente tem televisão em casa e tem de saber o que assiste, mas os mais moços não concordam. As minhas filhas não seguem minha religião, e assistem. Eu quase não vejo e nem dá tempo. Quando dá, gosto de ver jornal, às vezes dou uma olhadinha na novela”.

Em Calca, Sonia destaca a importância dos meios de comunicação na vida dos moradores e vê aspectos positivos e negativos na programação da TV. “A TV e o rádio são muito importantes. Podemos escutar ou ver tudo o que se passa em nível mundial e regional, e se não tivéssemos essa comunicação seríamos um caso perdido [...], mas há vantagens e desvantagens, e essas últimas atingem principalmente os jovens e as crianças. Se os pais estão vendo novelas, a criança também vê, pois está com eles. Há muitas crianças que estão muito adiantadas em coisas estranhas que viram, assim como os jovens”, referindo-se a conteúdos que se opõem aos valores morais daquele grupo.

Em sua vida dominada pelas dificuldades e sofrimentos, Carmem admira o que vê na TV, embora raramente assista a algum programa, pois não tem o aparelho em casa. “Acho que a TV influencia sim, às vezes vemos coisas que gostaríamos de ser, de ter, vemos gente que viaja, conhece outros lugares, quem não gostaria?”

Clara e Paula, estudantes e camponesas de Calca, acham que a influência se restringe ao modo de vestir e ao consumo, apenas, mas não afeta profundamente os costumes, a cultura local.

Os moradores dessa pequena comunidade peruana acreditam que a cultura, as tradições, os valores são mantidos, e citam as festas como a maior demonstração de preservação da cultura local. A professora Eloísa enfatizou que o povo conserva “os costumes desde os incas e até hoje planta como seus antepassados”.

O senhor Amâncio admitiu transformações significativas, principalmente na língua do povo. “Antes o idioma era quéchua e hoje ninguém mais fala, só os mais idosos. Está perdendo a tradição, aos jovens não interessa falar como os antigos”. Também os hábitos alimentares são diferentes hoje. O senhor Fausto conta que o café da manhã era com batatas, canja, e agora os filhos querem algo mais leve, pão, biscoitos, frutas, que trazem da cidade.

Heller (2008, p. 117) explica que a “tradição ganha maior importância na estrutura social orientada para o passado”, que se orienta pela atitude das gerações anteriores, o filho imita o pai, os netos imitam os avós e os anciãos são valorizados por suas experiências. A orientação para o passado, observa a autora, ainda está presente em pequenas comunidades camponesas.

Embora nosso propósito neste estudo refira-se às transformações culturais nas pequenas comunidades rurais a partir da comunicação, consideramos importante conversar com as moradoras sobre a educação dos filhos para tentar identificar se procuram manter e transmitir a educação que receberam dos pais, o que sinalizaria um esforço para a preservação da cultura e resistência aos novos valores que a mídia, em especial, traz para dentro das casas.

Todas as mães entrevistadas disseram que procuram transmitir aos filhos a educação que receberam, mas com menos rigidez. De qualquer maneira, a educação não poderia ser a mesma, porque é sempre renovada, de geração em geração. A educação se dá “mediante relações recíprocas, num movimento que a todo instante constrói ou redefine a feição dos sujeitos, física e simbolicamente” (OLIVEIRA, 1999, p. 24).

Muitas das entrevistadas receberam uma educação rigorosa, com palmadas e surras, que eram comuns no modo de educar das famílias de Bocaina e de Calca. Com seus filhos, essas mulheres preferem o diálogo e condenam os castigos físicos.

Dona Luzia, moradora de Calca, conta que seus pais a educaram com muito rigor, “quando não obedecíamos, eles nos corrigiam. Os homens eram mais inquietos e meu pai era mais bravo e castigava”. E foi a mesma educação que deu aos seus filhos? “Não, foi diferente. Nós sempre conversamos [...]. Meus pais nos castigavam, mas nós não. Ensinamos o que é certo e errado, e nos obedecemos sempre.”

Sonia, também moradora de Calca, comenta sobre a educação que recebeu: “Meus pais foram bastante responsáveis. Tínhamos de cumprir a hora, obedecer, eram rigorosos. A gente enfrentava castigos na escola, pois o diretor era um militar aposentado”. Já o filho, ela educa de outra maneira: “Hoje em dia, temos de saber nossos deveres e direitos e respeitar como mães e

filhos. A educação é diferente, é mais sensível, tem mais diálogo, mais compreensão”.

Em Bocaina, Vania conta que recebeu uma educação muito rígida dos pais. Não podia sair, usar roupa curta, nem cortar o cabelo. O “pai sempre ensinou a falar senhor e senhora com os mais velhos, pedir a bênção, e é assim que estou educando meu filho também. Se desobedecesse ou fizesse coisa errada, apanhava”. Na educação do filho não é tão rígida, mas o menino é bem educado, afirma orgulhosa. “A gente ensina o que é preciso, né? Ensina a ser obediente, a fazer o que é certo.”

Vania admitiu que a educação seria diferente se fosse menina. “Ah, seria o mesmo ensinamento que eu tive. De não ficar saindo, não ficar presa também, mas saber aonde vai, com quem anda, o que vai fazer. Sendo menino fico mais tranquila até um certo ponto, porque no mundo, hoje, menino e menina tá tudo igual, está difícil para qualquer um.”

Marta foi criada num lar evangélico, em Bocaina, e os pais eram rígidos na educação dos filhos. “A gente não vinha para a rua, a gente não saía, não ia às festas. Depois que crescemos, nos rebelamos, fiquei um tempo fora da igreja, mas depois voltei.” E como você educa suas filhas? “Dentro do que eu posso e acho que está certo transmito os mesmos ensinamentos, mas não igual a meus pais. A cabeça da gente é diferente da época que eles educaram a gente.”

Luciana, também de Bocaina, procura transmitir para o filho a mesma educação que recebeu dos pais. “Foi muito rígida, e fui bem educada, graças a Deus. De vez em quando apanhava. A mãe era brava e o pai também. A gente ia às festas e saía, mas dependendo da companhia. [...] Com o meu filho procuro fazer igual meus pais, porque se foi bom pra mim, vai ser bom pra ele. Ele não é muito arteiro, mas é um pouco teimoso.”

Nas conversas e entrevistas, percebe-se a convivência entre tradição e inovação, as tentativas de manter as culturas tradicionais e, ao mesmo tempo, de interagir com outras culturas, sem que isso represente a perda da identidade local. Martín-Barbero (2005 p. 64) diz que

[...] estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras – que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à

intensificação de sua comunicação e interação com as outras culturas de cada país e do mundo.

As transformações culturais nas sociedades rurais ocorrem de geração em geração, e embora se tenham acelerado em alguns aspectos nas últimas décadas, em função do processo de globalização, ainda caminha em passos mais lentos do que nos grandes centros urbanos.

O ritmo de vida do povo rural e de sua adesão aos ventos da modernidade é específico de um povo com características muito próprias de sobrevivência e de convivência.

O reconhecimento da “intercausalidade das coisas”, para a qual Medina (2003, p. 118) chama a atenção, pode ser o caminho para a compreensão dessas comunidades, do seu modo de viver e de fazer seu cotidiano.

CAPÍTULO 4

RELATOS DE VIDA

AS CONVERSAS COM MULHERES DE CALCA E DE BOCAINA

A observação, as conversas, as entrevistas, os livros e outras fontes de informação nos forneceram os elementos necessários para o conhecimento e a compreensão das redes pessoais de comunicação utilizadas pelos habitantes de Bocaina e de Calca em sua vida cotidiana.

Neste capítulo, apresentamos as entrevistas realizadas com mulheres e com algumas fontes oficiais dessas localidades. Os encontros ocorreram nas casas de algumas delas, na rua, na praça, no local de trabalho, às margens do ribeirão.

A maioria dos entrevistados demonstrou interesse em colaborar com a pesquisa e respondeu às perguntas com grande espontaneidade, revelando detalhes de sua vida, revirando na memória momentos de sua história que estavam bem guardados, como a educação recebida dos pais, o casamento ocorrido há mais de 40, 50 anos, a infância maltratada, entre tantas outras lembranças.

A prática cotidiana repleta de ricas e intensas relações interpessoais, face a face, permeada por tradições e culturas preservadas e renovadas, revelou-se nos encontros com os entrevistados, durante a permanência nas duas comunidades e, mais tarde, na reflexão sobre os dados recolhidos na pesquisa.

Na fase de redação da dissertação, e mesmo antes, encerradas as visitas e na transcrição das entrevistas, surgiu a sensação de que muitas outras perguntas poderiam ter sido feitas e de que teria sido necessário permanecer muito mais tempo no convívio com os habitantes de cada comunidade. Pode ser uma angústia comum aos pesquisadores, que Oliveira (1999, p. 62) narra de forma tão singela e verdadeira:

O suceder das visitas, das observações e das entrevistas traz uma variedade de sensações diferenciadas que só mesmo o convívio

humano, das relações face a face, é capaz de suscitar. Olhos e ouvidos atentos ajudam, e muito; porém, os ensinamentos parecem não ter fim. Sempre fica a impressão de que algo – fugaz e impalpável, porém importante – ficou para trás...

Talvez o trabalho desenvolvido nunca agrade o suficiente, pois sempre poderia ter sido mais abrangente, e, neste estudo especificamente, poderia ter retratado de forma mais completa e sensível o modo de ser e de viver dos habitantes de Bocaina e de Calca.

Nesta pesquisa, que teve como instrumentos a observação e as entrevistas, fizemos anotações e utilizamos o gravador, sempre com o consentimento do entrevistado, para não perder detalhes importantes das falas.

Os nomes verdadeiros das entrevistadas foram substituídos por outros fictícios com o objetivo de preservar a identidade de cada uma. Como moradoras de comunidades tão pequenas, nas quais todos se conhecem, poderia ser fácil identificá-las e preferimos, por isso, proteger sua intimidade. Pelo mesmo motivo, omitimos a profissão de algumas delas. Já as fontes oficiais aparecem com seus verdadeiros nomes.

Nas primeiras visitas a Bocaina, as entrevistas foram feitas com homens e mulheres, idosos, adultos e jovens, com o propósito de conhecer a vila, as condições de vida e o pensamento dos habitantes sobre o lugar. A partir da terceira visita, selecionamos apenas as mulheres, de diferentes idades, com o objetivo de identificar nelas traços mais fortes de perpetuação da cultura local.

Em Calca, também procuramos as mulheres, como fonte principal, e entrevistamos alguns homens que exercem liderança no Anexo.

O que nos levou a essa escolha foi o fato de que, tradicionalmente, cabe à mulher a função de educar e cuidar dos filhos. As transformações verificadas na sociedade e, conseqüentemente, na estrutura familiar não alteraram significativamente a divisão dos papéis desempenhados por homens e mulheres no convívio familiar, e os cuidados com as crianças ainda são atribuídos principalmente a elas (ALMEIDA, 2007, p. 413), embora a participação masculina em atividades familiares domésticas ensaie algum crescimento (IBGE, 2007).

No meio rural, o papel do pai como educador aparece mais forte no sentido da autoridade que ele representa no seio da família. Os castigos mais

duros, em geral, são efetuados pelo pai, como relatam algumas entrevistadas, e os mais leves cabem às mães.

Na escolha da mulher como entrevistada principal nesta pesquisa nos apoiamos também em Martín-Barbero (2001, p. 284), quando afirma que “o acesso à cotidianidade do bairro passa necessariamente pelo reconhecimento do protagonismo das mulheres”, que são um dos eixos principais da vida do bairro, pois se envolvem e buscam soluções para questões da coletividade.

Outra observação importante é que, embora este trabalho tenha como base os estudos da recepção, na compreensão da recepção não como uma etapa do processo de comunicação e sim como lugar de produção de sentido, indagamos os entrevistados sobre a “influência” que os meios de comunicação teriam sobre as pessoas, o que, à primeira vista, pode parecer contraditório no contexto geral desta dissertação. Na verdade, o uso desse termo (influência) teve o objetivo de facilitar o entendimento da pergunta com a qual pretendíamos identificar o impacto da mídia nessas comunidades.

Nas entrevistas com as mulheres, abordamos questões pessoais e impressões sobre a comunidade, enquanto que com os líderes ou fontes oficiais o foco foi a vida da comunidade e suas características, ou seja, questões da coletividade. Na transcrição, procuramos manter o modo de falar, as expressões, a naturalidade das entrevistas, optando por traduzir as entrevistas concedidas em Calca.

4.1 – As conversas em Calca

Cecília é apaixonada por Calca, no entanto, por causa do trabalho, mora em Tarma com o marido e a filha. Todos os fins de semana os três viajam para o Anexo e se hospedam na casa dos pais de Cecília, que são agricultores. O pai até construiu mais um cômodo na casa para que eles fiquem ali bem instalados. Alegre e atenciosa, essa peruana de 30 anos nos atendeu na chácara localizada em frente à casa dos pais.

– Cecília, como você descreve Calca e seus habitantes?

– Calca é um lugar muito bonito e tem atrações turísticas que ainda não estão difundidas e poucos conhecem. Os moradores são muito acolhedores.

Sempre vivi aqui. Graças aos meus pais, que são muito bons, fiz os estudos secundários e superiores em Tarma, e, por motivo de trabalho, moro em Tarma.

– Mas você prefere estar aqui nos fins de semana?

– Sim, porque aqui estão meus pais, e no campo é mais bonito do que na cidade.

– Como é a situação econômica das famílias daqui?

– Em cada uma é diferente. Há pessoas mais pobres, quase todas ou todas se dedicam à agricultura, e a agricultura está péssima, não tem apoio. Os produtos estão muito baratos e o que os produtores recebem não é suficiente. A população se desanima.

– Como os moradores se informam dos acontecimentos?

– Principalmente pelo rádio e a maioria tem um aparelho, e também pela televisão. Agora há canais por satélite, os meios de comunicação estão avançando. A maioria prefere ver mais a TV à noite, e o rádio é mais ouvido na chácara.

– O que você gosta de assistir?

– Mais as notícias, e os homens preferem os programas de esporte.

– Você acessa internet?

– Sim, um pouco.

– E as assembleias, o que você diz desses encontros?

– As assembleias são semanais e quinzenais para tratar de problemas do lugar. Participam os moradores mais interessados.

– O que os moradores encontram aqui como distração, como lazer?

– Nos fins de semana, os homens jogam, as mulheres saem para dar um passeio em Tarma ou à casa de algum amigo, parente.

– É costume visitar os outros em suas casas?

– Aqui sim. Se há um aniversário, o costume é que todos os vizinhos visitem o aniversariante, além do que quase todos somos parentes. Em julho, a confraternização é maior nas festas, é quando mais conversamos, encontramos os amigos e conhecidos.

– Você tem amigas aqui em Calca?

– Tenho sim, mas a maioria foi para Lima. É assim, todos saem.

– Cecília, conte um pouco sobre a educação que você recebeu dos seus pais.

– Bem, a comunicação com eles sempre foi boa. Em primeiro lugar, tive mais confiança com minha mãe. O pai sempre é mais rígido, não é? Mas, graças aos dois sou o que sou, pelos conselhos, pela ajuda, por tudo.

– E na educação da sua filha, você faz como eles?

– Sim, mas vou mudando, pois meu pai era mais rígido.

– Você percebe mudanças nos costumes do povo de Calca?

– Sim, a mudança é grande. Anos atrás a gente era mais unida, mais comunicativa, agora mudou. Há certo grau de união, mas não como antes. Cada um vê por sua família, não se envolve com as outras pessoas.

– E ainda são preservadas as tradições?

– Sim, a tradição é mantida, como a festa patronal, por exemplo, conservamos sim os costumes.

– Você tem um sonho? Qual?

– Ah, meu sonho é exercer minha carreira e me aperfeiçoar. Gostaria de morar em outro lugar. De ir para o exterior, para a Itália. Sempre pensei nisso. Lá há mais pessoas idosas, com mais idade, e seria bom para o meu trabalho.

– Voltando a falar dos meios de comunicação, você acha que os meios influenciam as pessoas em seus costumes, na forma de pensar e de agir?

– Sim, muitíssimo. As pessoas que têm mais acesso aos meios têm mais cultura, mais trato do que as pessoas que não têm acesso. Influenciam também na forma de vestir, muitos querem imitar o que aparece na televisão.

####

Dona Luzia é casada há 32 anos e trabalha com o marido na chácara. Estudou até o quinto ano primário e se esforçou pela educação dos dois filhos, uma moça e um rapaz, que hoje têm uma profissão e vivem na cidade. Também com ela a conversa foi na chácara.

– Como é viver em Calca?

– É bom. Nascemos aqui e estamos acostumados a trabalhar na chácara. Sempre trabalhei na lavoura e nunca saí para viver em outro lugar.

– Como é a vida aqui durante a semana, o que as pessoas fazem?

– Ah, trabalhamos sempre, e no domingo saímos para Tarma para compras, algumas vezes saímos para passear.

– O que a senhora gosta de fazer para se distrair?

- Ah, eu gosto de sair para o campo, caminho, vejo como estão as plantas. É o que gosto de fazer.

– A senhora faz visitas aos amigos, aos parentes?

– Vou pouco à casa deles, porque não tenho tempo. Fico na chácara, cuido dos animais, e não dá tempo. A gente se encontra e conversa mais nas festas.

– Como as pessoas daqui sabem das coisas que acontecem? Como se informam dos acontecimentos?

– O normal é que cada um conta para o outro, e também nas assembleias. Eu não vou, mas meu esposo participa e depois me conta.

– E a senhora gosta de assistir à televisão?

– Gosto sim, e vejo mais as notícias à noite, pois durante o dia todo escuto rádio enquanto trabalho na lavoura.

– A senhora acha que os meios de comunicação, como a televisão, o rádio, têm alguma influência sobre as pessoas, no comportamento, na maneira de pensar?

– Sim, claro, acho que influencia sim, principalmente a televisão.

– Será que a vida é melhor na cidade?

– Parece que não é não. Na cidade, a vida é mais estressada, e no campo é mais tranquilo, sem pressa.

– Dona Luzia, como foi a educação que a senhora recebeu dos seus pais?

– Era com rigor. Quando não obedecíamos, eles nos corrigiam. Os homens eram mais inquietos e meu pai era mais bravo e castigava.

– E foi assim também que a senhora e seu esposo educaram seus filhos?

– Não, foi diferente. Nós sempre conversamos antes de comer, antes de dormir. Meus pais nos castigavam, mas nós não. Ensinamos o que é certo e errado e nos obedeceram sempre.

– A senhora tem um sonho, alguma coisa que gostaria muito?

– Sonho não tenho, não. O que eu quero é que meus filhos estejam bem, bem empregados, possam cuidar deles mesmos. Nós, ao contrário, não tivemos uma profissão, sempre trabalhamos na chácara. Mas apoiamos os dois em tudo que podemos, para que tenham uma vida melhor em sua profissão. Na chácara, às vezes, perdemos o que investimos, não recuperamos os gastos por causa dos preços baixos. Mas estamos acostumados com essa realidade.

####

Carla chegou ao Posto de Saúde, naquela manhã de julho de 2010, junto com a filha de um ano. Aos 22 anos, está esperando outro bebê. Em nossa conversa, contou que nasceu e sempre viveu em Calca, já o ensino secundário fez em Tarma. Pela manhã, trabalha na chácara e, à tarde, faz o serviço de casa. O marido é motorista, e, às vezes, a ajuda na plantação. Na entrevista, percebe-se que não é de falar muito e nossa conversa foi interrompida ao ser chamada pela funcionária do Posto de Saúde.

– O que acha de morar em Calca?

– Gosto muito e não me agrada a cidade. Aqui estamos livres, respiramos um ar puro. Estou acostumada a trabalhar na agricultura, e o trabalho não é tão pesado.

– Você já pensou em viver em outro lugar?

– Até agora não.

– O que você faz para passar o tempo, para se distrair, aqui em Calca?

– Ah, vou à casa da minha sogra e sempre que viajo a Lima para vender as verduras, aproveito para passear. Vou para lá uma vez por semana.

– Carla, como você se informa, fica sabendo das coisas, dos acontecimentos?

– Pelo rádio. Ouço a Rádio Tarma, a Rádio Luz ou Sudamericana. Enquanto estou na chácara, escuto essas rádios, ouço músicas e notícias.

– Você participa das assembleias da comunidade?

– Eu mesma vou poucas vezes, mas a maioria do povo participa.

– Será que ir às assembleias é uma forma de saber das coisas?

– Acho que sim, mas não há muitas. Há poucas assembleias, e são mais para discutir sobre água potável ou outro assunto ligado à comunidade, que interessa a todos.

– E TV, você gosta de assistir?

– Gosto sim, mas em casa vemos apenas a televisão nacional, do governo. São programas sobre a cultura e os costumes, paisagens e notícias.

– Você acha que a televisão influencia as pessoas de alguma forma?

– Acho que sim, principalmente as novelas, que influenciam os moradores da cidade, mas não é bom, pois mostram bobagens. Aqui não vemos novelas.

– Você já acessou a internet?

– Quando estudava sim, mas agora não uso mais.

– Você tem costume de ler?

– Sim, minha filha sempre pede para ler contos e leio para ela. Às vezes, leio algumas coisas nos jornais também.

– Como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Meus pais são bons e nos educaram sem violência. Tenho oito irmãos e todos estudaram.

– E a sua filha, como você a educa?

– Em algumas coisas faço como meus pais, em outras não. Se ela exagera, tenho que segurar, controlar.

####

A professora Eloísa nos recebeu na escola de Calca com muita simpatia e interesse em participar da pesquisa. Há muitos anos trabalha na escola, mas nunca morou em Calca. Viaja todos os dias de Tarma para o Anexo, e conhece bem seus moradores. A escola oferece o ensino primário, da 1ª à 6ª série, e recebe diariamente, de segunda a sexta-feira, 60 crianças de 6 a 11 anos. O horário das aulas é das 8 às 13 horas.

– Professora, como são os moradores de Calca?

– É um povo muito amável e carinhoso.

– E como é a situação econômica deles?

– São muito pobres. Todos se dedicam à agricultura. São pobres, mas têm o básico, o que comer. Às vezes, os preços dos produtos caem e ficam sem ter como sustentar os filhos. Às vezes, alguns alunos não têm nada para trazer de lanche, vêm sem tomar café. A situação de alguns deles é muito difícil.

– A senhora conhece bem os moradores por trabalhar aqui há muitos anos. Tem percebido mudanças nos costumes deles? (Parece que a professora não entendeu a pergunta, mas forneceu informação importante sobre a realidade local)

– Agora tem mudado sim. A escola está melhor, as crianças estão felizes aqui. Daqui vão para a chácara trabalhar, cuidar dos gados. Às vezes nem fazem tarefas. Vão ajudar os pais. E, se não vão, apanham, têm medo.

– É comum as crianças serem castigadas?

– Oh, sim, já denunciemos a violência, mas os pais perguntam: “se não trabalham conosco, quem nos ajuda?”. Eles dizem que não há outro jeito. Algumas crianças são violentas, crescem assim, porque em sua casa também há violência.

– E a senhora acredita que a cultura, os valores, as tradições de Calca são preservados?

– Sim, são muito preservados. Eles mantêm costumes desde os incas, até agora plantam como os antepassados, conservam os costumes.

– Muitos jovens de Calca se mudam para a cidade?

– Não, a maioria fica. Vão para estudar e voltam. Metade não estuda, fica aqui. O analfabetismo é alto entre as mulheres e agora há um programa educacional do governo para as mulheres. Há aulas nas noites de sábado, e elas ganham caderno, lápis, alimentos, como incentivo. Os alimentos é o que mais atraem para a participação no programa.

– Há televisão na escola?

– Sim, mas vemos mais DVDs por causa das aulas de ciências.

– E os moradores possuem TV em casa?

– Sim, muitos. E agora há também canais por satélite. Também gostam muito de ouvir rádio.

– O que os habitantes de Calca fazem para se distrair?

– Ah, só nas festas de junho e de julho. Natal é cada um na sua casa, e aos domingos trabalham igual.

####

Dona Anita, uma camponesa de 61 anos, entrou no armazém para comprar tomates e tentamos entrevistá-la, mas ela pouco falou. Demonstrava estar com pressa, mas era a sua profunda simplicidade e a crença de que não tinha nada para falar que a empurravam para a porta. Com a colaboração de Cecília, com quem já tinha conversado, foi possível convencer Dona Anita a contar um pouquinho da sua história. Soubemos que teve nove filhos e sete estão vivos. É pastora de ovelhas e trabalha também na chácara, todos os dias, sem descanso, além de cozinhar e cuidar da casa onde mora com o esposo e dois filhos. Nunca teve oportunidade de estudar, não sabe ler nem escrever.

- Dona Anita, como é viver aqui, a senhora gosta de Calca?
- Sim, é bom, estou acostumada. Aqui é tranquilo.
- A senhora faz alguns passeios às vezes, sai um pouco daqui?
- Sim, vou a Tarma, mas poucas vezes.
- Dona Anita, na casa da senhora há televisão? A senhora assiste aos programas?
- Sim, meus filhos compraram uma televisão, mas assisto muito pouco.
- E rádio, a senhora ouve?
- Pouco também.
- A senhora participa das assembleias que são realizadas na municipalidade?
- Eu gosto das assembleias, mas não vou porque chego do trabalho muito cansada.

####

Paula cursou o ensino superior em Tarma, onde trabalhou por quase um ano, mas, recentemente, voltou a viver em Calca. Como não encontra trabalho na cidade, a solução, por enquanto, é morar com os pais e ajudá-los na

lavoura. Embora esteja trabalhando na chácara, disse que está descansando por uns tempos em Calca, deixando transparecer a frustração por não atuar na carreira que escolheu. Com certa reserva, essa jovem de 23 anos nos atendeu às margens do ribeirão que corta o Anexo e onde sua família e outras das proximidades estendem as roupas para secar ao sol.

– Paula, como é viver aqui em Calca?

– Aqui é tranquilo, bonito, e o povo é humilde. Vivo com minha família, meus pais e seis irmãos.

– Você gostaria de viver em outro lugar ou voltar a morar em Tarma?

– Sim, eu gostaria de morar em Tarma ou em Lima, ou outro lugar onde encontrar trabalho.

– Como foi a educação que recebeu dos seus pais?

– Ah, tinha bastante controle, e eu não saía muito, me dedicava mais aos estudos.

– Você gosta de assistir televisão?

– Sim, gosto mais das notícias, dos programas do Discovery. Temos TV por satélite em casa e mais opções de programas. Gosto de várias novelas. Ver TV para mim é um hobby, um costume para passar o tempo.

– E rádio, você ouve?

– Sim, na chácara escutamos rádio o tempo todo. Ouço as Rádios Tarma e Luz, escuto notícias, músicas.

– Como os moradores daqui ficam sabendo das coisas, como circulam as notícias?

– É mais pelo rádio, pela TV e também pelo celular. Acho que o celular é o mais importante e rápido. A gente fica sabendo rapidamente do que acontece.

– E internet, você já acessou, faz isso às vezes?

– Já acessei sim, mas aqui não há mais e não ligo muito.

– Paula, você acha que os meios de comunicação influenciam nos costumes?

– Eu acredito que sim, que influencia, principalmente pela publicidade, mas mudam pouco os costumes. Influencia mais na moda, nas coisas que você vê e quer comprar.

- O que você faz aqui para se distrair?
- Ah, eu gosto de descansar, jogo futebol aos domingos... Gosto também de passear na casa de amigos aqui mesmo em Calca ou em Tarma, e jogamos, conversamos, nos divertimos.
- Você tem um sonho, Paula?
- Sim. Neste ano, quis descansar aqui em Calca, mas o meu sonho é exercer minha carreira. Melhor seria em Lima, penso em me mudar para lá.

####

A jovem Clara tem 15 anos. Muito comunicativa, revela com naturalidade e espontaneidade seus planos, seus sonhos, e, apesar de viver em uma comunidade carente como Calca, está ligada aos acontecimentos e novidades do mundo. Tem cinco irmãos, estuda em Tarma e ajuda os pais na lavoura. Nossa conversa se deu ao lado do ribeirão, sentadas na grama.

- Clara, como é a vida aqui em Calca?
- Ah, é um pouco tranquila, sempre trabalhando na agricultura.
- E os domingos, como são?
- Muitos saem para passear em Tarma, é um dia de descanso para muitas famílias.
- Você gostaria de viver em outro lugar?
- Sim, eu quero muito sair. Aqui, não temos o que fazer, como estudar nem trabalhar.
- E que você faz aqui para se distrair?
- Eu gosto de sair para um lugar silencioso, caminhar no campo. Gosto muito de desenhar, fazer pinturas, de paisagem e retratos.
- Em sua casa, vocês têm televisão?
- Sim, temos TV e um aparelho de DVD também. Gosto de assistir às novelas, mas gosto mais de novelas coreanas, que são educativas, e gosto também de programas do Discovery.
- E rádio, você ouve?
- Sim, ouvimos notícias e músicas.
- E a internet, você acessa?

– Só algumas vezes, mas tenho e-mail e me comunico com alguns amigos de vez em quando.

– Como é a educação que recebeu dos seus pais?

– Acho que é normal, um pouco rígida. Eles gostam das coisas na hora certa. Não castigam com golpes, mas sim proibindo os passeios, algumas saídas.

– Você gosta de ler?

– Ah, eu gosto muito. Gosto de livros de fábulas, de contos, histórias, e também leio artigos dos livros da escola.

– Como os moradores daqui ficam sabendo das coisas que acontecem?

– Acredito que na maioria das vezes ficam sabendo pelas notícias do canal TV Peru. Já as notícias daqui a gente fica sabendo pelos vizinhos e também pelo rádio.

– Você acha que os meios de comunicação levam as pessoas a mudar seus costumes, a pensar diferente?

– Ah, eu acho que não. Acho que pode influenciar um pouco na moda, no modo de vestir, mas não nos costumes.

- Clara, você tem amigas aqui em Calca?

– Na verdade, aqui não. Minhas amigas moram em Tarma.

– E namorado?

– Sim, e ele estuda na Faculdade de Belas Artes, em San Pedro de Cajas (Distrito de Tarma, conhecido pelas ruínas incas e pelo artesanato).

– E você, o que pretende estudar depois que concluir a escola secundária?

– Ainda estou pensando, porque há duas coisas que gosto muito: desenho de moda e artes plásticas em desenhos e pinturas. Se for estudar desenho de moda, gostaria de ir para o exterior, para Milão, na Itália. Depende de onde há mais trabalho. Por aqui não existe esse curso, apenas em Lima. Agora, se for artes plásticas, posso estudar em San Pedro. Também quero muito ajudar meus pais depois dos estudos.

####

Sônia tem curso superior, mas trabalha na chácara, com os pais e os irmãos. Como outros moradores de Calca, não encontrou trabalho na cidade. Aos 37 anos, tem um filho, gosta de política e sonha em ocupar um cargo importante com o qual possa ajudar a melhorar as condições de vida dos moradores. Mulher dinâmica e comunicativa, atendeu-nos com grande disposição em colaborar. Nossa conversa começou às margens do ribeirão e foi se desenvolvendo ao longo da caminhada até o centro de Calca.

– Sônia, como é a vida em Calca?

– Viver aqui é bem tranquilo, porque não sofremos com as filas como na cidade e temos as verduras em nossas mãos. O alimento vai da chácara para a panela.

– Como é a situação econômica do povo daqui?

– Não é tão pobre, nem tão rica, é mais ou menos. Não temos muitos recursos, e dependemos de nossas mãos para sobreviver. Tem época que os produtos que plantamos valem mais e época que valem menos. Tentamos recuperar o que investimos.

– A municipalidade do Distrito de Palcamayo faz melhorias em Calca?

– Creio que não dá tanta importância aos Anexos, e só por política apoiou ou está apoiando.

– Você fez um curso superior, mas trabalha na lavoura. Como é isso para você?

– É verdade. Hoje está muito difícil encontrar trabalho. Nossa situação é muito grave. Aqui nos dedicamos à chácara, pois não há outra coisa para fazer. Faz quatro anos que voltei para Calca, porque tive um filho e fiquei aqui por ele. Vivo com meus pais e meus irmãos.

– Você gostaria de viver em outro lugar?

– Gostaria sim. Acho que seria melhor sair do Peru, para viver outras experiências, outras oportunidades. Os estudos fora, em outros países, também são melhores.

– E onde gostaria de viver?

– Bem, depende da carreira que iria seguir. Você me fala do Brasil, gostaria de conhecer seu País, o modo de vida do povo, quem sabe viver lá.

– Como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Meus pais sempre foram bastante responsáveis, tínhamos de cumprir a hora, obedecer. Quando estudei a primária série, era muito longe, tinha de caminhar muito e tinha de sair e chegar na hora certa. Na escola havia castigos porque o diretor era um militar aposentado.

– Você procura educar seu filho da mesma maneira como foi educada?

– Não tanto, porque a educação de antes era mais rigorosa. Hoje em dia temos de saber nossos deveres e direitos e respeitar como mães e filhos. A educação é diferente, é mais sensível, tem mais diálogo, mais compreensão.

– Você gosta de assistir TV?

– Sim, gosto muito. Acho que sem a comunicação estaríamos fora da realidade, porque vemos as notícias, há muitas coisas atrativas, interessantes que podemos aprender, como a culinária, que gosto bastante. Mas não vejo muito novela.

– E rádio, você tem o hábito de ouvir?

– Sim, escutamos muito. Aqui a rádio é muito importante porque saímos para a chácara e não há outra coisa para escutar. Não sei se é um costume, mas sei que todos levam seu rádio para escutar notícias e músicas.

– E quanto à internet, você tem o costume de acessar?

– Tenho sim, às vezes, pois aqui não há mais.

– Você gosta de ler?

– Gosto de ler revistas e alguns livros.

– Como vocês se informam dos acontecimentos, ficam sabendo das coisas que acontecem?

– Bem, é sempre pela comunicação do rádio, da TV, pelos dirigentes que informam nas assembleias e também pelas outras pessoas.

– Como é a participação dos habitantes nas assembleias?

– Aqui há bastante participação. Cerca de 180, 190 moradores participam. Se não vamos, pagamos uma multa de 15 a 20 *Nuevos Soles* (R\$ 9 a R\$ 12)¹⁴, que vão para a reserva de fundos e usamos em melhorias na comunidade. O valor da multa depende do que é definido nas reuniões.

---

¹⁴ Disponível em: <http://economia.uol.com.br/cotacoes/cambio.jhtm>. Acesso em: 14 fev. 2011.

– Em relação aos meios de comunicação, você acredita que eles exercem alguma influência, trazem algumas mudanças aos costumes, ao modo de vida das pessoas?

– Claro que sim. A TV e o rádio são muito importantes. Podemos escutar ou ver tudo o que se passa em nível mundial e regional; se não tivéssemos essa comunicação, seríamos um caso perdido.

– Mas leva a mudanças nos costumes, no modo de vestir, de pensar, por exemplo?

– Acho que sim, e bastante. Há vantagens e desvantagens. Entre os jovens e as crianças a influência é maior. Se os pais estão vendo novelas, a criança está com eles e também assiste. Há muitas crianças que estão muito adiantadas com coisas estranhas que viram, assim como os jovens.

– Sônia, você tem o costume de se encontrar com as amigas?

– Sim, tenho bastante amizade e gosto de estar em grupo sempre. Gosto de compartilhar ideias, de me comunicar,

– Domingo é um dia mais tranquilo entre vocês?

– Domingo é um dia para estar em casa e descansar. Mas 80% dos moradores trabalham também aos domingos, não descansam.

– Qual é o seu sonho?

– Ah, a vida sempre te leva a alguma coisa. E sei que tenho de ser, de construir algo. Quero me dedicar à minha carreira, dirigir a comunidade ou estar à frente de uma grande cidade. Acredito que atuando na política posso ajudar a melhorar Calca, a ser melhor do que é hoje. Esses são os meus sonhos.

###

Sob um sol forte no meio do dia, embora fosse período de inverno, vinham pelo caminho que leva ao centro de Calca uma mulher com suas três crianças: duas meninas pequenas caminhando e o menor estava grudado nas costas da mãe, numa cena típica peruana. Eram Carmem e seus filhos voltando para casa depois de terem passado a manhã em Tarma para que a menina mais velha participasse do desfile cívico, um dos inúmeros eventos realizados no mês de julho, em todo o País, para comemorar a Independência

do Peru. As datas principais das Festas Pátrias, como são chamadas, são os dias 28 e 29 de julho.

Carmem nos convidou para irmos à sua casa, onde poderíamos conversar em melhores condições, ou seja, sentadas e protegidas do sol. Foi a única casa de Calca na qual pudemos entrar, conhecer o interior e constatar a pobreza daquele povo. Como já descrevemos no capítulo 2, o piso era de terra, as paredes sem reboco e havia poucos móveis. Quando conversamos com Carmem, ainda era recente o falecimento do esposo, ocorrido uns meses antes. Seu sofrimento era intenso, acrescido da preocupação, muito maior agora que estava sozinha, com a alimentação das crianças, a sobrevivência da família.

– Carmem, como é viver aqui em Calca?

– Aqui é bonito, nós trabalhamos na chácara.

– E como é a situação do povo daqui?

– Posso dizer que a maioria é pobre. Todos nós plantamos, levamos os produtos ao mercado, mas custa pouco, e o que recebemos não é suficiente. Mal dá para comprar os remédios, pagar o que é preciso, não dá para nada.

– Como é o seu trabalho?

– Plantamos verduras, legumes, flores, de tudo um pouco, e é disso que vivemos. Vendemos os produtos em Tarma e, quando a produção é maior, é levada para Lima. Eu trabalho sozinha e às vezes busco ajuda de familiares e de vizinhos.

– E onde ficam as crianças?

– As meninas vão para a escola e depois ficam em casa, e o menino pequeno levo comigo para a chácara. Agora, além do trabalho na lavoura, estou também servindo pensão a três homens que estão trabalhando na construção do banheiro da escola. Sirvo café, almoço e janta, e assim ganho um pouco mais para ajudar nas despesas.

– Você sabe ler?

– Sim, eu estudei a primária. Meus pais eram pobres e não pudemos estudar mais. Eu leio a Bíblia à noite, às vezes.

– Como você fica sabendo dos acontecimentos?

– Olha, fico sabendo pelo rádio, pelos vizinhos, que contam as notícias, e nas assembleias.

- Você participa das assembleias?
- Tenho de ir, porque se não vamos pagamos multa ou não dão água para regar as flores, as verduras.
- Você tem televisão aqui em sua casa?
- Não tenho TV, porque não temos energia elétrica. Mas eu gosto de ver, de assistir as notícias na TV Nacional de Peru, e não gosto de novelas.
- Você ouve rádio?
- Sim, o dia todo e à noite também. Ouço notícias e músicas, um pouco de tudo. (percebemos que o rádio permanece ligado o tempo todo, mesmo quando a família está fora, como nesta manhã do desfile em Tarma, pois, ao chegarmos junto com Carmem, o rádio falava sozinho).
- Carmem, você acha que os meios de comunicação, como a TV, o rádio, influenciam as pessoas, levam a mudar os costumes, por exemplo?
- Acho que sim, pode ser. Às vezes vemos coisas que gostaríamos de ser, de ter, gente que viaja, quem não gostaria?
- O que faz aqui para se distrair?
- Vou à chácara caminhar com as crianças, respirar um ar puro. Também vou à casa das minhas irmãs, de alguns vizinhos para conversar um pouco.
- O domingo é diferente para você? É dia de descanso?
- Poucas vezes posso descansar. Sempre fico em casa, lavando as roupas, fazendo limpeza.
- Conte um pouco como foi a educação que você recebeu dos pais.
- Meus pais não nos castigavam. Não me lembro muito, porque desde os seis ou sete anos não cresci com minha mãe. Éramos vários irmãos e não havia o que comer, a gente era muito pobre, e minha mãe me mandou para a casa de uma senhora em outro bairro, onde morei por três anos. Eu trabalhava, cuidava dos animais e a senhora era muito má, me batia muito, me batia por qualquer coisa. O marido dela era bom e me defendia. Fugi da casa, fiquei escondida no mato e fui para a casa de um tio, que me levou a Tarma. De lá, voltei para a casa da minha mãe, em Calca. Sou golpeada pela vida. Meu esposo também sofreu. ... Aqui se sofre bastante. No Peru existe bastante pobreza, dificuldades para as crianças. Agora que não está meu esposo, vou

tentar sair, trabalhar como operária para que as crianças cresçam e possam trabalhar.

– Você gostaria de viver em outro lugar?

– Sim, gostaria. Está muito difícil viver só e trabalhar muito. A cabeça me dói de tanto pensar. Gostaria de ir para Lima, trabalhar. (Ela não consegue segurar as lágrimas pela dor do luto e do temor diante das novas responsabilidades. Mesmo assim, manifestou esperanças). As crianças estudam e terão uma vida melhor, o estudo é o mais importante.

– A educação que você dá aos seus filhos é diferente daquela que você recebeu?

– Sim, é diferente. Eu não castigo. Antes se castigava muito.

– Você tem um sonho, Carmem, alguma coisa que você gostaria muito que acontecesse?

– Na verdade, só peço a Deus que cuide dos meus filhos para que fiquem bem, para que não falte nada para eles, e não aconteça nenhum acidente.

– Você gostaria de ter outra vida, gostaria que fosse diferente do que é hoje?

– Sim, e muito. Sofremos com a fome, com a pobreza. Em outras regiões pode ser pior, muito frio, mas aqui também o frio é forte.

– Os moradores recebem algum tipo de ajuda?

– Não temos nenhuma ajuda. Nem do governo, nem da igreja. Nada. Agora, com as eleições de outubro, há muitos candidatos que dão alguns presentes, mas a situação continua a mesma. (Em outubro de 2010 foram realizadas eleições para os governos municipais e distritais).

####

Sr. Fausto é uma liderança importante no Anexo de Calca. Já exerceu os cargos de Agente Municipal e de Presidente da comunidade, e se mantém ativo nas questões que dizem respeito à comunidade. Ele nos atendeu no armazém, no dia seguinte à tensa reunião com as autoridades locais para a permissão desta pesquisa, conforme relatamos no Capítulo 3. Está com 64 anos e trabalha na agricultura.

– Sr. Fausto, como vivem os moradores de Calca?

– De acordo com nossas possibilidades, pois não temos ajuda suficiente do governo central. Agora, por exemplo, não temos um bom mercado para vender nossas produções, fazer um bom negócio. Produzimos com o capital que podemos investir, de alguma maneira produzimos. Agora estamos mais tranquilos, mas os filhos estudam para ter uma vida melhor. Só que para estudar mais, eles têm de sair daqui.

– E quando estudam fora, os jovens retornam?

– Ah, não dá para voltar, porque não há trabalho. A população está diminuindo por isso.

– O povo daqui tem atendimento de saúde?

– Sim, mas nem sempre é suficiente. Quando fui agente municipal, pedi melhorias, bons médicos, uma atenção especial, mas as autoridades responderam que não há profissionais para enviar para cá. Para se tratar, o povo tem de ir para Palcamayo e para Tarma.

– E existe algum benefício para os mais velhos, uma aposentadoria?

– Infelizmente não. No campo não há aposentadoria nem seguro. Vivemos por nossa própria conta. Agora, com as eleições municipais e regionais, aí sim vêm os candidatos nos chamar de irmão, mas só fazem promessas. E eleitos, se esquecem totalmente de nós.

– Os moradores participam das assembleias da comunidade?

– Sim, todos têm de participar.

– A municipalidade de Palcamayo atende aos pedidos de Calca, faz algumas melhorias aqui?

– Sim. De toda maneira nos apóiam.

– Sr. Fausto, sobre a comunicação em Calca, todos possuem televisão em casa?

– Acredito que uns 80, 90% das famílias têm. Alguns são mais pobres, com vários filhos e não têm condições.

– E rádio?

– Ah, rádio todos têm, rádio à pilha, e levam para a chácara para saber das notícias. Às vezes, familiares que vivem em outros locais nos mandam notícias pelo rádio. Ouvimos o tempo todo. As rádios mais ouvidas são Sudamericana, Tarma, Luz, Rádio Programa de Lima.

- Há jornais?
  - Não, aqui não temos jornal. Usamos muito o celular. Para os mais próximos, é a comunicação boca a boca, e para os mais distantes, o rádio.
  - O senhor percebe uma mudança grande nos costumes?
  - Acredito que agora tem havido uma mudança mais regular. Antes já havia estrada, mas para ir a outro lugar tinha de ser a pé, e agora há carro e mais facilidade. Me lembro que quando ia para a escola caminhava muitos quilômetros e a escola era o dia todo. Agora, há carros para ir a todo lado.
  - Aqui são mais os homens que estudam ou as mulheres também?
  - Antes sim, só os homens. Os pais queriam que os filhos estudassem e as mulheres não precisavam. Agora, todos estudam. Queremos que os filhos tenham uma vida melhor, que nos superem.
  - E a comida também mudou ou é a mesma?
  - Na verdade, houve mudança. O café da manhã era com batatas, canja, e agora os filhos querem algo mais leve, pão, biscoitos. Quando levam a produção para Lima, trazem pães de diferentes tipos e frutas.
  - O senhor disse que todos trabalham na agricultura. Como é a produção agrícola?
  - É preciso melhorar. Outras regiões, como a costa, produzem de outras maneiras, têm bastante água, têm tecnologia. Isso também nós queremos, mas não podemos produzir mais sem um mercado bom.
- (Nesse momento, Jairo, outro líder local, que acompanhava a entrevista, também quis comentar sobre essa questão)
- Nossa maior dificuldade aqui é a pouca tecnologia. Por isso não podemos plantar e colher em altas quantidades. Necessitamos também de capacitação para saber usar as tecnologias, precisamos de toda ajuda do governo.

####

Ernesto Girbau Florez, comunicador, fundador e presidente da ONG Centro de Comunicação Audiovisual para o Desenvolvimento Nexo, foi quem possibilitou a realização desta pesquisa em Calca. Como já explicamos na Introdução desta dissertação, a ONG Nexo produz programas de TV sobre e para as comunidades dessa região peruana, dentre as quais Calca.

Ernesto mora em Lima e viaja semanalmente para Tarma, capital da Província de mesmo nome, no Departamento de Junin, onde está instalado o estúdio da ONG e são produzidos os programas de TV. Viajamos com ele de Lima a Tarma, e, durante o período em que permanecemos nessa cidade, nos hospedamos na sede da ONG Nexo.

Foi a argumentação de Ernesto que convenceu as autoridades de Calca a permitir esta pesquisa na comunidade, na reunião realizada no armazém do Sr. Amâncio. Como já era conhecido no local, Ernesto conseguiu derrubar os temores e a desconfiança das autoridades.

Além disso, Ernesto nos acompanhou em algumas das viagens de Tarma a Calca, colaborou na formulação das perguntas em linguagem mais adequada àquela população e forneceu uma série de informações sobre o modo de vida daquele povo. Extraímos uma parte da entrevista que nos concedeu, mais especificamente sobre Calca, que apresentamos a seguir.

– Ernesto, como é o povo de Calca?

– Há um pouco de receio quando alguém de fora chega a Calca. Querem saber quem é e o que quer, para depois abrir as portas, como aconteceu para esta pesquisa e sempre é assim. Atribuo essa atitude à história desse povo desde a invasão espanhola, passando pela República, pois sempre foram discriminados. Vieram engenheiros, pesquisadores que prometiam coisas e não cumpriam. Por isso, inicialmente agem assim, com desconfiança. Por outro lado, é um povo muito trabalhador. Todos trabalham bastante no campo e fazem de tudo para que os filhos sejam melhores que eles, querem que todos estudem. Os pais têm muita influência sobre a escolha da carreira do filho.

– Você acredita que os habitantes de Calca mantêm os costumes, as tradições, sua cultura?

– Sim, eles mantêm vários costumes. Por exemplo, o trabalho comunal que vem da época dos incas, que é uma espécie de mutirão dos moradores para resolver algum problema ou uma necessidade da comunidade. Também quando alguém vai construir sua casa, os parentes, todos os familiares, ajudam e a obra termina com uma grande festa. Sempre a força produtiva é a família. Cada família é uma unidade produtiva na comunidade. Muitas vezes, rejeitam ofertas economicamente mais rentáveis em dinheiro e tempo porque vão contra

sua cultura. Eles mantêm os costumes de produção, as festas, que são muitas ao longo do ano, entre outras tradições que remontam à civilização inca.

– Entre os habitantes, muitos são parentes um do outro?

– Em Calca, como em todas as comunidades pequenas, quase todos são parentes, sempre são umas duas, três ou quatro famílias que povoam o lugar.

– O que você pode apontar como as maiores dificuldades desse povo?

– Por ser um Anexo que vive da agricultura, uma dificuldade é que não há uma política agrária definida pelo Estado. Sempre há uma discriminação da zona urbana em relação à zona rural. Vejo também que a falta de capacitação, de conhecimento, de informação é forte. A autoestima é muito baixa, em geral, em todo o Peru e mais na Serra e mais entre os pobres. Na minha opinião, o problema do nosso País e do peruano e de todos nós não é falta de dinheiro, de recursos, e sim o problema da falta de atitude, da baixa autoestima. Outra dificuldade que vejo é que os governos locais estão fraudando a maioria da população.

– E como é a presença dos meios de comunicação na comunidade?

– O rádio é escutado por 100%, todos escutam, principalmente as rádios Sudamericana e Tarma, que têm noticiários locais, e a rádio Lima. TV era só o canal do Estado, TV Peru, e está entrando agora a TV por satélite, DIRECTV e Telmex, que têm uma oferta muito grande de canais com a desvantagem de que não tratam de conteúdos para o desenvolvimento do povo e sim para distração e notícias de outros países.

– Você acha que os meios de comunicação influenciam na cultura, nos costumes locais?

– Sim, acho que influenciam. Os jovens gostam agora da música mais moderna e não querem mais as músicas típicas. Também incentivam a migração para as cidades, e as comunidades vão perdendo sua população.

####

4.2 – As conversas em Bocaina

Vânia é uma moça simpática, de fala firme e que demonstra ser o tipo de quem sabe o que quer. Aos 24 anos, sempre viveu em Bocaina, onde estudou até a 8ª série do Ensino Fundamental. Casou-se bem jovem, aos 16 anos, e tem um filho de quatro anos. Trabalha fora, cuida da casa e, como católica praticante, gosta de cantar na igreja, aos domingos. Mensalmente vai a Cunha e prefere fazer as compras de supermercado no Distrito de Campos de Cunha.

– Vânia, como é viver aqui em Bocaina?

– Olha, eu gosto, acho melhor que na cidade, pelo menos para criar filho. Aqui todo mundo é amigo, se precisar de alguma coisa o outro vai e socorre, todo mundo conhece todo mundo, sendo que na cidade é mais difícil, não pode nem deixar o filho sair pra fora, tem de viver preso. Aqui na roça não, tem liberdade, tem o ar mais puro. Eu acho excelente viver aqui. Estou satisfeítíssima.

– Apesar de gostar, você já teve vontade de se mudar daqui?

– Ah, já tive sim, achando que na cidade é diferente, mas acho que isso não vai acontecer porque meu marido nem quer, ele também vive aqui desde que nasceu.

– Você se casou bem jovem, com 16 anos, por quê?

– Porque conheci meu marido, gostei dele... Acho que se eu estivesse morando com meus pais, não que eles sejam ruins, mas é diferente a vida com os pais, eu já teria ido embora. Mas, eu gosto do meu marido, amo ele e estou com ele. Namoramos durante três anos e ele foi meu primeiro namorado.

– Quer dizer que se você não tivesse se casado, teria saído daqui?

– Com certeza, porque viver com o pai e a mãe sempre, ficar vivendo, a gente não muda de vida, e aí teria que sair. E o pai tem um sistema de gente mais dos antepassados e não gostava que a gente saísse, e casada eu saio bastante, vou para onde quero junto com meu marido.

– Como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Acho que foi rígida. Meu pai não gostava que a gente saísse. Comigo ainda foi menos, né? Porque eu comecei a namorar mais nova que as minhas irmãs, mas pelo o que vi com elas, ele não gostava que a gente saísse, roupa curta nem pensar, por isso é que eu não aprendi também a usar roupa

decotada. Sempre ensinou a seguir a igreja,... cortar cabelo então, nossa, não podia, era a pontinha do cabelo e olha lá. E sempre ensinou a falar senhor, senhora com os mais velhos, pedir bênção, e é assim que eu estou passando para o meu filho também.

– E você nunca respondia nem desobedecia a seu pai?

– De jeito nenhum, senão ele batia.

– Então vocês apanhavam?

– Ah, ele era bem bravo, e se fizesse errado ele batia sim.

– Essa educação que você recebeu é a mesma que você dá para o seu filho?

– Olha, tão rígida não, mas ele é bem educado, fala senhor, senhora, aprende a respeitar os mais velhos, a pedir a bênção, a obedecer... Mas vamos ver com o tempo para ver se ele vai pegar o que eu peguei, né? (risos)

– Seu marido também é assim com o menino?

– Rígido, rígido não. A gente ensina o que é preciso, né? Ensina a ser obediente, a fazer o que é certo.

– Então vocês não fazem as vontades dele?

– Vontade toda nem pensar, porque a gente não era assim, comigo não foi assim nem com meu marido. Então, é para ter um limite, saber o que pode e o que não pode.

– Há muita coisa que está na sua educação que é importante você manter na educação do seu filho?

– Eu acho que sim. Principalmente se ele fosse menina.

– Daí como seria?

– Ah, o mesmo ensinamento que eu tive. De não ficar saindo, não ficar preso também, mas saber onde vai, com quem anda, o que vai fazer.

– E com menino você se sente mais tranquila?

– Fico mais tranquila até um ponto, porque no mundo, hoje, menino e menina tá tudo igual. Está difícil para qualquer um. Então, ele está crescendo agora e o que eu ensino é ter respeito, ver bem o lugar que vai, se pode ir, se não pode.

– Vânia, você pretende ter mais filhos?

– Sim, pretendo sim.

– Quando você vê as outras crianças, você acha que a educação está muito diferente do que era antes?

– Do que era antes como meu pai foi com a gente? Tá diferente sim. Para falar a verdade, acho que piorou.

– Você tem TV e rádio em casa?

– Tenho e gosto mais de TV, quase não escuto rádio. Gosto de assistir um pouco de tudo, principalmente o jornal. Quando eu não trabalhava, gostava muito de ver o jornal, eu ficava informada de tudo. Agora, quando posso, assisto a alguns programas, alguma novelinha, quando dá a das 6 horas. No fim de semana, se ficar em casa, assisto mais.

– E de ler, você gosta?

– Muito pouco.

– Não vê alguma revista...?

– Ah, só quando vejo alguma coisa que eu fico curiosa, daí eu leio, mas é muito difícil.

– E livro?

– Só lia quando eu estudava.

– Vocês dormem cedo em sua casa?

– Ôh, bem cedo. Ontem nós deitamos às 7 e meia (risos), e o mais tarde é dormir às 9 horas. Mas também acordamos muito cedo, às 5 horas.

– O que você gosta mais de fazer para passar o tempo?

– Eu gosto mesmo é de passear. Ir para a casa da minha família, ir às festas... é isso que eu gosto.

– E por aqui sempre há festa?

– Sempre tem por aqui e nos bairros afastados, e nós vamos.

– Vânia, me conte uma coisa, você tem amigas?

– Olha, para dizer a verdade, minhas amigas da minha idade foram embora, só ficou eu. Mas amigas mesmo são só minhas irmãs. As outras não considero amigas, são colegas.

– E essas amigas que foram embora não voltaram mais?

– Bem, uma se casou e foi de mudança, só vem a passeio. Outra se mudou para estudar e ficou na cidade, e tem mais uma que se casou também e não voltou e é até muito difícil ela vir para passear.

– Você vai à casa das suas irmãs?

– Nossa, vou direto e reto (risos).

– Você pode me contar qual é o seu sonho?

– Para falar a verdade para você, parece que não tenho um sonho assim, nossa que vontade de fazer isso, acho que não tenho nenhum não. Acho que só de ver meu filho crescendo na educação, ter um bom futuro, se for para estudar, estudar, porque é Deus que sabe também, né? Pois a gente não pode falar você vai estudar, às vezes Deus não quer esse caminho. Mas é o meu sonho ver ele feliz e realizado.

– E você, está feliz com sua vida?

– Graças a Deus. Felicíssima.

– Vânia, voltando aos meios de comunicação, você acha que a TV, com as novelas ou outros programas, influencia você de alguma forma?

– De jeito nenhum, de jeito nenhum, não sou disso. Se eu assisto novela é por assistir, não tem aquela influência, sei que é mentira, passo para o meu filho também que é mentira, não é realidade. Não influencia nada de mal em mim, não.

– E nas roupas que aparecem, na moda que cria ..., você não pensa em comprar igual?

– De jeito nenhum. Porque o ensinamento, a educação que eu tive não foi esse.

####

Marta, de 42 anos, é a mais velha de 10 irmãos e foi criada em um lar evangélico por imposição da mãe. Já viveu fora de Bocaina, quando estudou até o curso técnico e se casou. Depois, voltou para essa comunidade. Tem 3 filhas, uma de 18 anos, outra de 16 e a menor de 9 anos, e trabalha fora. Durante a entrevista, deixou transparecer estar vivendo um momento difícil por causa da separação do marido. Uma das filhas permaneceu morando com o pai e as duas mais novas estão com ela.

– Como é viver em Bocaina?

– Bom, eu sou suspeita para falar, porque vivo aqui praticamente a vida inteira. Eu gosto. Tem gente que acha difícil, eu não acho. Aqui é mais

sossegado, hoje já não tanto, mas é melhor que na cidade. Para criar os filhos é bem melhor, né?

– Você não tem vontade de sair daqui?

– Ah, não. Agora mesmo minha filha foi embora para estudar, e me chama “mãe, vem embora, larga mão daí”, mas não vou não, estou bem aqui. Enquanto estiver aqui trabalhando, não pretendo sair. A família é daqui. Tenho irmãos que moram em outras cidades, mas a maioria está aqui.

– Mesmo já tendo morado fora, você acha que vale a pena viver em Bocaina?

– Eu acho, sim. Eu sou mais sossegada, gosto de ficar quieta num lugar, não gosto da agitação da cidade. Cidade pra mim só para passear. E saio pouco. Mais é para Cunha para alguma coisa de serviço, pagamento, essas coisas assim.

– Me conte um pouco como era sua vida antes. Você teve outros namorados antes de se casar?

– Tive, vários até. (risos)

– E como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Olha, na minha época foi um pouquinho rígida. Não sei se por eu ser a mais velha, eu sempre achei que comigo foi um pouco mais, vamos dizer, exigiam mais de mim do que dos meus irmãos depois. E eu gostava muito de namorar, então cheguei até a apanhar por isso. Acho que no meu tempo a educação foi bem rígida. Minha mãe sempre foi evangélica, criou a gente no lar evangélico. Meu pai nunca foi. A gente não vinha pra rua, a gente não saía, não ia a festas. Depois que a gente cresceu é que a gente se rebelou, ficou um tempo fora da igreja, e depois de muito tempo voltamos.

– Sua mãe é que era brava?

– Era sim, e o pai também era bastante bravo, mas em questão de sair era ela que não deixava.

– E como você educou e educa suas filhas? É da mesma maneira como foi educada?

– Ah, não. Dentro do que eu posso e acho que está certo, eu faço, mas igual eles educaram, não. A cabeça da gente é diferente da época que eles educaram a gente.

– O que você considera que é diferente?

– Eu acho que a mãe era uma pessoa muito quieta, não dialogava com a gente. Acho que a gente tem mais diálogo agora, tem mais como conversar. Porque no meu tempo não era assim. A mãe era rígida, mas não chegava na gente para falar “ih, minha filha, aquele rapaz que você gosta... não tá certo...”, ela não falava essas coisas.

– E os valores que você aprendeu também transmite para as meninas?

– Ah, isso sim. Os valores que eu recebi dos meus pais eu passo para as minhas filhas, o que é certo e o que é errado. Por causa da igreja também, o que a gente aprendeu eu acho que está certo. Hoje está completamente diferente, mas a nossa cabeça continua sendo aquilo que a mãe ensinou pra nós, e eu tento passar pra elas aquilo que eu aprendi nessa parte dos valores.

– Marta, quando você diz que hoje está diferente na educação, você acha que está pior ou está melhor?

– Está pior, na minha opinião. Acho que essa história de modernidade, as coisas estão muito avançadas, sabe? Um sobrinho do meu marido me disse que eu estou parada no tempo ainda, “a senhora trabalha, a cabeça da senhora não podia estar assim sobre preservativos, anticoncepcionais, essas coisas, a senhora está parada no tempo”. Eu respondi que não concordo com nada disso. Minha cunhada diz que eu tenho de educar minhas filhas para o mundo, mas eu não concordo, oferecer anticoncepcionais? Não concordo mesmo. Embora eu tenha me casado grávida, com 24 anos, e não era uma criança, hoje eu falo para as minhas filhas que me arrependo muito, porque eu sei que é uma coisa errada. No ponto de vista da moral e dos bons costumes, é errado. Eu não gostaria que acontecesse com elas. Não quero que repitam meu erro. Pra muita gente isso é normal, mas não é.

– Você acha que os meios de comunicação influenciam de alguma forma nessas mudanças?

– Eu acho que sim, a televisão. Eu quero que minha filha assista aquilo que eu acho que está certo, mas infelizmente foge do controle. Tem muito incentivo sim. Tem muito comercial, muita coisa que influencia nos costumes, no namoro. Já tá tirando aquilo que a gente achava que tava certo e tá mostrando totalmente o contrário. Tanto é que na nossa religião é proibido ter televisão. As minhas filhas não seguem minha religião, e assistem. Eu quase

não assisto, nem dá tempo. Quando dá gosto de ver jornal, às vezes dou uma olhadinha na novela.

– E rádio, você ouve?

– Na verdade não, não escuto rádio.

– E você gosta de ler, Marta?

– Mais ou menos. Quando pego pra ler é a Bíblia. Agora que estou com um livrinho lá de estorinha pra menina. Quando era solteira, lia muito romance. Depois foi passando essa fase de romantismo e parei de ler.

– Você tem algum sonho?

– Meus sonhos foram destruídos. A única coisa que sonho é ver minhas filhas bem, estudando, é isso. Não penso mais em estudar, não tenho um sonho pra mim.

– Você tem amigas?

– Não tenho, a não ser minhas irmãs, que converso mais.

– E você gosta de sair, visitar as pessoas?

– Ah, não gosto. Só vou à casa de outra pessoa se tiver algum motivo.

Não sou de sair. Festa só da igreja, as festas do bairro como junina e outras, não participo.

– Na sua opinião, como é o povo de Bocaina?

– Pra mim é um povo bom. É um bom lugar.

– Você acha que aqui há fofoca?

– Ih, é o que mais tem.

– Por quê?

– Primeiramente é por falta de Deus. Quem tem Deus no coração não fica se preocupando com a vida dos outros. O que mais tem na Bocaina é fofoca. Esse momento que estou vivendo na minha vida, estou aqui por misericórdia de Deus, porque se fosse por conversa e fofoca já não estava aqui mais. Acho que é por falta de Deus, perturbação do “inimigo”.

####

Dona Lourdes é uma senhora miúda e cheia de vida. Já comemorou os 83 anos e há 70 anos vive em Bocaina. Casou-se aos 15 anos com um

desconhecido por ordem do pai, e teve 19 filhos. Viúva há seis anos, hoje mora sozinha, mas os filhos sempre estão por ali para ver se está tudo bem.

Vê TV. Gosta de novela e missa. Não liga para rádio

– Dona Lourdes, na opinião da senhora, como é viver em Bocaina?

– Eu acho muito bom. Graças a Deus me dou com todo mundo, tenho amizade com todo mundo. É um lugar tranquilo, já foi mais tranquilo (lembrando a violenta tentativa de assalto ao armazém, ocorrida em 2009), mas mesmo assim ainda é um lugar muito bom. Já fui para São José dos Campos, Cachoeira Paulista, mas não me acostumei.

– E por que a senhora foi para essas cidades? A senhora queria morar por lá?

– Não, é que meu filho era muito doente. Daí fui pra tratar dele. Fui para Cachoeira, operou a cabeça, melhorou bem e viemos embora. Depois, teve outra crise e fomos pra São José. Ele melhorou e voltamos. Não saí para morar, mas para cuidar da saúde dele, e ia pensando em voltar.

– Como é o povo daqui?

– Pra mim são tudo bom, acolhedor, mas um povo desligado, não é unido como precisava ser num lugar pequeno.

– Dona Lourdes, conte um pouco sobre como foi a educação que a senhora recebeu dos seus pais. Era muito rigorosa?

– Do meu pai era, mas minha mãe era uma santa. A minha mãe criou a gente na base do conselho, porque naquele tempo era mais fácil de criar filho. Já o meu pai criou a gente na base da pancada. Mas era um pai muito bom. Eram dez mulheres em casa, e se ele não fosse bravo, se a gente não tivesse o respeito que tinha por ele, olha ... alguma talvez tivesse pintado, tanto que todas casaram certinha, não deu dor de cabeça. Mas ele era rigoroso! Papai era muito bravo. Fez eu casar na marra, eu não queria casar, casei sem gostar, porque ele é que escolhia os noivos pra gente. Era assim naquele tempo. Ele escolhia e tinha que casar, se não casa, morre, pronto. Tinha de casar com medo de morrer (risos). Vê que coisa mais triste da vida é casar com alguém que a gente não gosta. Eu gostava do meu marido assim como um amigo, como um parente, mas não como um esposo. Se eu for contar pra senhora tudo o que passei na minha vida, quatro dias não ia dar para contar tudo. Mas

não me arrependi não, sabe? Eu fiz o gosto dos meus pais..., não arrependi nada, nada.

– A senhora chegou a pensar em não obedecer a seu pai ou não?

– Ah, isso não passou na minha cabeça, de medo dele, pois ele sempre falava “ou casa com ele ou morre”. Ele escolhia o noivo e falava: “casa com ele ou morre”.

– E a mãe da senhora, era diferente dele?

– A mamãe era muito diferente. Criou a gente na base do conselho, na base da calma, esse negócio do papai escolher casamento pra nós ela ajudava falando “casa, porque senão você viu seu pai como é”. Se a gente não aceitasse, aí ela também apanhava, né? Ela ia sofrer também, então a gente casava mais de dó dela.

– Então o pai da senhora era muito autoritário?

– Era sim, era o rei.

– E o marido da senhora era assim também?

– Não, ele era meio revoltado, porque bebia, mas até que dava pra viver.

– A educação que recebeu dos pais a senhora procurou passar para os filhos?

– Eu era brava. Minhas filhas casaram com quem quis, eu nunca me envolvi. Por meu gosto tava tudo coroa aqui dentro de casa, não deixava casar nenhuma, porque eu sofri muito e não queria que elas sofressem. Mas eu não judiava de ninguém. Eles falavam que iam numa festa, não perdiam uma festa, eu falava pode ir, mas saiba namorar, se eu souber de um casinho de vocês nunca mais vocês olham quem que era. Eu orientava.

– E os valores que a senhora aprendeu, procurou passar para os filhos?

– Sim, passei tudo. E eu quase não batia nos filhos, eu era que nem a mamãe, dava conselho, explicava, e nunca tive problemas com eles.

– A senhora acha que a educação está muito diferente hoje?

– Ah, está muito diferente. Os filhos estão muito desobedientes. Antigamente a gente entendia os pais pelo olhar. Eles só olhavam e a gente já tremia de medo, já compreendia que tava errado, né? Hoje em dia, não. Há mãe que briga com o filho o dia inteiro e o filho não obedece. Antigamente não era assim.

– Porque será que mudou tanto, Dona Lourdes?

– Ah, não sei. Porque mudou em tudo, no jeito de criar..., não é bater que resolve.

– A senhora estudou?

– Nunca entrei numa escola. Papai não deixava pra gente não escrever bilhete para namorado, mas não adiantava, porque tinha nossas amigas que escreviam para nós (risos). Com isso, não sei ler nem escrever.

– E a senhora gosta de ver televisão?

– Ih, gosto muito de ver missa, a novela das 6, e depois dela já vou deitar. No domingo nem ligo a televisão, só cedo para assistir à missa de Aparecida.

– E rádio, a senhora escuta?

– Rádio não escuto não.

– A senhora sai sempre de Bocaina para passear em outro lugar?

– Eu vou porque tenho quatro filhos que moram em outras cidades.

– E, aqui, tem o costume de visitar algumas pessoas?

– Aqui faço visitas quando tem alguma doença e gosto de ir à igreja toda terça.

– Dona Lourdes, a senhora acha que há muita fofoca aqui em Bocaina?

– Olha, contar pra senhora, não sei. Mas às vezes há alguma fofuquinha sim, mas não comigo.

– A senhora acha que a TV tem alguma influência sobre as pessoas, nos costumes, na educação?

– Hum, tem sim. Essas mudanças todas tudo foi a televisão. Esses namoros meio errados, tudo foi a televisão, filhos desobedientes..., a TV acabou com a mocidade.

####

Kátia é uma jovem de 15 anos muito amável. Estuda o primeiro ano do Ensino Médio em Campos de Cunha e, para isso, sai de casa às 6 da manhã e volta às 13h, de segunda a sexta-feira. Como a mãe trabalha fora, ela faz todo o serviço de casa, cozinha, lava, limpa e ainda olha o irmão pequeno. Nos fins de semana, gosta de conversar com as amigas e ir às festas nos bairros próximos. A irmã mais velha de Kátia trabalhava na roça, no serviço pesado, e

mudou-se recentemente para uma cidade da região com o objetivo de trabalhar e estudar. Como vários membros da família comentaram em nossas conversas, ela está sofrendo para se adaptar à nova vida e telefona quase todos os dias para os pais.

– Kátia, como é morar aqui em Bocaina?

– Olha, eu gosto. É um lugar sossegado, sem muita bagunça, barulho. Eu sempre gostei de morar aqui. Eu tenho vontade de ir pra cidade para ter um trabalho, mas gosto de morar aqui.

– Você tem várias amigas?

– Tenho sim, e conversamos bastante, mais no fim de semana, quando temos mais tempo.

– Sobre o que vocês conversam?

– Sobre festas, coisas que aconteceram, algumas paqueras.

– Soube que sua irmã foi embora daqui para trabalhar e estudar. Você quer fazer a mesma coisa?

– Eu quero. Também vou pra cidade igual minha irmã.

– Mesmo sabendo que ela está sofrendo e telefona chorando? Será que você vai sentir o mesmo?

– Eu acho que sim. Mas acho que sempre no começo a pessoa sofre um pouquinho até se acostumar depois.

– Então, mesmo gostando daqui você pensa em sair?

– É, pois aqui não tem futuro.

– Kátia, me conte como é a educação que você recebe dos seus pais.

– Eu acho que é boa, embora a gente acha que eles são um pouco exagerado, mas eu acho que eles estão certos, estão pensando no futuro. Porque, se for uma educação assim que a pessoa faz o que quer, daí depois chega no futuro pode sofrer as consequências do passado. Acho que eles estão certos. Eles são rigorosos. Dizem que eu tenho que ter juízo. Por exemplo, se vou a uma festa tenho de saber o que fazer na festa, e nada de fazer coisa errada.

– E você vai sempre às festas?

– Vou sim. Sempre vou com minha tia. Nem sempre meu pai deixa eu ir com minhas amigas, só se alguém levar de carro.

– Aqui em Bocaina há festas?

– É difícil, mas tem, festa da igreja e festa junina. As festas de aniversário são mais para a família, não costuma convidar outras pessoas.

– O que você e suas amigas fazem para se distrair aqui?

– Nós ficamos conversando perto da escola, jogando bola, andando de moto, a diversão é essa.

– Você gosta de ler?

– Ah, muito difícil. Quando leio, gosto de livros de poesia e crônica. Na escola vejo alguma revista na biblioteca.

– Os professores mandam ler livros?

– Mandam ler e fazer trabalho, escrever as ideias daquele livro, fazer pesquisa.

– E de escrever, você gosta?

– Gosto. Às vezes escrevo carta para a minha irmã.

– E televisão, você assiste?

– Sim, e gosto bastante de ver novela e alguns programas. Jornal não gosto.

– Qual novela você acompanha?

– “Malhação” e “Escrito nas Estrelas”, mas agora estamos sem TV em casa.

– Você assiste só a TV Globo?

– Vejo a Record também, alguns programas.

– Por que você gosta de ver as novelas?

– Ah, eu acho interessante o que acontece.

– Você já teve vontade de viver aquelas histórias, aquelas cenas que aparecem?

– As boas sim, mas muita coisa não. Eu fico pensando se aquilo é mesmo o que acontece ou não, se é realidade ou é da cabeça de alguém.

– Você já quis fazer ou ter alguma coisa que viu na novela?

– Ah, a vontade que eu tive sempre que olho nas novelas é de ir embora, arranjar um serviço. As roupas são bonitas e dá vontade de comprar igual, mas são muito caras e a gente não pode, mas não sofro por causa disso.

– E rádio, você gosta de ouvir, Kátia?

– Ouço pouco, porque aqui em casa não tem um aparelho.

– E filmes, você assiste?

– Muito pouco, não temos aparelho de DVD.

– E você já foi ao cinema alguma vez?

– Não, nunca fui.

– Kátia, você acha que os meios de comunicação, a televisão, com suas mensagens, seus programas, levam as pessoas a mudar alguns costumes, a pensar diferente?

– Eu acho que sim. Muitas coisas vêm da televisão, coisas boas e ruins. As más seriam aqueles programas tarde da noite, alguns filmes, algumas novelas que passam mais tarde. Acho que influencia no comportamento, no namoro.

– Hoje, os jovens preferem ficar do que namorar. O que você acha?

– Ah, eu acho bom (risos), mas tem de saber com quem que fica, não é qualquer um, tem de saber quem é, de onde é, o que ele faz, como é a vida dele.

– E qual é a diferença entre ficar e namorar?

– Acho que namorar é depois que o pai aceita, namorando em casa, tudo certinho. Ficar é mais escondido.

– Alguma amiga sua já ficou grávida solteira?

– Uma menina daqui ficou grávida. Ela não era amiga, amiga minha, mas morava aqui. Todo mundo achou muito exagerado. Tem 16 anos e já tem uma criança de quase um ano. Ela não mora mais aqui e vive com o namorado.

– Você acha que não foi uma coisa boa para a vida dela?

– Eu acho que não, porque quando ela tiver idade para andar de moto, tirar carta, ela já vai ter um compromisso, porque teve um filho e tem de cuidar dele. Parou com os estudos, sendo que se ela não tivesse filho poderia continuar com os estudos. Muita gente pensa que arrumar barriga vai segurar o marido, mas nem sempre acontece isso.

– Você acha que sexo é só para depois do casamento?

– Eu acho que sim.

– Kátia, qual é o seu sonho?

– Ah, queria ir embora, arrumar um serviço e estudar.

– Se for embora estudar, você acha que poderia voltar a morar aqui, um dia?

– Ah, não dá. Eu gosto daqui, mas se eu for para estudar e voltar, vou ficar na mesma coisa que estou agora, não vai ter serviço pra mim. Então tenho de ficar na cidade.

– Você acha que daria para mudar esse lugar, trazer emprego para cá?

– Às vezes penso que sim, outras que não. Aqui é um lugar pequeno e muita gente não tem serviço. Se chegar alguma coisa diferente, não vai arrumar muito serviço para aquelas pessoas, não é um lugar com recursos. Nem o Distrito de Campos de Cunha tem serviço, que dirá aqui em Bocaina. Aqui só tem serviço na roça, e isso eu não quero.

– Você acha que há fofoca aqui?

– Tem muita fofoca, vários grupos, começa num grupo e quando chega no outro já está maior. Comentam, falam mal do outro.

– Por que será que há fofoca?

– É que muita gente tem inveja. Acho que cada um tem de cuidar da sua vida.

####

Dona Geralda viveu e trabalhou a vida toda na roça. Há alguns anos, com o falecimento do esposo, veio morar no Bairro da Bocaina com os filhos. No total, tem oito filhos e cinco vivem com ela. Os outros já se casaram e têm a sua casa. A família de Dona Geralda vive com o auxílio do Programa Bolsa Família¹⁵, recebe mensalmente R\$ 132,00, e da comunidade, pois ela tem problemas de saúde e não pode trabalhar, como nos contou. Essa senhora católica, de 50 anos, nos recebeu para a entrevista, enquanto cozinhava, no fogão à lenha, macarrão para o almoço da família,.

– Dona Geralda, o que a senhora acha de morar aqui em Bocaina?

– Eu gosto muito. As coisas são mais fáceis, temos vizinhos, tem a igreja, o médico vem toda semana e ganhamos remédios também. Na roça era difícil para as crianças estudar. Agora, todas estão na escola.

---

¹⁵ O Programa Bolsa Família, do Governo Federal, beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, com a transferência direta de renda. Dependendo da renda familiar por pessoa, limitada a R\$ 140,00, o número e a idade dos filhos, o valor do benefício recebido pela família pode variar entre R\$ 22 a R\$ 200. Informações obtidas no site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>.

- E o povo daqui, como é?
- É um povo muito bom, me dou com todo mundo. Os vizinhos ajudam bastante a gente e dão comida, roupa e sapato e sandália, alguns quase novo que dá até para ir numa festa.
- A senhora sai às vezes para visitar alguém, dar um passeio?
- Na verdade, só saio mesmo quando preciso, pra ir à igreja ou pra comprar alguma coisa na venda.
- Como foi a educação que a senhora recebeu dos seus pais? Conte um pouco como era lá na roça.
- O pai trabalhava na roça e a gente ajudava. Tive oito irmãos. O pai e a mãe não era bravo, corrigia o que estava errado, mas não lembro se apanhei deles quando era criança.
- A senhora ia à escola?
- Ia nada, nunca estudei, não sei ler nem escrever.
- E como a senhora educa os filhos?
- Olha, eu não sou boazinha com eles não, e corrijo o que não está certo. Acho que sou mais brava que meus pais.
- Hoje a senhora tem um sonho, alguma coisa que gostaria muito?
- Eu até tenho vontade de fazer muita coisa, mas não dá, não tenho condições. É tanta coisa que gostaria que nem lembro. Queria aumentar a casa, dar mais conforto para as crianças, mas não tem como.
- Há televisão aqui na casa da senhora?
- Não, a gente não tem. Eu vou, às vezes, na casa da vizinha assistir alguma coisa, mas é pouco.
- E rádio?
- Rádio tem, mas quase não escuto, as crianças é que gosta.
- A senhora acha que hoje a vida está muito diferente de antes, de quando a senhora era criança, por exemplo?
- Eu acho que tá muito diferente. Hoje as coisas estão *desmudadas*. É mais fácil que antes. De primeiro não tinha roupa direito e hoje as crianças ganham muitas roupas e sapato. As crianças estão mais enjoadas, querem mais.

#####

Rosângela é uma adolescente de 15 anos delicada e tímida. É católica praticante, vive com a mãe e os irmãos, o pai já faleceu, e estuda a oitava série do Ensino Fundamental. Sua família vive com certa dificuldade e, como toda jovem de sua idade, tem muitos sonhos e terá de deixar Bocaina para poder realizar alguns deles.

– Rosângela, o que você acha de viver aqui em Bocaina?

– Eu gosto. É tranquilo. Estou contente aqui.

– Apesar disso, você tem vontade de sair, de morar em outro lugar?

– Eu tenho. Tenho vontade de conhecer outros lugares. Tenho vontade de morar em outro lugar, como Lorena, onde mora bastante parentes meus, minha avó, meus tios, meus primos. Talvez no ano que vem eu vá estudar pra lá, se minha mãe deixar.

– Será que ela deixa?

– Ah, ela diz que sim, mas na hora acho que ela não deixa. Ela não gosta de ficar longe dos filhos.

– Mas você gostaria de ir?

– Acho que pra mim seria uma coisa boa, estudar e arrumar um emprego, fazer uma faculdade.

– Qual faculdade você pensa em fazer?

– Eu queria ser professora de criança.

– Se você estudar alguma coisa que dê para trabalhar aqui, como professora de criança, por exemplo, você voltaria para Bocaina?

– Acho que sim, se eu arrumar um emprego aqui, eu voltaria.

– Como sua mãe educa vocês? Ela é brava, exigente ou não?

– Eu acho a educação dela boa, certa. Ela não deixa a gente fazer nada de errado. Se a gente faz alguma coisa errada, ela já fala. E é brava quando precisa. Ela dá uns gritos, mas não bate na gente.

– E seu pai, como era?

– Ele também era muito sossegado.

– Você gosta de assistir à televisão?

– Gosto muito, mas a gente não tem e eu assisto na casa da vizinha. Nesses dias não estou indo por causa do frio, mas gosto de ver a novela das 6, Malhação.

– Por que você gosta dessa novela?

– Ah, é tudo jovem, divertido, faz a gente ri.

– Há alguma coisa que você vê na novela e que gostaria de ter, de fazer?

– Hum, eu acho que não. O que eu acho bonito são os cabelos. Eu tinha vontade de alisar o cabelo, pois o meu é enrolado.

– E de ler, você gosta?

– Sim, eu gosto de ler livro de poesia.

– Você tem o costume de ouvir rádio?

– Eu gosto muito, escuto o dia inteiro, mais a rádio Mix por causa das músicas.

– Você comentou que uma colega sua ficou grávida solteira. O que você e suas amigas acharam disso?

– Olha, nós achamos que ela foi irresponsável, engravidou muito nova, com 13 anos.

– Você acha que não foi bom pra ela?

– Acho que não, porque daí ela parou de estudar e agora fica em casa cuidando do filho dela. Antes a gente se encontrava direto, agora não, ela fica só em casa, e está morando com o namorado.

– Rosângela, quais são os seus sonhos?

– Ah, meu sonho é ter uma vida boa, e, se tiver filhos, dar conforto a eles.

– O que é conforto para você?

– É ter o que sempre quis e não tive. Queria ter uma boneca que chorava, mas não tive. Poder ter uma casa confortável, estudar, ter carro, casar.

– Você acessa a internet?

– Sim, na escola a gente usa. Durante a aula é só pra trabalhos, mas depois dá pra bater-papo. Tenho Orkut e converso com minhas amigas de Lorena, Campos de Cunha, Aparecida, Cunha.

– Como conheceu essas meninas e o que vocês conversam?

– Eu conheci elas em algumas festas que fui, e a gente conversa sobre tudo, sobre o que aconteceu, alguma novidade...

– Onde você vai aqui, quando sai de casa?

– Na casa da minha amiga Patrícia, e nos fins de semana fico na praça, às vezes. Também gosto de jogar futebol na praça.

– Rosângela, você acha que existe fofoca aqui no bairro?

– Existe sim, um pouco. Algumas pessoas gostam de falar dos outros. Às vezes, você tá conversando com um amigo e já falam que está namorando. Fiquei chateada com isso e até a mãe perguntou se era verdade.

– Você queria que sua vida fosse diferente do que é hoje?

– Ah, não. Estou contente assim.

#####

Luciana vive um pouco afastada do centro de Bocaina, no sítio, numa casa bonita rodeada por varandas. Hoje está com 31 anos. Casou-se aos 18 anos, tem um filho de 10 e estudou até a oitava série do Ensino Fundamental. Além do serviço de casa, ajuda o marido no mangueiro (curral), tirando o leite e dando trato para as vacas, e cuida da horta e das galinhas. Muito simpática e hospitaleira, preparou bolo e café para a nossa visita. Depois da entrevista, a conversa continuou por algumas horas o que permitiu conhecer um pouco mais o cotidiano daquela família.

– Luciana, como é morar aqui?

– É muito gostoso, é sossegado e não é um lugar difícil não, é fácil a gente sair, então eu gosto. Tudo o que preciso encontro aqui ou vou a alguma cidade perto. Vamos pra Aparecida, pra Cachoeira Paulista, Cunha, Silveiras e Guaratinguetá quando é preciso.

– Você já teve vontade de sair daqui, morar em outro lugar?

– Ah, não, porque fui nascida e criada aqui, né?

– E o povo daqui, como é?

– É um povo muito bom, muito legal. Aqui é uma comunidade pequena e a gente está unida.

– Como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Era muito rígida e fui bem educada, graças a Deus. De vez em quando apanhava. A mãe era brava e o pai também. A gente ia às festas e saía, dependendo da companhia.

– E como você educa seu filho?

– Olha, eu procuro fazer igual meus pais, porque se foi bom pra mim vai ser bom pra ele. Ele não é muito arteiro, mas é um pouco teimoso.

– Você acha que a educação hoje em dia está muito diferente?

– Está sim. A criançada faz mais o que quer e não o que os pais querem, tem de ser mais do jeito deles. Pelo menos na minha época, tinha de ser do jeito dos pais, a gente não podia fazer tudo o que pensava, tudo que achava que tava certo. Então é diferente.

– E por que você acha que a educação está diferente?

– Ah, é o computador. Acho que é muita coisa que eles acham que não dependem mais dos pais, acham que podem tudo, porque a tecnologia está muito avançada. De primeiro as coisas eram diferentes, nem televisão não tinha, e hoje eles vê muita coisa na TV e acham que podem fazer igual.

– E o seu menino, faz o que quer?

– Não faz não. Por enquanto ele faz o que a gente quer, é muito novo ainda.

– Luciana, você acredita que os meios de comunicação, a televisão, o rádio, influenciam nas pessoas?

– Eu acho que sim, tem coisa boa e coisa ruim. Nesse meio, a gente tem de ver o que o filho pode assistir e o que não pode, né? Porque assim como ensina coisa boa, a TV ensina coisa ruim também.

– E o que será que tem de ruim?

– É esse negócio de droga, fala muito disso, e fica na mente deles e vem a curiosidade de saber o que é isso.

– E o que tem de coisa boa?

– Ah, tem religião, a TV Canção Nova, a TV Aparecida... Meu filho gosta de ver pica-pau.

– O que você gosta de assistir na TV?

– Gosto de novela da Globo, de missa e de jornal. Todo dia que posso assisto as novelas das 6 e das 7, e domingo assisto mais.

- E rádio, você gosta de ouvir?
- Gosto, e escuto bastante. Gosto de ouvir a Rádio Aparecida, a Ótima FM, gosto de músicas, de programas, de jornal.
- Você tem o costume de ler?
- Eu gosto, e faço leitura na igreja, leio o folheto da missa, e algumas coisas que meu filho traz da escola.
- Você já acessou internet alguma vez?
- Não, nunca mexi com internet.
- Você gosta de sair, fazer visitas, passear?
- Sim, gosto muito. Vou ver minha mãe toda semana, vou na casa das irmãs. Já na casa dos irmãos é mais difícil, pois moram longe. Converso mais com minhas irmãs, que são minhas maiores amigas. Também vou às reuniões na escola. Durante a semana fico em casa e saio mais no fim de semana. Vou pra vila de carro, de moto, a cavalo ou a pé se for preciso.
- Você tem algum sonho?
- Meu sonho é que meu filho estudasse bastante, eu não tive oportunidade e meu sonho é que ele estude, mas ele não gosta muito não.
- E para você, há alguma coisa que você gostaria que acontecesse?
- Na verdade, estou feliz com minha vida do jeito que é.

#####

Bianca é uma jovem de 15 anos, meiga e tranquila. É filha única e vive com os pais. Os três são católicos praticantes e reúnem-se todos os dias para rezar. Dedicada aos estudos, Bianca quer entrar na faculdade, mas ainda não sabe que carreira seguir. Viaja todos os dias para Campos de Cunha, onde cursa o segundo ano do Ensino Médio, e, nos fins de semana, aproveita o Programa Escola da Família para navegar na internet da escola de Bocaina. Ainda não teve namorado, mas já “ficou”, e conta tudo o que faz para a mãe, que é também sua amiga.

- O que é viver em Bocaina para você?
- Eu acho bom, um lugar calmo, por enquanto não tem muita violência como na cidade. Eu gosto muito.
- Há coisas que queria fazer e que não tem aqui?

– Eu queira fazer curso, só que aqui não tem, isso é que é ruim. Também o acesso é difícil com essa estrada...

– Você pensa em sair daqui, morar em outro lugar?

– Eu penso, para estudar, trabalhar... Tenho vontade de fazer faculdade, mas ainda não sei o quê vou estudar. Primeiro pensei em Direito, mas ainda não sei.

– Será que se você sair para estudar daria para voltar a morar aqui, depois?

– Aí tem que ver. Dependendo da faculdade, se eu conseguir fazer alguma, dependendo da profissão, tem de ficar pra lá e não poderia morar aqui, infelizmente. Gostaria de continuar aqui, com minha família. Aqui é um lugar bom, mas só que não tem lugar de estudo, não tem muito futuro, isso é ruim.

– O que vocês fazem aqui no fim de semana para se distrair?

– Os moleques ficam na Escola da Família, jogam futebol, andam de moto, sentam na praça. Eu fico mais na praça ou assistindo televisão, falando com minhas amigas, fico em casa com meus pais. Vou à Escola da Família também. À noite, ficamos na praça, às vezes.

– Como é a educação que você recebe dos seus pais?

– Ah, eles ensinam conforme tem que ser. Eles falam como é o certo, como lidar com os problemas, só que eles não são tão bravos. Já apanhei muito quando era pequena e fazia muita arte. Hoje não apanho mais não.

– Seus pais deixam você sair, passear?

– Deixam, dependendo do lugar e da companhia.

– E quando você fala em estudar fora, eles apóiam?

– Minha mãe apóia, mas meu pai não tem muita vontade não, ele prefere que eu fique por aqui mesmo. Acho que é por ser filha única, não sei.

– Você gosta de assistir à televisão?

– Eu gosto. Vejo mais a Globo, a MTV, a Record, às vezes a TV Escola. Gosto de ver Malhação, Jornal Nacional, alguns shows. Não assisto TV todo dia, pois tenho de estudar e não dá tempo. Às vezes, assisto filmes em DVD. Eu compro os filmes, é difícil alugar.

– E rádio, você escuta?

– Escuto, o dia inteiro. Mais a Ótima FM e um pouco também a Rádio Mix.

- Você gosta de ler?
- Gosto sim. Leio literatura, história, história de vida. Sempre empresto livros na biblioteca da escola, e nesta semana li Dom Casmurro.
- E a internet, você acessa?
- Uso sempre na escola daqui, nos fins de semana, e em Campos de Cunha ou em Cunha.
- O que você gosta mais de acessar?
- Olha, eu acesso o Google, Orkut, converso com minhas amigas e parentes que moram longe. Todas as minhas amigas têm Orkut e nós conversamos mais nos domingos. Em casa tenho computador, mas só há internet na escola.
- E você sai bastante por aqui?
- Saio pra ir à escola, pra ir à igreja, à casa da minha tia, minha avó e das amigas.
- E, quando se encontra com as amigas, o que vocês conversam?
- A gente conversa sobre o namoradinho, a escola, de tudo um pouco (risos).
- Você já namorou, Bianca?
- Ainda não.
- E já ficou?
- Isso já. E minha mãe não gostou muito. Mas não vou fazer mais isso. Enquanto eu não tiver permissão dos meus pais, não vou mais fazer isso, porque... acho que não dá certo. Eles confiam na gente, né? Aí, depois acontece alguma coisa, principalmente minha mãe, não vai gostar.
- Alguma amiga sua ficou grávida solteira?
- Amiga não, mas conheço uma que ficou.
- O que você acha?
- Acho errado, principalmente na adolescência, que atrapalha. Não que a criança atrapalhe, mas nessa idade não dá muito certo.
- Você tem um sonho, Bianca? Qual é?
- Ah, eu sonho estudar, arrumar um bom emprego, comprar um carro, viajar, essas coisas.
- Você acha que os meios de comunicação, a TV, por exemplo, levam as pessoas a querer sair, estudar, viver em lugar?

– Às vezes, sim. Aparecem muitos cursos e levam as pessoas a querer fazer.

– E o que aparece na tela, a moda, as roupas, será que influencia no gosto das pessoas?

– Para algumas pessoas sim, mas eu não sou chegada a roupas, não.

– Você acha que há muita fofoca aqui em Bocaina?

– Acho, é o que mais tem. Acho que é por ser um lugar pequeno. Às vezes é uma coisa que nem acontece e o pessoal vai e começa a falar. Existe muita fofoca.

####

A alegre Raquel nos recebeu em casa para esta entrevista. Ela é mais uma jovem de Bocaina que gosta muito do lugar, mas terá de sair para poder estudar. Já completou 20 anos e, após concluir o Ensino Médio, deu um tempo nos estudos para decidir que carreira seguir e onde estudar. Vive com os pais e a irmã, e toda a família é evangélica. O pai trabalha na roça, no mangueiro, e a mãe faz os serviços da casa.

– Raquel, como é viver em Bocaina?

– Eu gosto. Sempre vivi aqui desde pequena, sempre gostei e nunca tive vontade de ir embora. Só agora que estou pensando por causa do estudo.

– Então você pensa em sair para estudar?

– É, tem de ser, porque aqui é muito difícil. Se eu for fazer faculdade em Lorena, não tem como ficar viajando, é longe, mas nos fins de semana eu venho pra cá.

– E, depois de formada, você acha que dá para voltar a morar aqui?

– Ah, não sei, dependendo das oportunidades que aparecerem lá..., mas acho que não. Trabalho aqui é só na roça, no mangueiro.

– E como é o povo daqui?

– É um povo legal, as pessoas são legais, educadas, são boas, não tenho o que reclamar da vizinhança.

– Você assiste à televisão?

– Eu assisto. Não aqui em casa, pois meu pai vendeu, mas vejo na casa da minha avó onde estou ficando mais para cuidar dela que ficou doente.

- O que você gosta mais de assistir?
- Gosto de novelas, de jornal e alguns filmes. Gosto de ver o Fantástico, Malhação...
- E rádio, você ouve?
- Às vezes, mas não tenho uma rádio favorita.
- Você gosta de ler, Raquel?
- Não muito, e meu pai até pega no meu pé por causa disso, mas sou bem preguiçosa. Gosto, às vezes, de ver alguma revista, como Época, Veja.
- E internet, lhe interessa?
- Na verdade, não sou muito chegada. Minha irmã até briga comigo porque ela tem Orkut e eu não ligo, não sou dependente como minha irmã, que gosta de ficar na sala de bate-papo.
- Você acha que os meios de comunicação, como a televisão e outros, influenciam as pessoas, ajudam a mudar o jeito de ser, jeito de pensar?
- Algumas coisas pode ser que sim, mas outras não. A TV mostra muita coisa errada. Filmes de gangs levam a juventude a pensar nisso, em drogas. Algumas coisas são pesadas e não deveria mostrar. Algumas novelas, meu pai sempre fala, quando mostra um casal, a mulher começa a trair e parece que não tem problema, como se fosse normal. Algumas coisas não concordo, mas tem muita coisa boa, reportagens sobre o Brasil e o mundo inteiro, tem suas vantagens e desvantagens. Na verdade, você tem de saber o que assiste.
- Você tem o costume de sair, ir à casa dos outros?
- Sim, eu saio, vou à casa da minha prima para assistir filme, conversar. Na praça é difícil ficar. E quando tem alguma festa vou, mas é pouco.
- E quais são os assuntos das conversas suas?
- Ah, é sobre namorado, meninos, novela, roupa, umas bobezinhas.
- Você já teve namorado?
- Já, ele morava na cidade e não deu certo por causa da distância. Mas agora não quero namorar, sou mais os estudos.
- Você tem amigas aqui em Bocaina?
- Tenho muitas amigas, mas agora estão todas espalhadas, porque umas foram embora, outras ficaram, e a maioria é de Campos Novos.
- Como foi a educação que você recebeu dos seus pais?

– Meus pais não foram muito rígidos, até em questão de igreja. A maioria das minhas colegas é católica e meu pai nunca obrigou a ir pra igreja e dizia “você vai ser o que quiser”. Acho que eles são bem abertos e não obrigam você a fazer aquilo que você não quer. E não eram bravos, sempre conversavam e nunca levei uma surra, só uns tapinhas quando era pequena.

– Alguma amiga sua ficou grávida solteira?

– Ficou. Era uma colega da escola e ela começou a namorar e tinha planos para fazer faculdade, mas depois que terminamos o colegial ela contou que estava grávida e estava desesperada. O pai colocou ela pra fora de casa e ela foi morar com o namorado, mas a família dele também não aceitou. Agora, ela está bem e mudou tudo, pois a criança é o maior xodó do pai dela. Mas o sonho que ela tinha acabou tudo, porque agora ela tem uma filha pra criar.

– Você acha que ela agiu de forma errada?

– Não, não acho. Ela ficou triste por causa dos pais, mas ela gosta muito da filha e diz que sempre quis ser mãe.

– Você acha que não deve haver sexo antes do casamento?

– Na minha religião não pode, então no meu pensamento não é certo, mas não vou condenar uma pessoa por isso, pois hoje em dia mudou, não é como antigamente mais, né? Mas, para mim, não é certo porque é meu jeito de pensar desde pequena pela religião.

– Raquel, quais são os seus sonhos?

– Meus sonhos? Eu sonho em me formar, tirar carta de motorista, morar em outro lugar.

– Você acha que há fofoca por aqui?

– Tem sim, acho que por ser um lugar pequeno. Se acontece alguma coisa, todo mundo já fala. Tem gente que fica procurando saber pra ter o que falar. Eu acho ruim, mas fazer o quê, em todo lugar existe.

#####

Márcia é professora, mas não exerce mais a profissão. Tem 39 anos, é casada e mãe de uma adolescente. Foi criada numa família grande, com oito irmãos, e aprendeu a trabalhar desde menina. Passou alguns anos da infância em Bocaina e, aos 20 anos, voltou a morar no bairro. Gostaria de viver em

outro lugar, com gente de cabeça mais aberta, como nos disse nesta entrevista.

– Márcia, como é viver aqui?

– É difícil, e na verdade, tenho vontade de sair. O jeito do povo é diferente, é grande a preocupação com a vida do outro. Logo que me casei, chorava muito, pois achava que falavam de mim. Fico aqui por causa do trabalho.

– Como você descreveria o povo daqui?

– O povo tem pensamento fechado, reage de forma negativa ao que é diferente. Acho que na cidade as pessoas têm a cabeça mais aberta. Mas é um povo solidário, ajuda todo mundo. Todos doam 1 quilo de alimento, por mês, para a cesta da igreja e é feito um sorteio entre os que doaram. A Ministra da Eucaristia diz: ninguém é tão rico que não precise e nem tão pobre que não possa ajudar. Geralmente, quem ganha a cesta doa para alguém que precisa mais.

– Como foi a educação que você recebeu dos seus pais? Conte um pouco da sua história.

– A educação que recebi não foi rigorosa, só me fez bem. Minha mãe mostrou os dois lados, podia sair para passear... Minha mãe não conversava comigo como faço com minha filha. Era ela que cuidava e sustentava os filhos, pois meu pai nos deixou quando eu era pequena. Comecei a trabalhar com 11 anos numa padaria e o dono avisava que se aparecesse alguma fiscalização era pra dizer que era parente.

– E como você educa sua filha, Márcia?

– O que eu não gostava na educação que recebi, procuro melhorar. Não sou perfeita, mas sou mais aberta com minha filha, conversamos sobre tudo, sobre coisas de mulher, sendo que minha mãe não falava desses assuntos.

– Você gosta de ver TV?

– Gosto muito de novela, por um motivo: para ver gente diferente, bonita, ver as famílias. Vejo a novela das 9 da noite, na Globo. Também assisto missa. Todos os dias nos reunimos para rezar.

– E de ler, você gosta?

– Pra dizer a verdade, leio pouco, tenho preguiça e sou ansiosa, quero chegar ao fim logo.

- Você sai para visitar outras famílias?
- Eu sou caseira. Trabalho o dia todo. Saio pouco, é mais para ir à igreja, aos domingos.
- Como vocês ficam sabendo das coisas por aqui, como se informam?
- Sabemos pelos outros. Não existe informação, só boca a boca. Outra característica daqui é que a política é muito violenta. É a pessoa do político que vale. E todos têm um lado e sai até morte por causa disso. Acho que é ignorância. As pessoas vão muito pelo favor, pelo emprego e ficam devotas daquele político até a morte.
- Márcia, qual é o seu sonho?
- Meu sonho é ter paz, sem ter gente olhando. Desde antes de casar, sempre fui muito rígida no namoro e ainda disseram que eu estava grávida, o que me magoou demais.
- Você acha que aqui há muita fofoca?
- Nossa, demais. Tudo as pessoas comentam. Acho que é muita inveja. É o único defeito desse lugar pra mim. Deveriam gostar da conquista do outro, mas não é assim.
- Na sua opinião, os meios de comunicação exercem alguma influência sobre as pessoas?
- Eu acredito que sim, principalmente pelo luxo das novelas. As moças veem uma coisa que não têm e ficam querendo ter, e isso causa essa mente do povo daqui, a inveja. A novela mostra uma vida que não existe e tem gente que fica frustrada.

####

A Diretora da Escola de Bocaina, Angela M. M. Fagundes, foi uma fonte importante de informações sobre o bairro, desde a primeira visita, realizada em meados de 2009. Solícita e atenciosa, fez de tudo para colaborar não só com informações, mas em tudo o que foi preciso, como a busca de uma família que aceitasse hospedar a pesquisadora, já que no bairro não há uma pensão, e até com uma carona no seu fusca, um dos únicos carros que consegue percorrer a estrada que liga Campos de Cunha a Bocaina depois de alguns dias de chuva. Destemida e experiente, Angela foi acelerando o carro serra acima, desviando

das ribanceiras e das crateras que se abriram no caminho. Tinha acabado de voltar da licença maternidade pelo nascimento do seu segundo filho. Formada em Matemática e Pedagogia, é diretora da escola desde 2003.

– Angela, como é o povo de Bocaina?

– É um povo muito hospitaleiro. Aqui na escola, por exemplo, tudo o que você joga no bairro com relação a qualquer tipo de projeto da escola os moradores aceitam, abraçam e vêm de corpo e alma. Por exemplo, a festa julina será no dia 10 de julho e todos doam frango e outros alimentos e vai tudo para o leilão. Tem de ser assim, senão dá problema. Todos querem participar. São muito bacanas. Raramente temos problema de disciplina aqui na escola. Raramente acontecem alguns problemas. São tímidos e você tem de provocar.

– E como é a situação econômica dos habitantes?

– Aqui na vila, no bairro da Bocaina, as pessoas têm posse, tem terra, gado leiteiro. Antigamente havia muito milho e feijão, hoje praticamente não vejo mais, só em pequena escala, mais para o próprio consumo. É mais o gado leiteiro mesmo. Aqui na vila as pessoas até que têm posse, não acho que tenha pobrezinho aqui. Nos bairros vizinhos, principalmente Taquaral, que está bem dentro do sertão, Bocaininha, Boa esperança, lá pra cima, na divisa com Areias, ainda existem umas famílias bem pobrezinhas, mas o comer e beber elas tiram da terra, porque horta, porco e galinha qualquer casa que você for você vai ver.

– Você acha que é um povo que preserva a cultura local?

– Eu acho que sim, porque até pela vestimenta você pode observar. Se vestem dentro do normal, mas não o que é da moda. Eu acho que é a cultura. Até pelas casas, você observa que de uns dois anos pra cá é que há algumas casas melhores aqui no bairro. Isso porque os filhos saíram, estudaram, a consciência já abriu, voltaram e certamente auxiliaram os pais, alguma coisa assim, e construíram algumas casas melhores. Porque é o que te falei, tem terreno, tem gado, tem esse tipo de fonte de renda, mas a maioria das casas, se você observar, você acha que é gente bem pobrezinha, mas se for ver, tem 10 ou 5 alqueires de terra, não são latifundiários, mas sitiantes, pequenos proprietários.

– E os jovens estão saindo daqui?

– É, estão, porque não tem emprego, fonte de renda. Dentro do bairro, temos o posto de saúde e a escola como maior fonte empregadora, e os outros são domésticas, muito pouco. Então são só dois lugares, e os mangueiros. Assim, os jovens acabam saindo.

– Pelo o que você percebe nas crianças da escola, a educação que recebem é rigorosa ou não?

– Acho que é normal. Não sei de casos de agressão em casa.

– Você acha que existe muita fofoca no bairro?

– A fofoca está em todo lugar. Mas aqui na escola a gente procura fazer tudo de porta aberta, a escola não tem muro. Acredito que por estar sempre jogando às claras, falando aberto ao público eu nunca tive problema aqui em relação à escola, à minha vida. Acho que tem o normal de qualquer lugar.

####

Dona Sebastiana, uma senhora bondosa e simpática de 58 anos, ocupa uma função muito importante no bairro da Bocaina como Ministra da Eucaristia. Ela nasceu e sempre viveu nessa localidade. O marido trabalha na lavoura, plantando milho, feijão e verduras. Por sua participação ativa na vida da igreja do bairro, Dona Sebastiana foi convidada pelo padre da paróquia para ser ministra. Isso aconteceu há 14 anos. Suas atribuições são organizar e conduzir as celebrações na igreja do bairro, distribuir comunhão, visitar os doentes e levar comunhão para aqueles que não podem ir à igreja.

Conversamos com Dona Sebastiana na casa dela, em um domingo, enquanto preparava o almoço para os dois filhos e os netos que vivem no Distrito de Campos de Cunha e estavam para chegar a qualquer momento.

– Dona Sebastiana, como é o povo daqui?

– É um povo bom, hospitaleiro, ajuda, todos contribuem com alimento, com remédio, é um povo fraterno, amigável. Mas tem gente desconfiada. Numa época, o povo tinha medo de carro preto. Há muitos anos, uns 15 anos, diziam que carro preto roubava crianças. Se aparecia algum carro preto, o povo já ficava com medo, desconfiado.

– E como é a situação econômica dos moradores?

– Não tem ninguém muito pobre na comunidade. Antes era muita pobreza, sem cobertor, roupa, calçados, arroz..., hoje é diferente. E quando alguém passa dificuldade os outros ajudam. Na igreja, fazemos a campanha do quilo, todo mês, e o sorteio da cesta básica entre as 14 famílias que ajudam.

– A senhora acha que é um povo que mantêm as tradições?

– Sim, muitos gostam de manter a tradição e não aceitam mudanças. Eu acho que deveria mudar a festa de Reis (Festa dos Santos Reis realizada em janeiro), por exemplo. Devia ser só reza e sem comida, pois é uma festa que ajuda só o festeiro e não a igreja. Também não concordo com as festas católicas que têm bebida alcoólica e música com letra sem-vergonha, que fala mal das mulheres.

– Na opinião da senhora, há muita fofoca aqui?

– Não, eu acho que não. Muitas vezes é comentário, pois todos conhecem a vida do outro.

####

4.3 – Tentativa de interpretação das conversas

A maioria das mulheres entrevistadas em Bocaina e em Calca atua no sentido de manter a cultura e as tradições de sua comunidade, mas não apenas como repetidoras do que aprenderam e sim com sua vivência, que, de uma forma ou de outra, impõe algum tipo de mudança, de renovação ao que foi transmitido pelas gerações anteriores.

Freire (1987, p. 69) nos ensina que “ninguém educa ninguém – ninguém se educa a si mesmo – os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Essa troca, que se faz presente quando um educa o outro e vice-versa, contém, necessariamente, um pouco de cada um e, por isso, resulta em construção e reconstrução dos sujeitos. As pessoas se transformam continuamente. As culturas também. E seria limitado demais atribuir unicamente aos meios de comunicação toda a transformação observada em nossa sociedade, seja urbana ou rural, por mais importantes e construtores de significados que eles sejam.

Alguns entrevistados apontaram a mídia, especificamente a TV, como responsável por todas as mazelas da sociedade, como as dificuldades na educação dos filhos, os problemas com as drogas, entre outros. É compreensível esse pensamento, pois foi ele que vigorou por muitos anos, e continua vivo em alguns discursos, como fruto da crença de que o receptor é indefeso diante do poder da mídia e manipulado constantemente por suas mensagens.

As mediações com as quais nos construímos como sujeitos, e dentre as quais está a mídia, nos movimentam o tempo todo, em nossos pensamentos, atitudes, visão de mundo. E esse movimento não resulta na destruição de nossa cultura, de nossas crenças, e sim na sua constante reelaboração, pois, afinal, cultura é um processo, “é sempre um resultado que se conquista” (BOSI, 1987, p. 39).

As revelações contidas nas entrevistas são significativas e de grande riqueza por mais singelas que aparentam ser. Também sinalizam o modo de viver e de pensar próprio de habitantes de pequenas comunidades rurais, além de confirmar a situação de exclusão social e econômica em que vivem.

Apesar das diferenças culturais e econômicas observadas entre Bocaina e Calca, em ambas é latente o respeito aos antepassados, aos seus ensinamentos, o apego à família, que representam características de pequenas comunidades agrícolas, como observa Heller (2008, p.119).

Mesmo entre aqueles que receberam uma rígida educação ou entre as adolescentes que devem obediência aos pais, não houve questionamentos a essas ordens, e sim o respeito e a anuência à autoridade. Essa postura carrega a crença de que os pais sempre buscam o melhor para o filho, sabem o que é certo e o que é errado, e devem sempre ser obedecidos.

São os jovens que atualizam os costumes nessas comunidades, deixam entrar as novidades e aderem a algumas delas, embora um pouco receosos. Um exemplo é a nova forma de relacionamento chamada “ficar”, diferente do namoro pela ausência de compromisso. Adolescentes de Bocaina aderem ainda timidamente ao “ficar”, muito comum entre jovens e adultos das sociedades urbanas.

O desejo do jovem de morar na cidade, de estudar e trabalhar, é comum entre os habitantes do campo, que não encontram perspectivas de uma vida

melhor onde vivem. Esta é uma das causas da intensa migração do campo para a cidade verificada nos países que apresentam desenvolvimento desigual em suas regiões, como é o caso do Brasil e do Peru, neste último em proporções superiores.

O morador de Calca é um exemplo concreto da exclusão social e econômica na qual vivem milhões de latino-americanos. As políticas de inclusão adotadas pelo governo peruano, como o seguro integral, são ainda muito tímidas diante da pobreza e extrema pobreza que assolam parte da população. A beleza do lugar, a tranquilidade, a vida em comunidade, são algumas das qualidades do Anexo citadas pelos entrevistados. Entretanto, a ausência de uma remuneração justa para a produção e de apoio público para o desenvolvimento local dói na alma daquele povo trabalhador.

As gerações mais velhas preocupam-se com o esvaziamento populacional da comunidade, mas são obrigadas a incentivar os mais jovens a ir para a cidade, onde as oportunidades seriam maiores.

Em Bocaina, as mulheres entrevistadas gostam muito do lugar onde moram e da vizinhança, mas reclamam da “vigilância” exercida pelo bairro sobre seus habitantes. O bairro, como espaço social simbólico, tem o papel de regulador dos comportamentos, por meio da conveniência (MAYOL, 2008, p. 49), presente em toda coletividade, seja na cidade ou no campo, como já tratamos no Capítulo 3. Aparentemente, numa pequena vila rural, essa vigilância seria mais intensa, razão pela qual várias entrevistadas se queixaram das fofocas.

As conversas revelaram também que os habitantes utilizam os meios de comunicação, em especial a televisão e o rádio, como fonte de informação e de entretenimento, e que os impactos da mídia sobre seus costumes e tradições não são significativos. Eles se mesclam aos conteúdos das redes pessoais de comunicação dessas comunidades, voltados mais para assuntos locais e que os afetam diretamente do que para os grandes temas da mídia.

Os fortes vínculos pessoais entre os habitantes, a memória coletiva que os une, o compartilhamento das dificuldades e das alegrias, alimentam e estreitam as relações e estão refletidos nas suas redes de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer, conviver e tentar compreender habitantes de Bocaina e de Calca é mergulhar num universo de extrema riqueza e de vida intensa. Na sua simplicidade e persistência, ensinam que a felicidade não está na ostentação, no luxo, nos títulos, e sim nas coisas aparentemente simples da vida, como a solidariedade, a amizade, a presença.

A casa modesta e a comida simples no fogão à lenha não entristecem. O que magoa é o que vem de fora, como a discriminação, as promessas não cumpridas, a exploração, o esquecimento e a imposição de situações não desejadas, como, por exemplo, ir embora dali ou ter de incentivar o filho a fazer isso.

Tirando essas tristezas e conscientes de que as dificuldades fazem parte da vida, esses moradores se revelam em sua comunicação com o outro e com o mundo que os cerca. Também o jeito de receber, aberto ou desconfiado, dependendo da história pessoal e coletiva, já conta um pouco de cada sujeito e de cada povo.

Ao tentar identificar, descrever, analisar e compreender como se formam e como operam as redes pessoais de comunicação entre habitantes de pequenas vilas rurais, em lugares de encontro dessas vilas, e como a cultura local permeia os processos de comunicação que aí se desenvolvem, objetivo geral desta pesquisa, nós nos deparamos com um mundo repleto de significações construídas e compartilhadas pelos sujeitos de cada grupo social.

Com a ajuda de vários autores e da observação do cotidiano dessas comunidades pudemos compreender que o armazém é muito mais do que um lugar de comércio, o posto de saúde é mais do que apenas atendimento médico, a escola não é só lugar de estudo e a janela da casa não existe só para a entrada da luz e da brisa. Seus significados extrapolam os objetivos principais para os quais foram criados, tornando-se lugar de convívio, de comunicação, de reconhecimento, de partilha e de preservação da cultura local.

A visão de mundo do morador de Bocaina e do morador de Calca é fruto de sua cultura, de suas relações no interior da família e da comunidade, dos

significados que atribui a si mesmo, ao outro e à sua realidade e com os quais tenta compreender sua existência, integrar e ser reconhecido no grupo.

As heranças recebidas dos antepassados estão presentes em sua prática cotidiana, e algumas delas são mantidas até como resistência às transformações que atingem todo tipo de sociedade, seja urbana ou rural. Em pequenas comunidades agrícolas como Bocaina e Calca, essas mudanças ocorrem mais lentamente, dentro do ritmo de cada povo, que assimila, rejeita, integra e é capaz de “juntar o diverso e, sobretudo, de conciliar o antagônico como forma de resistir à inovação e à transformação” (MARTINS, 2008, p. 41).

Essa resistência pode ser também uma resposta à exclusão, à exploração e à discriminação que ainda estão presentes nas relações campo-cidade, na visão de cidade como a representação do poder dominante, do progresso, das oportunidades.

As inovações que desembarcam nessas comunidades, trazidas principalmente pelos meios de comunicação, como a TV e o rádio, podem ser ou não incorporadas, mescladas aos costumes locais, dependendo do significado que recebem. Algumas jovens já admitem o “ficar” como opção ao namoro, uma forma de relacionamento comum nas cidades e retratada nas novelas da TV, mas jamais desobedecem aos pais ou afrontam suas ordens, revelando o quanto valorizam a família, fonte alimentadora da tradição local.

Ao comentar sobre a experiência que já viveu de “ficar” com um rapaz, Bianca, jovem de Bocaina, afirmou categórica que não fará mais isso, “enquanto eu não tiver permissão dos meus pais, não vou mais fazer isso, porque... acho que não dá certo. Eles confiam na gente, né? Aí, depois acontece alguma coisa, principalmente minha mãe, não vai gostar”.

No meio dos Andes peruanos, na pobre e bela Calca, Clara sonha em estudar moda em Milão, mas faz questão de afirmar que entre seus planos está ajudar os pais camponeses e a nunca abandoná-los.

No universo repleto de mediações no qual vivemos e igualmente repleto de acontecimentos diversos, conquistas, fracassos, rotina, busca de pertencimento e de reconhecimento, são inúmeras as causas que levam à perpetuação e à renovação das culturas. E mesmo as culturas preservadas são sempre acrescentadas, recriadas, na subjetividade daqueles que a vivem.

Nesse processo, muito pesam as redes pessoais de comunicação, que, como apresentamos no Capítulo 3, adquirem significações especiais em comunidades pequenas, como Bocaina e Calca. Essas redes fomentam e dão novo sentido às relações interpessoais, fortalecem os vínculos de vizinhança e confirmam uma das características desse tipo de sociedade que é a de predominância das relações “face a face, profundamente permeadas de afetividade” (QUEIROZ, 1972, p. 201).

Essas relações e vivência estão presentes na reelaboração que cada um faz dos conteúdos dos meios de comunicação, apropriando-os, rejeitando e atribuindo novos sentidos às mensagens, e faz isso a seu modo, com base no seu repertório, o faz como sujeito da própria história.

Este estudo sobre as redes pessoais de comunicação em comunidades rurais, com todas as suas limitações, vai além da própria comunicação dos habitantes de Bocaina e de Calca ao tentar mostrar dois povos, anônimos, como tantos protagonistas da história latino-americana, e seu modo de ser, de viver e de se relacionar com o outro e com o mundo.

Se são esquecidos pela sociedade global marcadamente urbana, são lembrados por eles mesmos, quando resistem e insistem nessa vida, muito sofrida para muito deles, porém carregada do sentido que justifica a própria existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leila Sanches de. **Mãe cuidadora e trabalhadora**: as múltiplas identidades de mães que trabalham. Revista do Departamento de Psicologia, UFF, v. 19, n.2, p. 411-422, Jul./Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v19n2/11.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e Educação. In: FÍGARO, Roseli (Org.). **Gestão da Comunicação**: no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo. São Paulo: Atlas, 2005, p. 47-52.

_____. **Palavra e Discurso**: história e literatura. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. O Gestor e o Campo da Comunicação. In: _____ (Org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002, p. 15-27.

_____. Comunicação: interação emissão/recepção. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, Ano VIII, 23, jan./abr. 2002, p. 7-15.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Laan Mendes de. Cultura das mídias e mediações culturais. In: KÜNSCH, Dimas; _____ (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p. 127 a 151.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BLANCO, Ernesto Chagua. **Bailes e Danzas de Tarma**. 1a. edición, Tarma, Peru. Edição do autor. 2001.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd (et al). **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed., São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 7. ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CARNEIRO, Maria José. **O ideal rurbano**: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. 1998. Disponível em: http://74.125.155.132/scholar?q=cache:JEmndk-U1M0J:scholar.google.com/+Maria+Jos%C3%A9+Carneiro&hl=pt-BR&as_sdt=2000>. Acesso em: 11 set. 2010.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org). **Por uma outra Comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. 3. ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 13 fev. 2011.

_____. **Homem mais escolarizado tem maior participação nas tarefas domésticas**. Sala de Imprensa, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=954&id_pagina=1>. Acesso em 22 jan 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA (Peru). **Censo de 2007**. Disponível em: <<http://censos.inei.gob.pe/Censos2007/IndDem/>>. Acesso em 5 jan. 2011.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e recepção**. São Paulo, Hacker Editores, 2005.

KÜNSCH, Dimas. Teoria Compreensiva da Comunicação. In:_____; BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173 – 195.

_____. *Compreendo, ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística*. **Communicare**, v. 5, n. 1, 1º semestre 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão**. Terra Livre, São Paulo, Ano 18, n. 19, p. 95-112, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/usorestrito/MARTA.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. 3. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 39-68.

_____. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINO, Luiz C. O campo da comunicação e suas teorias. In: KÜNSCH, Dimas A; BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p.13 a 33.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2009.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; _____. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**. Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA (Peru). Disponível em: <<http://www.minag.gob.pe/sector-agrario/sector-agrario/3.html>>. Acesso em 4 jan. 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec : Fapesp, 1999.

QUEIROZ, M. I. P. de. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSANYI, T; QUEDA, O. (Orgs). **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Nacional, 1972.

ROCHER, Guy. **Sociologia geral 3**. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SEIXAS, R.; RABELLO, M. E.; CAVALCANTE, Juliane. Identidade cultural, comunicação e mediação simbólica nas sociedades de consumo: subsídios para aplicação do Direito do Consumidor. **Revista do Direito Privado da UEL**.

Londrina, vol. 2, n. 2, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/direitoprivado/artigos/Renato_Maria_Luciane_Identidade_Cultural_Comunicação_Mediação_Simbólica_Sociedades_Consumo.pdf>. Acesso em 1 dez. 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SHIRLEY, Robert W. **O fim de uma tradição**. Cultura e Desenvolvimento no Município de Cunha. Tradução João José de Oliveira Veloso. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

STAVENHAGEN, Rodolfo. A comunidade rural nos países subdesenvolvidos. In: SZMRECSANYI, T; QUEDA, O. (Orgs). **Vida Rural e Mudança Social**. São Paulo: Nacional, 1972.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8. ed. Barcarena - Portugal: Editorial Presença, 2003.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZUQUIM, Maria de Lourdes. **Os caminhos do rural**: uma questão agrária e ambiental. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=bvWMS8uMHDUC&pg=PA161&lpg=PA161&dq=popula%C3%A7%C3%A3o+do+bairro+de+bocaina+em+cunha&source=bl&ots=A-QRLuT_uy&sig=7xyhenjUPd3ed-vm7eHeSwvMD7w&hl=pt-BR&ei=mmxaTavnLYK78qbc38GvDg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=10&ved=0CFMQ6AEwCTgK#v=onepage&q=popula%C3%A7%C3%A3o%20do%20bairro%20de%20bocaina%20em%20cunha&f=false>. Acesso em: 15 fev. 2011.

ANEXO A – O mundo de Bocaina

Fotografias do Bairro da Bocaina: o centro da vila, as igrejas, o posto de saúde, a escola, a praça, os lugares de encontro e de comunicação de seus moradores, e a beleza do lugar.

Crédito de: Denílson Luís dos S. Moreira

Serra da Bocaina

Praça da vila de Bocaina

A escola do bairro

A presença da antena parabólica

A Igreja de São Roque

Igreja Assembleia de Deus

O centro da vila

Armazém do José Nilson

Um dos bares da vila

A quadra, no centro da vila

Bancos e brinquedos da praça

O Posto de Saúde

ANEXO B – O mundo de Calca

Fotografias do Anexo de Calca: a escola, a municipalidade, o posto de saúde, os lugares de oração, o centro do povoado, as chácaras, os camponeses, a bela paisagem.

Crédito: Denílson Luís dos S. Moreira

O caminho para Calca

O centro do Anexo com o prédio da Municipalidade e a praça

O Posto de Saúde

A escola

A capela

Instalações da igreja evangélica

Camponesas na chácara

Camponeses

Após a colheita

O caminhão que transporta os produtos para os mercados

A pastora

Mãe e filho